

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

ALICE FERREIRA TAVARES

IMAGINANDO TERRITÓRIOS E IDENTIDADES:
DESCONTINUIDADES E PERCEPÇÕES SOBRE CIDADE DE MACAÉ



Niterói
2022

ALICE FERREIRA TAVARES

**IMAGINANDO TERRITÓRIOS E IDENTIDADES:
descontinuidades e percepções sobre a cidade de Macaé**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Cultura e Territorialidades.

Orientador: Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa

Niterói
2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

T231i Tavares, Alice Ferreira
Imaginando territórios e identidades : descontinuidades e percepções sobre a cidade de Macaé / Alice Ferreira Tavares. - 2022.
111 f. : il.

Orientador: Wallace de Deus Barbosa.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Macaé. 2. Cultura. 3. Territorialidades. 4. Identidade. 5. Produção intelectual. I. Barbosa, Wallace de Deus, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

ALICE FERREIRA TAVARES

**IMAGINANDO TERRITÓRIOS E IDENTIDADES:
descontinuidades e percepções sobre a cidade de Macaé**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Cultura e Territorialidades.

Orientador: Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa

Banca examinadora

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa
Universidade Federal Fluminense - PPCULT

Prof. Dr. Leonardo Caravana Guelman
Universidade Federal Fluminense - PPCULT

Prof. Dr. Rodrigo de Azeredo Grünewald
Universidade Federal de Campina Grande

*Com amor, ao meu pai, Sebastião
Luiz Tavares (in memoriam), vítima
da Covid-19 e do atraso na compra
de vacinas, em 25 de maio de 2021.*

AGRADECIMENTOS

À minha família, minha mãe Eliana Tavares, meu pai Sebastião Luiz Tavares (*in memoriam*) e meu irmão Filipe Tavares por todo amparo e pelo exemplo de luta e dedicação ao trabalho e a vida. Ao Leonardo Saleh, meu companheiro, pelo apoio incondicional, pelo acolhimento, pelas leituras e pela companhia em todos os momentos. À Bia e João, meus sobrinhos. Às minhas tias Ana Cristina e Marisa, pelo suporte e o cuidado em momentos difíceis.

Ao orientador Wallace de Deus Barbosa, pelas trocas, compreensão do meu tempo e respeito ao meu trabalho.

Às queridas amigas Juliana Loureiro, Gisele Muniz, Ana Lucia Nunes e Joelma Perez pelo estímulo e apoio desde sempre. Ao amigo Henrique Barreiros e a Mayra Rosestolato pelo incentivo para o ingresso no mestrado.

Às amigas e amigos da turma 2020 do PPCULT, pelos acolhimentos e apoio.

À professora da graduação em Gestão Pública Sibelly Resch pelo incentivo. Aos coordenadores e docentes do curso de Pós-graduação em Cultura, Patrimônio e Educação do Instituto Federal Fluminense- *Campus Pádua*.

Ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades, à Universidade Federal Fluminense e ao corpo docente do PPCULT, por todo o aprendizado.

Aos professores da Banca de Qualificação deste trabalho, João Domingues e Flávia Lages pela contribuição.

Aos professores da Banca de Defesa Leonardo Guelman e Rodrigo Grünewald.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa de pesquisa.

RESUMO

Este trabalho aborda percepções das transformações territoriais dos habitantes da cidade de Macaé, localizada no norte do Estado do Rio de Janeiro, após a instalação da Petrobras, no final da década de 1970. Com características rurais, a cidade tem a sua urbanidade radicalmente transformada em um curto período de tempo: antigos moradores entendem que a cidade anterior à chegada da Petrobras possuía características turísticas, onde o comércio interno, a pesca e a ferrovia eram as bases econômicas da cidade que se tornou a Capital Nacional do Petróleo. Nesse processo são observadas resistências e novas formas de se relacionar com o território, indicando que as percepções das interferências no espaço são construídas a partir das discontinuidades na forma de se relacionar com o território da cidade, compreendendo a multiplicidade e complexidade de lugares em transformação e identidades em crise.

Palavras-chave: *Petrobras; Macaé; Imbetiba; cultura; território; identidade*

ABSTRACT

This paper addresses perceptions of territorial transformations of the inhabitants of the city of Macaé, located in the north of the state of Rio de Janeiro, after the installation of Petrobras in the late 1970s. With rural characteristics, the city has its urbanity radically transformed in a short period of time: former residents understand that the city before the arrival of Petrobras had tourist characteristics, where domestic trade, fishing and the railroad were the economic bases of the city that became the National Capital of Oil. In this process, resistance and new ways of relating to the territory are observed, indicating that the perceptions of the interferences in the space are built from the discontinuities in the way of relating to the city territory, understanding the multiplicity and complexity of places in transformation and identities in crisis.

Keywords: Petrobras; Macaé; Imbetiba; culture; territory; identity

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PESCA DE ARRASTO NA PRAIA DE IMBETIBA (1944)	29
FIGURA 2 - CRUZEIRO E IGREJA DE SANTANA	37
FIGURA 3 - VISTA AÉREA DA REGIÃO CENTRAL DE MACAÉ.....	41
FIGURA 4 - VISTA AÉREA DO BAIRRO LAGOMAR.....	46
FIGURA 5 - OCUPAÇÃO TERRITORIAL (EM DESTAQUE) DA ÁREA URBANA DE MACAÉ EM 1956.....	49
FIGURA 6 - OCUPAÇÃO TERRITORIAL (EM DESTAQUE) DA ÁREA URBANA DE MACAÉ EM 1989.....	50
FIGURA 7 - OCUPAÇÃO TERRITORIAL (EM DESTAQUE) DA ÁREA URBANA DE MACAÉ EM 2020.....	50
FIGURA 8 - RUA DA PRAIA E SEUS CICLISTAS (1953).....	54
FIGURA 9 - PRAIA DE IMBETIBA (1953).....	55
FIGURA 10 - BANHISTAS E BICICLETAS NA PRAIA DE IMBETIBA (1953)..	55
FIGURA 11 - OBRAS DE CONSTRUÇÃO DA PETROBRAS EM MACAÉ	67
FIGURA 12 - OBRAS DE CONSTRUÇÃO DA PETROBRAS EM MACAÉ II ...	67
FIGURA 13 - FOTOMONTAGEM COM DETALHES DA PRAIA DE IMBETIBA.....	68
FIGURA 14 - OFICINAS DA EMPRESA FERROVIÁRIA LEOPOLDINA RAILWAY	71
FIGURA 15 - PRAIA DE IMBETIBA NA DÉCADA DE 1970.....	73
FIGURA 16 - PRAIA DE IMBETIBA EM 2016.....	75
FIGURA 17 - PRAIA DOS CAVALEIROS	76
FIGURA 18 - VISTA AÉREA DE MACAÉ A PARTIR DO BAIRRO DA GLÓRIA.....	78
FIGURA 19 - VISTA AÉREA DO RIO MACAÉ E PONTE DA BARRA	85

FIGURA 20 - BOI SUAVE VENENO	89
FIGURA 21 - MENINO SEGURANDO SEU BOI MIRIM.....	90
FIGURA 22 - RODA DE CHORO NO BICO DA CORUJA	91
FIGURA 23 - RODA DE CHORO NO BICO DA CORUJA II	92
FIGURA 24 - RODA CULTURAL DE MACAÉ NA PRAÇA WASHINGTON LUIZ	93
FIGURA 25 - RODA CULTURAL MACAÉ (#YOUVIVE) (2013)	94
FIGURA 26 - COLAR DE ESCAMAS DE PEIXE	95
FIGURA 27 - MOLDURA DE ESPELHO COM PELE DE PEIXE E PALHA DE TABOA.....	95
FIGURA 28 - HOMEM DE MACACÃO LARANJA OBSERVANDO A PRAIA DE IMBETIBA	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A CIDADE – CAMINHOS PARA CHEGAR ATÉ AQUI.....	17
1.1 Concretizando a imaginação.....	23
2. A CIDADE TRANSFORMADA.....	28
2.1 O lugar chamado Macaé.....	34
2.2 O território a partir da década de 1970.....	40
3. “...MUITO CHEIO DE MAR E PETRÓLEO...”.....	53
3.1 A memória da cidade – interstício.....	53
3.2 Imbetiba e outras relações com o mar e a praia.....	67
4. ELABORANDO TERRITÓRIOS E IDENTIDADES; RUPTURAS E CONTINUIDADES.....	77
4.1 Territorialidades e continuidades.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

O estudo da cultura e da identidade cultural na cidade de Macaé, no norte do Estado do Rio de Janeiro, ainda é pouco explorado. A falta de incentivo público para o desenvolvimento de pesquisas nesses campos, aliado à inexistência de cursos de graduação e pós-graduação no campo das ciências sociais na cidade, resulta em escassas, mas importantes, produções que investigam as transformações culturais e seus reflexos na população local e migrante a partir desta ótica. Por mais que a transformação cultural na cidade seja colocada como questão consolidada e seja abordada a partir de diversas vertentes conceituais, estudá-la a partir de conceitos fundamentais de cultura e identidade pode contribuir para entendimento do processo e não somente das consequências do fenômeno.

A pesquisa desenvolvida para esta dissertação está inserida na Linha de Pesquisa 2 do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades: Performances, Agências e Saberes Culturais da Universidade Federal Fluminense. Nesta linha, entre outras questões, em uma perspectiva interdisciplinar, são analisadas as interações sociais e disputas que concebem identidades, territórios e espacialidades. Por meio da abordagem que considera que os elementos possuidores de agência mobilizam dimensões performativas e “acionam modalidades e qualidades ritualísticas, imaginárias, religiosas e artísticas” (PPCULT...), neste trabalho busco enfatizar as referências que contribuíram para construção imaginada e dualista da cidade de Macaé.

Ao pensar como os sujeitos se posicionam e performam o seu lugar na cidade transformada é aberta a possibilidade para entender as expressões de alteridade existentes no território que corroboram, dentro da sociedade macaense, as dicotomias temporais e espaciais que se estabeleceram na cidade. A reunião e análise de relatos, testemunhos, memórias serve não somente ao objetivo de registrá-las, mas de entendê-los como parte de uma construção imaginária da comunidade. Apesar da utilização dessas fontes, este trabalho não pretende ser um estudo exaustivo das memórias da cidade e não seria possível fazê-lo ao compreender que as memórias acessadas são apenas um recorte de percepções da realidade de um determinado período e grupo.

No primeiro capítulo, inicio este trabalho a partir da minha perspectiva em relação à cidade e à pesquisa, compreendendo que minha trajetória de vida e percepção sobre a cidade precisam ser pontuadas e localizadas na construção desta dissertação. Dos caminhos que percorri para elaboração desta pesquisa, considero que as referências adquiridas ao longo do tempo, como moradora, cidadã e, especialmente, como servidora pública me possibilitaram acesso à diversas fontes que constituem este estudo.

O segundo capítulo, tem como objetivo contextualizar o município de Macaé, assim como sua criação a partir de sua construção geográfica e histórica e apresentar dados atuais sobre a configuração social, econômica, populacional com o intuito de compreender a composição do município. Para isso, parto do princípio de que a criação da cidade, que ocorreu da mesma forma que quase a totalidade das cidades brasileiras formadas no período colonial, com a ocupação da igreja católica, foi alicerçada no aldeamento de indígenas e na criação de fazendas monocultoras que se valiam de mão de obra escravizada.

Os primeiros relatos existentes sobre o que chamamos hoje de território macaense, que abordo brevemente nesta parte, considerando que não são objeto central desta análise, são limitadas aos escritos de viajantes, exploradores e colonizadores que produzem uma visão estereotipada e eurocentrada da população indígena e, posteriormente, somam-se memórias de proprietários de terras e instituições, como a igreja católica, sobre a população africana negra traficada para o Brasil e seus descendentes.

Em seguida, tento pensar a constituição desse lugar chamado Macaé a partir, principalmente, dos conceitos vindos da geografia: espaço e território. Desta forma, se faz necessário, nesta análise, mesclar as definições que conceituam o desenho jurídico/político/administrativo do território com a corrente teórico- conceitual que define o território como construção simbólica, refletindo sobre as relações de poder estabelecidas.

Macaé é um município de grande extensão territorial-física. Segundo o IBGE (2022), é o terceiro maior do Estado, mesmo tendo diminuído consideravelmente nos últimos setenta anos, com a emancipação de três distritos. É pouco maior que o município do Rio de Janeiro, porém com uma densidade populacional bem menor que

a capital. Assim, a cidade possui, atualmente, uma concentração populacional na região litorânea e um pequeno número de moradores na região serrana.

As duas regiões de ocupação do município possuem características distintas, em relação à sua história, desenvolvimento e como foram afetadas pelo crescimento da cidade. Diante disso, os limites desse trabalho são estabelecidos na região litorânea macaense, como dito anteriormente, não somente porque existe uma ocupação física massiva da pequena porção de terra no litoral, mas porque há diferença na percepção dos moradores desta área em suas relações com o próprio litoral.

No que se refere aos dados populacionais e de crescimento, é necessário pontuar, que mesmo em trabalhos desenvolvidos recentemente, as fontes estão defasadas, baseados principalmente no Censo do IBGE do ano de 2010, porém com alguns dados atualizados e do Programa Macaé Cidadão dos anos de 2007, 2008 e 2012. Trago também dados de outras fontes como indicadores produzidos pela Confederação Nacional dos Municípios. Neste capítulo busco utilizar o conceito de memória, cultura, transformação cultural e identidade cultural, vindos principalmente de autores inseridos no âmbito da antropologia e dos chamados “estudos culturais”.

No terceiro capítulo, irei me concentrar nas produções acadêmicas e oficiais das últimas décadas, entrelaçadas aos relatos de moradores desde a notícia das instalações da Petrobras, em uma tentativa de demonstrar como macaenses e migrantes experimentaram as transformações e como elaboraram as novas condições de vida. Ressalto que, já no início da década de 1990, foram publicados trabalhos sobre os impactos da instalação da Petrobras na cidade. Em sua maioria, essas produções se concentram nos dados incontestáveis, que ainda são objeto de análise nos trabalhos atuais, sobre o aumento do número de migrantes, a ocupação desordenada do território, a violência urbana, a desigualdade social, as consequências ambientais para as áreas marítimas e de restinga da região. Outros se concentram nas transformações culturais utilizando as memórias da “antiga Macaé” e nos relatos da “nova Macaé” que surgiu.

Este capítulo tem o objetivo descrever e analisar alguns dos aspectos que impactaram a cidade de Macaé a partir do final da década de 1970, tanto a partir de estudos realizados sobre a cidade, quanto pelas perspectivas de moradores locais e

de pessoas que se tornaram moradores em decorrência do trabalho na Petrobras. Esses materiais, de diversos campos de estudo, foram produzidos em universidades do estado do Rio de Janeiro e de outros estados e cidades como São Paulo e Brasília. Os artigos, relatos, poemas e letras de música que reproduzo são em parte oriundos de publicações de jornais da cidade e, em parte, disponibilizados pelos próprios autores, por meio digital, como sites e plataformas de vídeo, livros de editoração própria, sendo parte das publicações destinadas ao registro da memória local e outros registros do próprio momento.

Identifico, em princípio, cinco grandes aspectos recorrentes nas falas e pesquisas: os apagamentos ou silenciamentos, aumento desordenado da ocupação do território físico, aumento do número de migrantes, elevação dos índices de violência urbana e os impactos socioambientais. Apesar de compreender que todos os pontos são interligados e se atravessam permeando todos os relatos citados, neste momento, irei me concentrar na descrição de relatos e memórias em relação aos três primeiros: apagamentos, ocupação do território físico e imigração, e as percepções geradas.

Se por um lado este capítulo carece de outros olhares, de migrantes das classes populares, pessoas periféricas e grupos subalternizados, este não é o objetivo final deste trabalho, em contrário. É importante evidenciar que as falas registradas de moradores locais são, em sua maioria, de homens, brancos e de prestígio social do momento em que falaram. Entendo que este capítulo funciona como uma parte de consolidação dos dados, análises, visões produzidas até o momento e estão amplamente divulgadas.

Além disso, no final deste capítulo elaboro uma breve análise das percepções sobre a Praia de Imbetiba, local onde a Petrobras foi primeiramente instalada. Entendo que a praia por si só não representa a totalidade da cidade, porém, Imbetiba possui um valor simbólico nas memórias dos moradores e um valor histórico, já que foi local onde diversos acontecimentos expressivos ocorreram ao longo da história da cidade, sendo valioso para o estudo como exemplo de desterritorialização/ reterritorialização contínua, a partir dos seus usos e funcionalidades.

Em um quarto momento, pretendo consolidar a ideia de territorialidades e identidades múltiplas buscando encontrar caminhos para trabalhar as diversas formas

de existência e identidade cultural, entendendo estes territórios e identidades, não como um conceito fixado em um tempo passado e perdido, mas como fruto de processos, mutável e diverso que surgem em uma construção entre passado, presente e futuro, conceito fluído em espaços relativos a quem vê, de onde se vê e do que é sentido em processo constante de re-territorialização e apropriação. Buscando um recorte necessário para este trabalho, apesar de não desconsiderar as visões e estudos sobre a cidade que a consideram pela perspectiva de lugar de passagem e temporário, pretendo me voltar especificamente para relatos, leituras e percepções que tratam Macaé como território significativo e espaço de vivências.

Dessa forma, neste último capítulo, me esforço para escapar de uma perspectiva dicotômica que divide a cidade entre o antes e o depois, distintos, separados onde a possibilidade de futuro só existe a partir da morte de um determinado passado. Não deixarei de considerar a grande ruptura que ocorreu a partir da instalação da Petrobras na cidade, mas penso em olhar as transformações da cidade de outro modo, onde o velho e o novo se relacionam e se afetam. Entendendo a linearidade dos acontecimentos no tempo/espaço, acredito em linhas de tempo que se sobrepõem quando pensamos em percepções sobre diferentes pontos sobre a cidade. Assim, me interesso em falar sobre a descontinuidade na percepção da identidade cultural do macaense e a construção de novas percepções de identidade, onde a cidade tem seu sentido transformado ao longo dos anos e como os moradores se organizam atualmente nos espaços, como interagem com o lugar. Das várias cidades que se sobrepõem e as formas de se relacionar com esse espaço considero a existência de muitos territórios.

1. A CIDADE - CAMINHOS PARA CHEGAR ATÉ AQUI

Da cidade que conheço e posso descrever, em parte, pela memória, como uma moradora de décadas, integram a paisagem, o mar e as praias, o Pico do Frade e as Ilhas de Santana, os barcos pesqueiros e os navios petroleiros. Daqui onde estou, posso elaborar um caminho imaginário onde, em um deslocar de espaço-tempo, posso chegar a Macaé por uma, de duas rodovias de acesso, em um dia de semana qualquer, percorrer a cidade, em sua parte litorânea, de ponta a ponta, de norte a sul e ver, que as ruas da cidade, apesar da impossibilidade de caminhar livremente somente após dois anos de pandemia, me parecem familiares.

Começaria pela rua da Praia para observar os pescadores ocasionais ou pela rua Direita para ver o comércio e as pessoas apressadas, passaria pela praça Veríssimo de Mello até o Mercado de Peixes e caminharia até a Imbetiba para olhar o mar, passando pela rua Benedito Lacerda e pelo Bico da Coruja¹, com sorte poderia escutar um chorinho da calçada. Do centro, poderia também atravessar a ponte da Barra, que passa por cima da Foz do Rio Macaé, ir para a “zona norte” da cidade, e observar a Praça dos Pescadores, o Aeroporto e o CEHAB², onde morei por nove anos, e ver, da estrada, o bairro da Fronteira e Lagomar todos surgidos nos últimos 40 anos. Se voltasse ao centro e fosse no sentido contrário, passaria pela Petrobras, chegaria aos bairros nobres, nas praias Campista, Cavaleiros e Pecado até ao outro limite da cidade depois da Lagoa de Imboassica, áreas também urbanizadas nas últimas décadas em atendimento às novas demandas habitacionais.

Recorrendo às memórias de infância, entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, quando, até os oito anos fui moradora do centro da cidade, frequentadora das praias de Imbetiba, na região central, e dos Cavaleiros, atualmente “zona sul” da cidade, Macaé era, para mim, o que os macaenses chamam antiga: cidade resumida a região central, de veraneio e onde se andava a pé e brincava-se despreocupada pelas ruas, tínhamos carnaval com boi e bonecos, procissões, cinema

¹ Bar e Roda de Choro chamado Bico da Coruja, criado há cerca de quarenta anos, onde se realizam rodas abertas de choro e samba, às quartas-feiras. A Roda acontece na Rua Benedito Lacerda, no bairro Imbetiba, região central da cidade.

² Conjunto habitacional construído na década de 1980, pela Companhia Estadual de Habitação do Rio de Janeiro (CEHAB). O bairro localizado ao lado do Aeroporto Municipal é chamado de Parque Aeroporto. É um dos mais populosos do Município. Foi construído com intuito de atender à crescente demanda por moradia dos trabalhadores das classes populares e da indústria do petróleo.

de rua, em um tempo mais vagaroso, propiciado pelo território que reconstruo pelas memórias da infância. Minha surpresa, em um fenômeno comumente retratado em muitas pesquisas no campo dos estudos espaciais, veio anos depois, quando, já adulta, descobri que a minha antiga Macaé, do meu tempo de “antigamente”, já era a cidade destruída pela Petrobras e que eu não tinha vivido os anos da verdadeira e “velha Macaé”.

De fato, ao pesquisar sobre a cidade pude constatar que a Macaé que conheço não é a cidade descrita nas palavras de cronistas, jornalistas, poetas e pesquisadores que vivenciaram a instalação da Petrobras no final da década de 1970 e relataram inicialmente seu espanto com as alterações que se seguiram. Posteriormente, com um olhar comparativo, determinaram o que era a cidade antes da Petrobras e no que se transformou a cidade depois, diversas vezes em uma separação entre o velho/bom, novo/ruim, macaense/não-macaense, em um processo de criação de fronteiras, sem as quais não seria possível determinar o que é a cidade e quem a habita. Em pesquisas, pude constatar também que como em todo processo histórico, a cidade também não era única e sim composta por muitas possibilidades de leitura, diversas percepções e diversos apagamentos, sendo possível delimitar a quem pertence à memória da antiga Macaé.

Apesar de não ter nascido em Macaé, minha família, como tantas outras, mudou-se para cá no final da década de 1980, vinda da cidade de Conceição de Macabu, antigo distrito de Macaé, em busca de trabalho na cidade em desenvolvimento, escasso no lugar de origem, quando eu tinha ainda quatro anos de idade. Nesse estabelecimento em Macaé, uma relação distinta foi criada com a cidade por mim e por meus pais que sempre se mantiveram ligados a cidade natal e nunca se reconheceram como macaenses. Tempos depois pude ver mais distinções criadas além do ser e não ser macaense.

Eu, portanto, diferente dos meus pais, me identificava e ainda me identifico como macaense. Foi nesta cidade que cresci, e que para mim se traduz o sentido de lar. Curioso pensar que, quando falo da minha cidade de nascimento, não falo de um lugar distante, Conceição de Macabu, onde nasci, fica a apenas 47 quilômetros de Macaé. Antigo distrito foi emancipado por duas vezes, a primeira no final do século XIX, que foi revertida tempos depois, e a segunda, em 1952. Segundo historiadores,

estudiosos da emancipação do distrito, o desejo de separar-se de Macaé (sua sede administrativa) esteve fortemente presente entre os moradores, que empreenderam esforços políticos e sociais nos sessenta anos que separam uma emancipação de outra, nunca abandonando a ideia de autonomia.

Assim, somos integrantes da mesma região, os deslocamentos são de poucos minutos, porém, as identificações são diferentes. Dessa minha primeira percepção, veio meu primeiro questionamento: ainda é possível a identificação do indivíduo, em uma sociedade fragmentada, em crise de identidade, como diz Stuart Hall (2020), com o território?

Em determinados momentos da minha trajetória de vida nos últimos anos ocorreram mudanças em minha própria percepção sobre a cidade. Essas transformações vêm dos diversos lugares que ocupo e ocupei: como moradora de alguns bairros com realidades diferentes na cidade, como servidora pública municipal e como cidadã. Primeiramente, na minha “descoberta” de que aos olhos de outros não sou macaense. É preciso dizer que em Macaé comumente as conversas rotineiras se dão em torno da pergunta: “mas você nasceu aqui ou veio morar aqui?”. Entendo que essa pergunta não é algo trivial, ao que pode parecer em um primeiro olhar, ela está inserida a cada nova relação que se estabelece quando conhecemos alguém ou em conversas efêmeras de filas de bancos.

Em 2010, quando entrei no serviço público municipal e comecei a trabalhar no museu da cidade de Macaé, Solar dos Mellos³, pude conhecer duas correntes por vezes opostas e contraditórias, por vezes complementares, entre a memória e a história. No Museu que abriga também um Centro de Memória, de nome Antonio Alvarez Parada, os estudos históricos refutam os relatos memorialísticos, mas também se alimentavam deles. No Museu tive acesso a um sem-número de fontes, acervos e pessoas que vivem e pensam a cidade. No Solar dos Mellos também tive contato, por exemplo, com outra teoria sobre o desenvolvimento de Macaé.

Segundo estes estudos, baseados em dados de ocupação territorial da igreja católica, a cidade se desenvolveu e cresceu, primeiramente, não na região litorânea,

³ O Museu da Cidade de Macaé - Solar dos Mellos, foi criado em 2005 junto a extinta Subsecretaria de Acervo e Patrimônio Histórico e atualmente está ligado à Secretaria Municipal de Cultura. Abriga diversos acervos sobre o Município, como acervo eclesiástico, jurídico-cartorial, fundos de fotografias, de jornais e fontes bibliográficas que abrangem desde o século XVIII até o século XXI.

onde noventa e oito por cento da população reside atualmente, mas na região serrana da cidade⁴. Dessa experiência, rica em muitos sentidos, não considero o resultado mais importante do que a minha relação com as pessoas que conheci, do que as manifestações culturais que presenciei e participei, dos lugares que vivi e visitei, do que observei da cidade.

Assim, cheguei ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) em 2020, onde meu projeto inicial falaria sobre os grupos de produção de artesanato tradicional em Macaé e região pertencentes às comunidades pesqueiras. A atividade não tradicional na cidade, desenvolvida nos últimos vinte anos, é feita, em sua maioria, por mulheres de pescadores locais que não necessariamente são nascidas em Macaé, mas fazem parte da comunidade pesqueira de outras regiões do país integrantes do que poderíamos chamar de rede de comunidades.

Em pesquisa anterior, realizada para conclusão de um curso de especialização em Cultura, Patrimônio e Educação no Instituto Federal Fluminense (IFF), pude perceber indícios de uma forte ligação com a cidade e como havia uma relação entre a produção de artesanatos e a cultura pesqueira de Macaé. Nesse projeto, buscava demonstrar que apesar de não terem origem na cidade, essas mulheres e suas produções mantinham uma relação afetiva e identitária com elementos e espaços tradicionais da cidade, portanto, não seria necessário ter nascido na cidade, ter vivido a Macaé anterior a Petrobras para manter uma relação de identificação com espaço e território concebido e pensado anteriormente. A partir disso, pensei na possibilidade de demonstrar, além das minhas experiências pessoais, que a cidade poderia ser analisada não somente como lugar de passagem ou apenas de trabalho, como popularmente é conhecida.

Com o início da pandemia e das medidas de isolamento e a impossibilidade de, naquele momento, realizar a pesquisa junto aos grupos, vi que não era possível o trabalho com as artesãs como havia projetado, mas comecei a pensar em outras formas, outras possibilidades de estudos, nos quais eu pudesse abordar o tema proposto. Assim, o objetivo principal do trabalho se mantinha o mesmo: investigar a

⁴ No capítulo Notas sobre a presença da Igreja Católica na antiga Macaé, no livro Povoamento, Catolicismo e Escravidão na Antiga Macaé, Franco e Rodrigues (2011), apontam dados de crescimento econômico que ratificam a tese do crescimento na chamada Freguesia de Nossa Senhora das Neves do Sertão do Rio Macaé, região onde hoje está localizada um dos distritos da região serrana do Município.

construção e continuidade das identidades ligadas ao território fragmentado em uma cidade transformada de forma abrupta.

Em dois artigos escritos no período em que estive no PPCULT, o primeiro deles intitulado Praia de Imbetiba: Reflexões sobre a paisagem e território (2020), que utilizo em parte nesta dissertação e o segundo, “Esta terra em nasci já não é mais a mesma’: Breve análise das crônicas de Antonio Alvarez Parada” (2020) sobre a cidade de Macaé, apresentado no XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura em 2021, comecei a me aprofundar nas relações entre os moradores da cidade e o espaço ocupado e vivido e em como a cidade e as transformações ocorridas a partir da década de 1970 impactaram os moradores e suas relações com o território macaense. A escolha por esses dois temas para a elaboração dos artigos não ocorreu de forma casual, pelo contrário, tanto a Praia de Imbetiba, como o memorialista Antonio Alvarez Parada, que os moradores da cidade chamam de Tonito, são respectivamente lugar e pessoa que habitam o imaginário popular macaense, os estudos sobre a cidade e minha própria relação com Macaé.

Dessa forma, trago para este trabalho esse instante em alusão à minha relação com a cidade porque é a partir dela que ele se desenvolve. É a partir do desejo de compreensão das dinâmicas do espaço em que estive e estou inserida que busco produzir uma entre tantas leituras já existentes sobre a cidade de Macaé. Em meio a diversas formas de análise e interpretação já elaboradas que farei referência nas páginas seguintes deste trabalho, que enfatizam as rupturas simbólicas, culturais, políticas e econômicas, busco pensar que a cidade de hoje, ontem e do amanhã é dotada de múltiplos territórios, existências e não foi e não é homogênea.

Reconheço que as lembranças da infância e adolescência, por vezes exageradamente românticas, bloqueiam meus olhos aos acontecimentos externos. Assim, busco expandir o meu olhar, também limitado, a uma cidade que imaginei em um certo momento, para as possibilidades de uma Macaé ou de um ser macaense, que existe além da memória já estabelecida, em sentido a um entendimento de uma Macaé, fruto de outras experiências, diaspóricas, dos migrantes de outros locais da região e do país, que vai dos pescadores tradicionais aos petroleiros, entre tantas possíveis, dentre as pessoas que permaneceram na cidade e das que se estabeleceram no local.

O título traz algumas palavras-chave importantes para a leitura deste trabalho, já que são fruto de minha interpretação e das necessidades surgidas no período de desenvolvimento da dissertação. A primeira delas, *imaginando*, no tempo verbal gerúndio, veio pela ideia de processo, de continuar pensando no espaço e no território que habito de forma contínua. Apesar de geógrafos afirmarem que o território não pode ser fruto da imaginação,⁵ tomei a liberdade de escolhê-la já que a pesquisa, extremamente afetada pelo isolamento imposto pela pandemia me causou um distanciamento da cidade em que vivo e do meu campo de pesquisa, assim, somente foi possível pensá-la, por um longo período, a partir dos recursos imaginativos, em uma reunião de memória, construção e reconstrução, portanto, imaginando a cidade.

A segunda palavra-chave, *descontinuidades*, escolhi a partir da lógica da ruptura que a cidade sofreu, e a partir das construções que vejo serem feitas sobre o local, nos quais existe passado e futuro, portanto um tempo descontínuo, na minha compreensão, sem um presente. Neste trabalho tento pontuar essas descontinuidades em uma cidade que se constrói em detrimento às práticas e manifestações que continuam existindo, apesar da Petrobras, que continuaram a existir e foram criadas através dos migrantes, apesar de terem vindo de outros lugares do país, em uma tentativa de inversão do pensamento de que a cidade foi descontinuada e em uma perspectiva de existências e resistências no espaço-tempo afetado.

Por fim, a palavra no plural, *percepções*. Nesta reflexão, considero que possuem a mesma medida de importância, os fatos e os modos como as pessoas vivenciaram e vivenciam as experiências transcorridas na cidade e como se deram de modo factual exatamente essas experiências. Ao longo do tempo pude constatar e reforçar que são múltiplos os fatores que levam o indivíduo a interpretar e perceber sua experiência no mundo. Não quero, por isso, descartar os fatos e dados científicos, mas quero pensar que as experiências não são únicas e são relativas em tempo e espaço, em tempo e forma de ocupação do espaço, quando destaco o período específico de análise. Assim, escolhi sempre pontuar a percepção dos moradores

⁵ No artigo Da desterritorialização à multiterritorialidade (2003, p.13) Rogério Haesbaert, afirma, sobre o território, que: “Assim como não é algo dado, presente de forma inexorável na nossa vida, também não é uma mera invenção, seja como Instrumento de análise dos estudiosos. seja como parte da Imaginação geográfica dos indivíduos”.

(nascidos ou não em Macaé) em relação aos diversos acontecimentos e transformações da cidade.

Por mais que existam limitações relacionadas ao tempo disponível para a pesquisa, ao período em que foi desenvolvida e toda a necessidade de adaptação à vida devido à pandemia, a forma de vivenciar o mestrado e a pesquisa, acredito que neste trabalho acumulo algumas referências que adquiri nos últimos anos em minha trajetória do lugar que eu falo após as diversas experiências vividas, considerando a pesquisa como resultado da minha experiência, antes da pesquisa e pela pesquisa.

A motivação inicial para este trabalho talvez seja a busca de um lugar na cidade para mim mesma, no lugar de não-macaense/macaense em meio às inúmeras fronteiras criadas para as possibilidades de construção de Macaé. Por isso, penso em como minhas experiências podem se cruzar com referências de experiências outras, de pessoas que viveram anos antes de mim, das que viveram no mesmo tempo/espaço que eu e possuem o mesmo tipo de memória afetiva por determinados lugares, que eu mesma possuo.

1.1. Concretizando a imaginação

Impactos, consequências, transformações, fim, início, ciclos, passado, memória e identidade são palavras presentes em inícios de textos e análises sobre a cidade de Macaé, afinal, os moradores desse lugar do interior do Estado do Rio de Janeiro, a duzentos quilômetros da capital, vivenciaram mudanças em sua experiência de vida cotidiana de forma rápida, impositiva, muitas vezes passiva (por escolha, ou não) ou à margem do que ocorreu a partir do final da década de 1970: a instalação da empresa nacional de exploração de petróleo (Petrobras), iniciada em 1977, na cidade que, até então, possuía sessenta e cinco mil habitantes e características majoritariamente rurais.

Seja do ponto de vista de quem estava em Macaé e assistiu a instalação da sede da empresa estatal na região central da cidade, frisa-se que em período de ditadura militar, onde o porto e suas exigências para instalação modificaram a paisagem e a utilização da praia de Imbetiba; seja do ponto de vista dos ferroviários que viram a instalação da parte administrativa da Petrobras ser feita no mesmo local onde funcionavam as oficinas da empresa ferroviária Leopoldina *Railway*, espaço de trabalho do significativo grupo de trabalhadores organizados contra o regime

estabelecido; seja para quem mudou-se para a cidade para ocupar as vagas disponíveis no novo empreendimento, quase tudo na cidade de Macaé, era novidade. Dessa novidade para quem estava naquele determinado momento, daquele determinado espaço, de um ponto de vista onde o fluxo da vida foi descontinuado, a paisagem foi acumulando novas referências, gerando novas relações e, portanto, possibilitando a criação de outros territórios e territorialidades.

Se a motivação para a escrita desta dissertação teve impulso inicial no desejo de entender o espaço em que estou inserida e como a cidade se configura como um território ou multi territórios, minha busca pessoal não encerra as motivações para entender as dinâmicas, os processos e as possibilidades de pensar a cidade de Macaé. As consequências decorrentes de uma ação que fez parte de um projeto nacional em um modo de vida e no espaço físico local, de forma não planejada, é um tema amplo e passível de diversas abordagens: econômicas, sociais, culturais, ambientais, assim como, demonstrar como a população local e migrante, que hoje tem descendentes locais, se viram/veem nesse espaço, a partir das distintas leituras espaço-temporais desses habitantes, as adaptações e as modificações da vida cotidiana da cidade.

Considerando que os espaços, os territórios e as culturas são fruto de processos, trocas culturais, interações, interferências nas paisagens, rupturas, disputas e de construções imaginárias dos próprios habitantes ao longo do tempo, podemos afirmar que um acontecimento, como o que ocorreu na cidade de Macaé, é capaz de destruir tudo que o precedeu? É possível pensar que uma nova cidade se formou e se sobrepôs a uma anterior? Outros eventos ocorridos anteriormente à instalação da Petrobras também não se constituem como rupturas? Devemos olhar para a identidade no singular, somente ligada a ideia de território, portanto somente uma identidade territorial ou podemos pensar que as identidades são categorias elaboradas como elemento de distinção e são processuais, flexíveis, mutáveis e múltiplas? O objetivo deste trabalho é analisar em que medida as transformações ocorridas na cidade de Macaé nas últimas décadas contribuíram para uma construção dualista de uma identidade macaense ao desconsiderar que as identidades únicas são fruto de construções reais, mas também imaginárias da sociedade, que se constituem por meio de elementos relacionais entre os grupos sociais, mas também por elementos temporais, geracionais, coloniais, capitalistas e hegemônicos.

O evento que marcou esse espaço/tempo da cidade de Macaé, não é único, quando identificamos outras cidades que receberam a Petrobras e não é único ao pensarmos em uma cidade não industrializada que recebe qualquer outra indústria de grande porte. A cidade de Salvador e o Recôncavo baiano, por exemplo, - considerando as proporções entre a cidade do nordeste brasileiro e Macaé - passou, anos antes, por impactos que se repetiram, com muitas semelhanças na cidade do norte do Estado do Rio de Janeiro, anos mais tarde, ao receber o primeiro complexo de exploração de petróleo do país.

No início dos anos de 1950, o Recôncavo Baiano foi a primeira região a receber estudos sistemáticos para exploração de petróleo no Brasil pela recém-criada Petrobras. Nesta mesma década, em 1953, foi criada a Petrobras, em meio a disputas de cunho nacionalista que defendiam a exploração estatal do petróleo no país e a defesa do capital privado e estrangeiro. Ainda na década de 1950 e pelos anos seguintes, a região foi a única onde se produzia petróleo no Brasil. A nova atividade econômica encerrou a indústria da cana-de-açúcar e os investimentos decorrentes da atividade, os recursos provenientes dos salários alteraram a economia baiana e a dinâmica do Recôncavo e de Salvador.

Nas últimas décadas, habitantes de outras cidades do Estado do Rio de Janeiro, como Rio Bonito e Maricá, também experimentaram as transformações urbanas decorrentes da indústria do petróleo e gás. Além disso, as transformações decorrentes da globalização, urbanização, acesso a serviços, mobilidade e comunicação devem ser elementos considerados em uma análise. Macaé passou por transformações especialmente quando falamos a partir da observação que o município de características rurais se transmutou em território essencialmente urbano.

As principais atividades econômicas desenvolvidas desde a criação do município foram: o comércio interno, a produção de alimentos, a atividade sucroalcooleira, a pesca (importante economicamente e culturalmente até os dias atuais), a atividade ferroviária, o turismo, a indústria de petróleo, gás e o setor de serviços. A atividade econômica que mais impactou a cidade no período pós-colonial, certamente foi a indústria do petróleo e gás. Principalmente a partir das últimas duas décadas com crescimento não planejado e a dificuldade do poder público em atender a todas as demandas de adequação urbana e de direitos sociais levaram ao aumento

da violência, a áreas ocupadas pelo tráfico e pelas milícias, a um expressivo número de pessoas em situação de extrema pobreza, em moradias precárias e a impactos no meio ambiente. Se por parte da indústria do petróleo a cidade é meramente um território físico e unifuncional, próximo à Bacia de Campos, se para o poder público a cidade é uma potência sempre com a possibilidade de crescimento econômico e de cidade de futuro promissor, para parte dos habitantes a cidade é morada.

Diversas produções bibliográficas acadêmicas e não acadêmicas, como teses, dissertações, publicações da prefeitura municipal, produções de memorialistas, historiadores e artistas sobre Macaé se aprofundaram na discussão sobre a história da cidade e principalmente nas transformações experimentadas pelos moradores e que ocorreram na cidade nos últimos 50 anos. São demonstrados múltiplos espaços e territórios sobrepostos no mesmo espaço físico, designados para a mesma paisagem. Estão disponíveis estudos dos mais variados campos e produções artísticas e culturais que refletem a cidade, a memória e suas identidades.

Além da produção acadêmica vinda principalmente de universidades localizadas em Macaé e em outras cidades do estado do Rio de Janeiro, a prefeitura municipal por meio de servidores/ pesquisadores é grande produtora de publicações sobre a cidade. A Secretaria Municipal de Cultura, a Secretaria Municipal de Educação e o Observatório da Cidade, (vinculado à Secretaria de Educação) produzem material periodicamente servindo de fonte para pesquisas. Neste trabalho escolhi também utilizar produções artísticas e moradores da cidade como possibilidade de observação das percepções locais sobre o fenômeno estudado. Entendendo que se torna relevante pontuar quem fala nessas produções, é importante entender que essas produções se misturam.

Evidencio que, dentre essas fontes, alguns livros produzidos e editados pela Prefeitura Municipal, de caráter de uma história geral do município, são importantes consolidadoras e formadoras de referência do que é cidade de Macaé, escolhendo quais são as perspectivas abordadas ou enfatizadas. Assim, pretendo pontuar alguns momentos presentes nessas produções, especialmente de cinco livros publicados nos últimos 20 anos. Dessa forma, ao mesmo tempo que utilizo essas produções como fonte para o trabalho, elas são também objeto de análise.

Relembro, para apontar caminhos para este trabalho, Boaventura de Souza Santos que utiliza termo bastante recorrente em trabalhos e em movimentos pela cultura recentemente e propõe, a partir dos conceitos de ausência e emergência, a necessidade de “expandir o presente e contrair o futuro” indicando que “só assim será possível criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje.” para ser possível “evitar o gigantesco desperdício da experiência de que sofremos hoje em dia”. (SANTOS, 2002, p.45). São nessas experiências do agora, que permitem acessar outros pontos do tempo-espaço na cidade que pretendemos vislumbrar.

2. A CIDADE TRANSFORMADA

[...] Chegava nessa praia que você viu, a Praia da Imbetiba ali, que não tinha nada daquilo, não tinha aqueles quebra-mares ali. Eu era moleque novo e a gente ia para lá com umas linhas, não tinha nem linha para pescar, era uma linha de algodão encascada, tingida com aroeira. Tem uma árvore de aroeira, se você tirar a casca dela e tingir, não tinha nylon para você pescar. Aí nessa praia a gente matava muito peixe, até lá dentro da Petrobrás mesmo, você entrava direto, não tinha Petrobrás, não tinha nada. Matava peixe, muita pescada, muita corvina, muito caçãozinho pequeno assim. Hoje você não encontra mais nada, nada por aí. Nada, nada, nada (Maury da Conceição Pacheco, 2013)

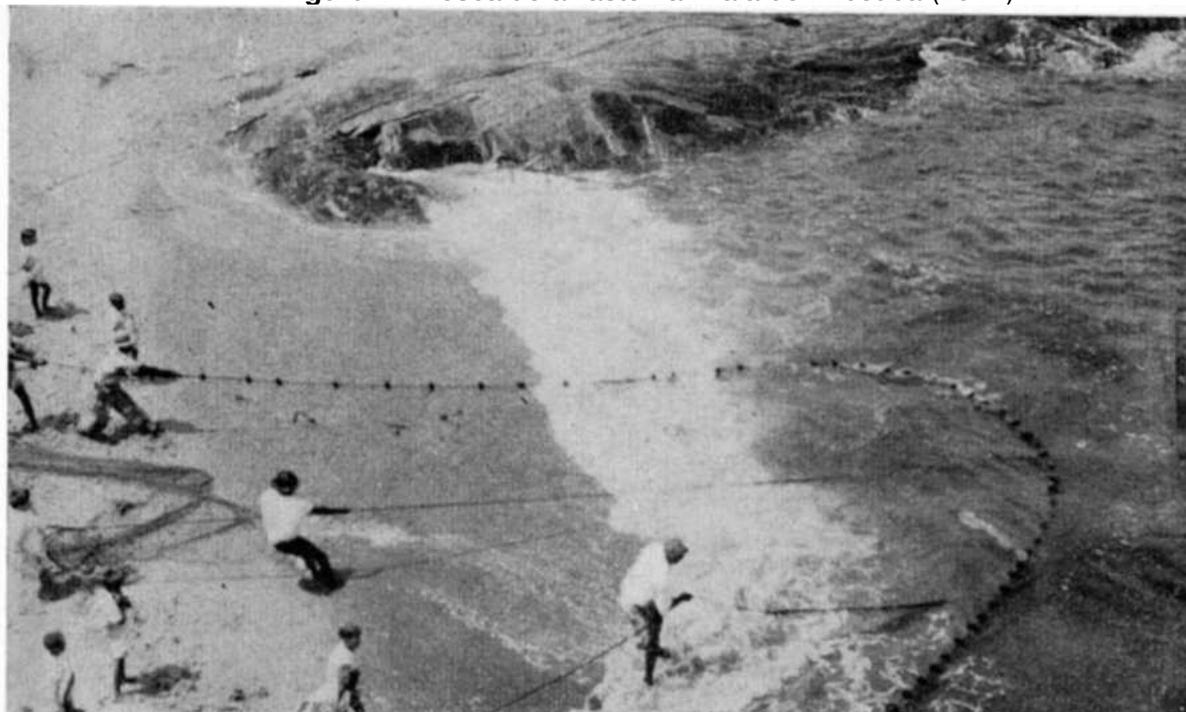
O trecho de relato que utilizo para iniciar este capítulo faz parte de uma das entrevistas concedidas ao projeto *Cabo Frio, Itapemirim, Macaé, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra na Memória e Vida dos Seus Moradores* do Museu da Pessoa⁶, em 2013. Chama atenção no relato que, ao citar seu local de pesca na praia de Imbetiba em tempos passados, Pacheco, afirma que naquele lugar não havia nada, a Petrobras ainda não estava lá. Hoje, quando vai pescar no mesmo lugar, diz que já não se encontra mais nada, não existe nada por ali. É certo que, ao falar sobre o segundo “nada”, o entrevistado conta sobre não haver mais peixes naquele trecho de mar, mas a fala nos traz pontos interessantes da relação deste morador com seu território. O “nada” inicial indica a não existência da ocupação daquele espaço pela empresa, que posteriormente o ocupa de forma predatória e acaba deixando o vazio de possibilidades de ocupação pela população não especializada. Assim, o nada inicial é a possibilidade de ocupar o espaço vazio com sua própria relação com a praia, o mar, a pesca, finalmente com sua própria prática cotidiana.

Alberto Lamago afirma em *O Homem e a Restinga* (1944) que Macaé era lugar de pescadores: “quase tôdas essas cidades de restingas, mesmo Cabo Frio e Macaé, criadas por motivos estratégicos, nasceram sobretudo pela pesca [...] transmitida por gerações, e tão visível em tôda a população dêsses núcleos litorâneos” (p.239). A pesca artesanal na cidade de Macaé remonta há tempos mais distantes do que o citado por Lamago, a atividade tem origem nas populações anteriores à colonização. Da mesma forma, a pesca é atividade presente atualmente na cidade, mesmo com os

⁶ O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida aberto à participação de toda pessoa. Fundado em 1991, o Museu da Pessoa acredita que contar, escutar, conhecer e preservar histórias de vida pode mudar seu jeito de ver o mundo. Fonte: <https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/> Acesso em: 01/09/2022.

conflitos gerados pela indústria do petróleo e a diminuição dos cardumes, estima-se que pelo menos dez por cento da população de Macaé viva da pesca artesanal (FERREIRA, et al 2019, p.94). Principal atividade socioeconômica da cidade até a década de 1970, a pesca artesanal foi e é o modo de vida de uma comunidade que se mantém ao longo do tempo, resiste e se adapta às transformações ocorridas em Macaé.

Figura 1 - Pesca de arrasto na Praia de Imbetiba (1944)



Fonte: Fotografia de Alberto Lamego em *O Homem e a Restinga* (1944)

Raymond Williams em *A cultura é de todos* (1957), nos convida a pensar sobre os propósitos gerais e comuns, considerando os sentidos pessoais profundos da cultura. Afirma que as sociedades humanas têm suas formas próprias, com suas vontades, significados e direções comuns e são formadas a partir da descoberta desses significados e direções, se construindo e reconstruindo nos modos individuais de pensar:

Uma cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus membros são treinados; e as novas observações e significados, que são apresentados e testados. Estes são os processos ordinários das sociedades humanas e das mentes humanas, e observamos através deles a natureza de uma cultura: que é sempre tanto tradicional quanto criativa; que é tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço

criativo. [...] A cultura é de todos, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar. (WILLIAMS, 1957, p. 2)

Em *The Long Revolution* (2001), o sociólogo galês, segundo Azevedo (2017) que utilizo aqui a tradução, cristaliza a cultura em três conceitos: a cultura como ideal, que é a cultura como “um estado ou processo de perfeição humana, definidos nos termos de certos valores absolutos ou universais” (AZEVEDO, 2017, p.211); a cultura como documentação onde “a cultura é o corpo dos trabalhos intelectuais e imaginativos em que o pensamento e a experiência humana ficaram várias e detalhadamente registrados” (AZEVEDO, 2017, p.211) e a cultura como modo de vida, “de natureza social ou sociológica, a cultura refere-se a estilos de vida particulares, articulados por meio de significados e valores comuns, oriundos de instituições e expressos no comportamento ordinário.” (AZEVEDO, 2017, p.211). Para analisar a cultura, Raymond Williams indica a necessidade de combinação dos conceitos:

[...] a análise irá variar, no âmbito dessa definição, de uma ênfase no “ideal” (a descoberta de valores absolutos ou universais, ou pelo menos mais altos ou baixos), passando pelas práticas “documentadoras”, desta feita voltadas à clarificação de um modo de vida particular, até o estudo propriamente dito de significados e valores particulares, buscando não tanto compará-los (como forma de estabelecer uma “escala”), mas, pelo estudo desses modos de mudança, “descobrir certas ‘leis’ ou ‘tendências’ gerais, pelas quais o desenvolvimento social e cultural como um todo pode ser mais bem compreendido” (WILLIAMS, 2001, p. 58).

Seguindo, neste trabalho, a trilha mostrada por Raymond Williams, a análise sobre a cidade e suas transformações passa pela observação das fontes bibliográficas e documentais sobre Macaé, não somente como registros, mas também como documentadoras de um modo de vida particular, no sentido apresentado, as descrições das práticas cotidianas para, finalmente, construir um entendimento das tendências gerais para apontar as discontinuidades ou rupturas existentes nos períodos descritos.

Nesse sentido, não é possível assumir um conceito de cultura homogeneizada onde as práticas ordinárias se manifestam de uma mesma forma em todos os territórios, espaços, classes, gêneros, etnias e raças, mas sim de uma cultura hegemônica e o fato de que existem certos modos de vida que são modificados, silenciados ou mesmo exterminados no percurso histórico, social e cultural, por significados e valores que “vividos como práticas, parecem se confirmar uns aos outros, constituindo assim o que a maioria das pessoas na sociedade considera ser o

sentido da realidade” (WILLIAMS, 2005, p.8). Esse sentido ou um novo sentido de realidade, que é elaborado pela grupos hegemônicos, em um movimento de substituição do que vinha sendo formado nos últimos séculos, no caso de Macaé, se impôs fortemente em um período recente.

O acontecimento mais contemporâneo que se entrelaçou a todos os outros acumulados no tempo foi o município tornar-se sede da Petrobras e as consequências decorrentes dela. Isso não significa, de modo algum, que outros eventos não sejam determinantes para a formação da cidade, porém, nesses momentos de descontinuidade são evidenciados dentro do sentido de cultura hegemônica e dominante, o que Williams (2005) chama de tradição seletiva, ou seja, aquilo que é transmitido “como ‘a tradição’, ‘o passado importante’”:

Mas o principal é sempre a seleção, o modo pelo qual, de um vasto campo de possibilidades do passado e do presente, certos significados e práticas são enfatizados e outros negligenciados e excluídos. Ainda mais importante, alguns desses significados e práticas são reinterpretados, diluídos, ou colocados em formas que apóiam ou ao menos não contradizem outros elementos intrínsecos à cultura dominante e efetiva. (WILLIAMS, 2005, p.8)

O território que chamamos macaense está sempre em transformação, não somente a partir da década de 1970, mas de uma forma ampla ao longo do tempo desde a criação do que entendemos ser a cidade de Macaé. Essas transformações, ao mesmo tempo, edificam o espaço e o ressignificam. Transformação cultural, segundo Stuart Hall (2013, p.232) “é um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas”. A cada transformação ou ruptura ocorrida, não somente são postos em contato diversos modos de vida diferentes, mas efetivamente e intencionalmente, podem modificar a forma como a cidade é vista e sentida, em algumas ocasiões alterando o modo de vida existente e em outras o tornando inviável.

Essas transformações são percebidas e sentidas pelos habitantes do local e por estudiosos a partir do lugar que estão no mundo, na sociedade e na cidade. Nesse estudo, as percepções são colocadas em destaque além das informações produzidas em uma abordagem fenomenológica dos acontecimentos. De acordo com Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da Percepção* (1994), a fenomenologia é uma filosofia que ambiciona ser uma “ciência exata” ao mesmo tempo que “é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vivididos’” (p. 5) que não deve ser considerada como

“Espírito absoluto”, mas a partir da qual “as perspectivas se confrontam, as percepções se confirmam, um sentido aparece.”

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. [...] (MERLEAU-PONTY, 1994, p.18)

Constituindo assim, “a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...]” (p.6), mas destacando que as experiências não são fruto de acontecimentos fortuitos:

Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu "psiquismo", eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. [...] (PONTY, 1994, p.7)

A bibliografia sobre a cidade de Macaé, principalmente, mas não exclusivamente, dos últimos cinquenta anos, mostra a percepção de mudança, nesse caso vindoura, antes da década de 1970. Ainda em 1961, em crônica publicada no periódico Macaé em Revista, Renato Justo anunciava que a cidade já estava livre da praga de Motta Coqueiro⁷ e “após um século em que, bem-feitas as contas, permanecemos estagnados, alheios a tudo que pudesse significar progresso e civilização, novos horizontes se abrem plenos de esperança, anunciando para os macaenses o raiar de uma nova era [...]” (JUSTO, 1961). O cronista fala em um momento em que já havia estudos para utilização do porto de Imbetiba, as fontes existentes sobre o período indicam que os moradores não tinham conhecimento de quais funções ou empresa ocuparia o porto, somente sobre sua reativação.

Posteriormente, encontramos em diversas análises e conclusões que os impactos gerados pela Petrobras afetaram não somente a matriz econômica,

⁷ Manoel da Motta Coqueiro foi fazendeiro da região de Macaé. Acusado de assassinar uma família de colonos que vivia em terras de sua propriedade foi condenado oficialmente à morte pela força em 1855. O fazendeiro ficou conhecido por muito tempo como o último condenado à morte no Brasil. A lenda diz que momentos antes de ser executado Motta Coqueiro teria proferido a praga de que a cidade de Macaé não teria progresso durante 100 anos. A lenda bastante conhecida e difundida na cidade permeia o imaginário dos moradores que especulam que a cidade só voltou a crescer passado o tempo da praga.

ambiental, social, mas cultural e identitária. Para Carvalho (2019), a chegada da Petrobras consolidou uma nova Macaé em detrimento da velha e gerou não somente a dicotomia velha/nova, mas o desejo dos moradores pela manutenção da cultura local ao mesmo tempo que usufruíram das novas possibilidades surgidas a partir da integração na rede de municípios produtores de petróleo:

[...] a crise se estabelecera na velha Macaé com a chegada da Petrobras ia se consolidando em uma sociedade nova, a medida que o município assumia a liderança tanto na produção, quanto como sede regional da empresa. [...] É curioso perceber a dicotomia social em confrontos culturais (LARAIA, 2006) quando ouvimos com certa naturalidade, o desejo de se manter na rede ao mesmo tempo em que conserve a antiga cultura local. (CARVALHO, 2019, p.23)

Ressiguier (2011, p.21) ao estudar sobre os impactos da expansão da malha urbana em espaços ambientalmente sensíveis em Macaé, afirma que em um contexto de ditadura militar, desenvolvimentista, onde o objetivo era diminuir a dependência externa de produtores de petróleo, a cidade foi escolhida sem que sua estrutura urbana fosse considerada. Assim,

Nesse contexto as transformações foram muitas em todos os aspectos: econômico, estrutural, comportamental, ambiental, enfim em todos os níveis e têm refletido muito na identidade da população nativa, que se encontra coadjuvante de um processo em que ela pouco interfere. As inovações tecnológicas deram um choque cultural na cidade, "os forasteiros" já trazem seus hábitos e costumes. (RESSIGUIER, 2011, p.22)

Abreu e Silva e Faria (2012, p.130), defendem que "O impacto do capitalismo, no processo de desenvolvimento urbano de Macaé, mostra o seu quase desaparecimento enquanto cidade". As transformações geradas pela entrada da cidade na lógica capitalista a partir da instalação da Petrobras, principalmente pelo êxodo rural e pelo processo migratório, gerou bolsões de pobreza e teve como principal impacto a segregação urbana. Nesse processo:

Esquecidas no tempo ficaram as construções históricas, os bens materiais e imateriais. A ausência de projetos do poder público para preservação destes bens desconsiderados enquanto patrimônio histórico, gerou uma sociedade que desconhece sua essência, não discute o seu passado, não constrói sua identidade a partir da memória do lugar em que vive e, conseqüentemente, não discute o seu presente e o seu futuro. (ABREU E SILVA, 2012, p.117)

Os autores apontam o que é irrefutável: a cidade cresceu em poucas décadas e se modificou. Isto me leva a retornar ao sentido de transformação cultural, onde, neste processo "Em vez de simplesmente 'caírem em desuso' através da Longa Marcha para a modernização, as coisas foram ativamente descartadas, para que outras pudessem tomar seus lugares." (HALL, p.232), ou seja, transformações e

substituições são processos comuns nas culturas mas há certas circunstâncias em que esse processo acontece de maneira compulsória para os habitantes.

Dessa forma, há três pontos principais a serem considerados: o processo comum às sociedades quando em contato com outras referências culturais se hibridizam e se auto influenciam; as delimitações e criações de fronteiras, talvez para a proteção de grupos da sociedade que se unem e determinam quem são invasores (os migrantes e seus descendentes serão eternamente estrangeiros?) daquela cultura, apontando quem são os outros; e as modificações decorrentes da própria modernidade, do capitalismo e da urbanização, onde por influências múltiplas transformam determinados aspectos da cultura. Que outros marcadores espaço/temporais foram veículos das transformações que culminaram na cidade de hoje?

2.1. O lugar chamado Macaé

Para abordar a formação do território chamado macaense, neste momento, é necessário retroceder alguns séculos, em um movimento importante para pontuar como a construção de um território é marcado por rupturas e descontinuidades que, ou não são possíveis de serem visualizados através dos objetos acumulados no tempo- espaço, ou precisam ser evocados a partir de outras perspectivas para serem lembrados.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) trata da visão eurocêntrica e dualista da presunção da Europa como criadora da modernidade. Para Quijano, a Europa - criada apenas após a América e a partir da América (primeira referência geocultural do mundo) - e os europeus conseguiram nos últimos séculos convencer a si mesmos e a todos de que a modernidade racional, tecnológica e crítica surgiu nela própria. Nesta criação:

[...] o mito fundacional da versão eurocêntrica da modernidade é a ideia do estado de natureza como ponto de partida do curso civilizatório cuja culminação é a civilização europeia ou ocidental. Desse mito se origina a especificamente eurocêntrica perspectiva evolucionista, de movimento e de mudança unilinear e unidirecional da história humana. Tal mito foi associado com a classificação racial da população do mundo. (QUIJANO, 2005, p. 127)

Chimamanda Ngozi (2019, p.13) diz que “é impossível falar sobre a história sem falar sobre poder”. Ao falar sobre a palavra em *igbo*, *nkali*, substantivo que significa “ser maior que o outro”, as histórias são definidas, para a escritora nigeriana,

pelo mesmo princípio da palavra citada "como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder". Assim é, na maioria das vezes, contada a história do Brasil. A partir da chegada do colonizador, da chegada de portugueses, das tentativas de invasão e estabelecimento de ingleses e holandeses, a partir das ocupações de territórios indígenas, de aldeamentos feitos pela igreja católica, de criação de freguesias, criação de fazendas e instituições político-administrativas que delimitaram o que conhecemos hoje como as cidades e os municípios.

Na história de Macaé, não é diferente. O que conhecemos e entendemos como município de Macaé, suas divisas, sua configuração espacial, sua construção e constituição é localizada a partir da colonização e a origem indígena só não é totalmente apartada da paisagem e memória da cidade, pelos sítios arqueológicos, pelos elementos linguísticos presentes no nome que a cidade carrega que, segundo estudiosos, tem origem indígena e possui em seu significado a identificação da palmeira macaba doce, comum na região e, por fim, pelos relatos de viajantes que produziram descrições estereotipadas/eurocêntricas das populações originárias. Não fosse o nome, os símbolos municipais e nomes de alguns lugares que o referenciam, em nada haveria a lembrança ou memória dos povos que habitavam o lugar, na cidade de hoje.

Notícias relatam que no período da construção de um dos terminais da Petrobras em Macaé, o de Cabiúnas em nas construções mais recentes de termelétricas, material arqueológico foi encontrado em escavações. Em 2010, parte deles foi exposto pelo Museu da Cidade de Macaé. Na ocasião foi informado que se tratava de "material arqueológico da cultura indígena - análises laboratoriais apontam que as peças, encontradas onde hoje é o Terminal de Cabiúnas, têm cerca de dois mil anos." Além disso, outros sítios arqueológicos foram identificados na cidade, como o sítio de Argilito, Ilha de Santana, Sambaqui de Ury e Sítio Cabiúnas. Porém, não foi possível encontrar notícias ou informações recentes sobre os sítios ou sobre a guarda do material recolhido.

Como destaca Alves (2014) em artigo sobre as representações dos indígenas Goitacá na cidade de Campos dos Goytacazes, são escassos os relatos de viajantes que percorreram a planície e escreveram sobre "os mais terríveis índios dos Brasis".

Segundo a autora, as representações na paisagem campista se limitam ao topônimo do município, a uma estátua na entrada da cidade e ao nome do time de futebol mais conhecido, o Goitacaz. Nos relatos e na historiografia macaense, o que se vê frequentemente sobre os indígenas trata das dificuldades no estabelecimento de núcleos colonizadores e desistência de ocupação das terras pela “hostilidade” da mesma população, como vemos nos escritos de viajantes.

Em 1592, Thevet fala sobre seu desembarque no lugar chamado Macaé “fugiram os velhos selvagens, julgando tratar-se de seus inimigos, os portugueses; pelo o que foi preciso dar-lhes as maiores provas de segurança para que, afinal, viessem ter ao encontro dos franceses (...)” (CAUTIERO, et al, 2013) Jean de Léry (1557) relata a terra avistada “ocupada pelos Uetacá, índios tão ferozes que não podem viver em paz com os outros e se acham sempre em guerra aberta não só contra os vizinhos, mas ainda contra todos os estrangeiros”. (CAUTIERO, et al, 2013)

Couto Reys (1785?) relatou sobre os indígenas chamados Sacurus ou Saruçus que encontrou no Rio São Pedro que “andavam a pescar falavam sofrivelmente o Português que eu bem entendi (...) de gênio mais dócil, e pacífico, ou seja, pela debilidade das suas forças, ou porque estejam mais domésticos pela frequência de se comunicarem com os outros da mesma nação (...). Da construção da história a partir da visão dos colonizadores, os Goytacaz, foram obstáculo para a ocupação e exploração da região, os aldeamentos só foram possíveis a partir de enfrentamentos, extermínio e deslocamentos de populações indígenas de outros estados para sua criação. (CAUTIERO, et al, 2013)

Originalmente território de indígenas da etnia Guarulhos ou Guarus, a região onde hoje está localizado o município de Macaé, a partir do século XVI, passou por inúmeras tentativas de ocupação por colonizadores portugueses, franceses, holandeses e ingleses, primeiramente com o objetivo de extração e controle do contrabando de madeira. Assim, ainda no século XVI, foram construídas pelos portugueses, fortificações na região de Cabo Frio e Macaé que, segundo Penha (2001, p.21), “promoveram também extermínio indígena e a abertura de várias áreas destinadas à lavoura e criação de animais”.

No século XVII, no ano de 1630, os jesuítas “se estabeleceram nas terras onde hoje se situa Macaé com currais destinados ao descanso para o gado proveniente da

Campos dos Goytacazes” (AMANTINO, 2011, p.44). Na fazenda dos jesuítas, foi edificada a capela de Santana em um morro elevado de onde, ainda hoje é possível ver grande parte da cidade. A capela transformada em igreja é um dos símbolos macaenses, tanto por sua localização que serve de referência geográfica, pode ser vista de muitos lugares, pela religiosidade e em valor menos enfatizado, pela representação da colonização católica da cidade.

Figura 2 - Cruzeiro e Igreja de Santana



Fonte: Biblioteca do IBGE

No início do século XVIII, segundo Amantino, os jesuítas iniciaram a criação de duas fazendas, uma próxima à Lagoa de Imboassica e outra próxima à foz do Rio Macaé, a de Santana: “Tal fazenda contava com engenho, colégio e uma capela sob invocação da mesma santa, e produzia açúcar, farinha de mandioca e madeira de construções navais e edificações” (AMANTINO, 2011, p.45) além dos já existentes currais. Além dos jesuítas, outras fazendas particulares de produção de alimentos, criação de gado e com engenhocas de açúcar existiam na região de Macaé (PENHA, 2001). A mão de obra dessas fazendas era de pessoas escravizadas. A criação de aldeamento com populações indígenas só ocorreu no final do século XVIII com os indígenas Guarus, no interior, na região serrana.

Após o processo de expulsão dos jesuítas e sequestro de seus bens, arremate e venda da Fazenda Macahé, o então arraial foi elevado à condição de Vila em 1813, recebendo o nome de Vila de São João de Macahé. Anteriormente ligada à Vila de São Salvador dos Campos dos Goytacazes e à cidade de Cabo Frio, a criação da Vila se deu, segundo Alberto Lamego, pelo interesse dos seus moradores que tinham que recorrer às duas localidades citadas quando havia necessidade de resolução de algum conflito. De acordo com as memórias do Visconde Araruama a Vila foi criada com o intuito de valorizar as terras da antiga Fazenda Macaé. Além do atendimento dos interesses privados dos moradores e proprietários, a criação da Vila atendia ao recente crescimento econômico da região. (FRANCO, s.d.)

Quando o município foi criado, em 1813, englobava as hoje cidades vizinhas de Conceição de Macabu - emancipada pela primeira vez no final do século XIX e posteriormente em 1952 - Carapebus, emancipada em 1994 e Quissamã, emancipada em 1995. O município de Quissamã era uma freguesia ligada a Campos dos Goytacazes e, na criação da Vila de São João de Macahé, foi desligado de Campos e se tornou o segundo distrito a compor a Vila. O município de Casimiro de Abreu também era uma freguesia subordinada ao Município de Macaé e foi desmembrada ainda no século XIX, em 1846.

De acordo com relatos do viajante Saint Hilaire entre os anos de 1816 e 1822, a principal atividade econômica da pequena vila às margens do Rio Macaé era ainda o comércio de madeira além dos engenhos de açúcar e o cultivo de café. Dez anos depois, Darwin relatou a abundância no cultivo de alimentos, lavoura de café que cresceu desde o final da década de 1820 até o final do século XIX e início do século XX. (PENHA, 2001). Ainda sobre Macaé, o viajante francês descreve:

Situada na embocadura do rio do mesmo nome que divide a cidade em duas partes desiguais; a margem direita, que é a parte maior, se compunha de setenta ou oitenta casas com coberturas de colmos [...] no lado sul da cidade podiam ser notados numerosas casas comerciais e várias casas residenciais, todas bem cuidadas e bem conservadas, anunciando a boa abastança de seus proprietários [...] uma cidade de pouca significação [...] e que sua passagem para cidade e sede de termo tenha sido lhe dado em confiança do seu futuro desenvolvimento [...] (SAINT-HILAIRE, 1974)

Ao longo do século XIX, houve um desenvolvimento demográfico e econômico da região. As freguesias e posteriores distritos: Carapebus, Conceição de Macabu e Quissamã que compunham a Vila de São João de Macaé nos anos 1800,

desenvolviam atividades agrícolas principalmente de engenho de açúcar e lavoura de café, além da pecuária, com destaque para a freguesia de Quissamã que possui extensos canaviais e na segunda metade do século XIX possuía usinas e engenhos a vapor e se beneficiavam das estradas de ferro. Em 1872, o município possuía 35 mil habitantes, dos quais 11.599 eram pessoas escravizadas, nesse contexto se destaca o distrito de Quissamã que possuía um número maior de habitantes escravizados do que de pessoas livres. Esse mesmo distrito concentrou a produção de açúcar e foi onde surgiu uma classe de fazendeiros que chegaram a receber títulos de nobreza (PENHA, 2001).

Durante o século XIX, Macaé também teve importante papel como local de escoamento da produção agrícola da Baixada Campista através do Porto de Imbetiba para abastecimento do mercado interno do Rio de Janeiro. Segundo Penha (2001), “o importante papel desempenhado pelo porto de Imbetiba, na cidade de Macaé, no escoamento da produção da Baixada, até meados do século XIX, as limitações impostas àquela região pelo meio geográfico” (p.34) levaram a união de campistas e macaenses para viabilização da construção do canal Campos-Macaé que passava por diversas freguesias.

O Canal ficou em obras por cerca de 30 anos e três anos após o início de seu funcionamento se tornou obsoleto pela inauguração da Estrada de Ferro Campos-Macaé, em 1875. Na segunda metade do século XIX, o porto de Imbetiba continuou tendo relevância para o transporte de alimentos para o Rio de Janeiro e chegou a ser o sexto maior porto em volume de exportações do Império.

Outra face da região que desempenhava papel importante para o transporte por navegação é mostrada por Pereira e Pessoa (2019). Segundo os historiadores, no século XIX Macaé era local de residência de diversos traficantes de pessoas escravizadas vindas da África e após a proibição do desembarque de pessoas nessa condição, vindas de fora do Império em 1831, a região entre Campos e Macaé, entre 1836 e 1850, foi “a maior zona de recepção negreira no Brasil no período da clandestinidade” (p.89) estipulando-se que tenha recebido no período cerca de 74 mil africanos entre os anos de 1836 e 1850, segundo dados disponíveis no The Trans-Atlantic Slave Trade Database:

configurando a maior zona de recepção negreira no Brasil no período da clandestinidade. Cumpre salientar que cerca de 60% da população de Campos dos Goytacazes, entre os anos de 1836 e 1850, era composta de escravos. O contingente de 38 mil cativos, em 1850, aproximava-se dos 39 mil cativos existentes naquele mesmo ano, nos municípios de Valença e Vassouras juntos. (PEREIRA; PESSOA, 2019, p. 89)

Faz-se necessário evidenciar outras histórias desta composição social nas memórias e histórias de Macaé. De uma única história, a partir de uma única visão, segmentos da sociedade são esquecidos ou apagados de forma proposital e por vezes tratados meramente como instrumentos para a concretização da história dominante e de quem tem o poder de contá-la, como em *Macaé História e Memória* (2001), onde ao tratar do trabalho de pessoas escravizadas, indígenas e africanas, a frase de que “serviram de pés e mãos para os senhores das terras e donos de engenhos e cafezais [...]” (p.70) é usada para descrever uma das relações do capítulo que tem como temática o trabalho, nesse caso as pessoas escravizadas são tratadas como ferramentas e não como sujeitos nos acontecimentos narradas. Sucessivas reproduções dessa visão sem uma crítica, podem gerar distorções e construções falhas do que é história e memória de um determinado lugar.

Podemos, obviamente, considerar que o que se conhece e se reconhece como cidade de Macaé hoje é o lugar ou território jurídico-político que foi criado justamente a partir desses momentos. Como nos lembra Quijano, as identidades existentes no Brasil foram resumidas as indígenas, negra e por consequência europeia, apesar das diversas origens e etnias. Nesse processo, a configuração de estado-nação trouxe uma ideia de identidade ligado a esse território físico, mas também simbólico. Em Macaé, como veremos mais adiante, a identidade ligada ao território ou territorial está fortemente ligada ao ser macaense.

2.2. O território a partir da década de 1970

Macaé possui paisagens e espaços que são importantes para a relação de seus moradores com a cidade e que dão sentido ao território delimitado juridicamente. Em Um espaço geográfico, um híbrido (2006) Milton Santos afirma que sociedade e natureza não devem ser explicadas separadamente, mas em conjunto. A partir disso, o geógrafo propõe uma nova forma de ver a realidade, a partir dos híbridos, considerando que atualmente é impossível separar as obras da natureza das obras dos homens.

Figura 3- Vista aérea da região central de Macaé



Fonte: Biblioteca do IBGE

Por meio da figura 3 é possível visualizar a paisagem da região central de Macaé. Paisagem aqui é entendida como o conjunto de objetos reais-concretos, como afirma Milton Santos, que atravessam o tempo à medida que a reunião de objetos de tempos históricos diversos, do passado e do presente, imutáveis, se apresentam em uma coexistência transversal.

Nesse recorte da paisagem macaense, vemos o acúmulo desses objetos naturais e construídos ao longo da existência da cidade. A partir do lado esquerdo, a antiga ponte da Barra sobre o Rio Macaé, já citada neste trabalho, que liga os dois lados da cidade, norte e sul. No centro, o morro do Forte Marechal Hermes, construído em 1632. No canto direito, o porto de Imbetiba, abaixo, do lado direito, a desativada Estação Ferroviária. Se aproximássemos a imagem seria possível referenciar outras diversas construções e suas histórias individuais. Se chegássemos às ruas seria possível ouvir dos passantes sobre a vida existente na paisagem. Ao falar dos objetos, Milton Santos escreve:

Esses objetos não têm por si mesmos uma história, nem uma geografia. Tomados isoladamente em sua realidade corpórea, aparecem como portadores de diversas histórias individuais, a começar pela história de sua produção intelectual, fruto da imaginação científica do laboratório ou da imaginação intuitiva da experiência. Mas sua existência histórica depende de sua inserção numa série de eventos - uma ordem vertical - e sua existência geográfica é dada pelas relações sociais a que o objeto se subordina, e que determinam as relações técnicas ou de vizinhança mantidas com outros objetos - uma ordem horizontal. Sua significação é sempre relativa. (SANTOS, 2006, p.66)

Santos afirma que paisagem e espaço não são sinônimos e continua: “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças

que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.” (SANTOS, 2006, p.66). O espaço, segundo o autor, é a paisagem animada pela vida resultante da participação da sociedade nas chamadas formas-objeto que mudam de valor, atendendo as necessidades da sociedade em cada tempo.

Macaé é um município exceção, município desafio, único município brasileiro que viveu a experiência de implantação de uma bacia petrolífera com a importância e produção que a nossa tem. As construções e desconstruções contínuas que acontecem há 40 anos, a colocam em um lugar de um município laboratório ainda não devidamente estudado, analisado, compreendido. A cidade familiar e bucólica foi deixando de existir, transformando-se num centro de médio porte, crescendo rápida e desordenadamente, apresentando problemas das grandes cidades, como o aumento da violência, especulação imobiliária, trânsito desordenado e favelização. (GARCIA, 2019, p.219)

Dessa forma, o espaço, sempre provisório, “[..] constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro.” (SANTOS, 2006, p.67). Milton Santos ressalta, acerca do espaço, que os objetos técnicos, apesar de comporem a paisagem e o próprio espaço, já que nessa composição são dotados de significados, não podem ser explicados por sua própria existência como se possuíssem vida própria.

Além dos espaços que compõem a cidade, podemos pensar geograficamente a cidade como um território que, ao longo do tempo, foi transformado a partir das relações de poder existentes: de território indígena, para território católico-colonial, para território capitalista - empresarial. Dentro desse território, diversos espaços de relações sociais foram criados e afetados.

Desconsiderando as interpretações naturalistas e biologiscista, o território pode ser entendido a partir de três vertentes principais: a jurídico- política mais comumente empregada "onde o território é visto com um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes visto como o poder político do Estado". (HAESBAERT, 2003, p.13), a Cultural ou Culturalista onde a dimensão simbólica e cultural é priorizada "em que o território é visto sobretudo como o produto da apropriação/ valorização simbólica de um grupo sobretudo sobre seu espaço". (HAESBAERT, 2003, p.13) e a Econômica " [muitas vezes economicista]: bem menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho." (HAESBAERT, 2003, p.13).

O território não pode ser compreendido apenas através de sua materialidade, portanto, apenas pela sua dimensão física ou como “[...] um mero recurso analítico elaborado pelo pesquisador. Assim como não é algo dado, presente de forma inexorável na nossa vida, também não é uma mera invenção” (2003, p.13). O autor chama atenção que, mesmo nos estudos que tradicionalmente privilegiam as dimensões políticas ou os mais recentes, que enfatizam a importância da territorialidade, o aspecto simbólico cultural está presente em trabalhos de autores como Sack, Raffestin e Lefebvre.

Podemos então afirmar que o território é, ao mesmo tempo, um recurso ou um instrumento de poder e um valor (BONNEMAISON; CAMBREZY, 1996) - valor este que vai além do simples valor de uso ou de troca, estendendo-se para valorização simbólica identitária- existencial. Rompe-se, assim, a divisão entre “território político” (de adjetivação redundante) e “território de identidade”, como alguns autores propõem, já que se confundem o território enquanto recurso político e enquanto estratégia identitária. (HAESBAERT, 2003, p.15)

Hoje, Macaé, um dos nove municípios que compõem a região norte do Estado do Rio de Janeiro está localizada a cerca de duzentos quilômetros da capital fluminense. Atualmente, o município possui, segundo números estimados pelo IBGE para o ano de 2021, um total de 266.136 mil habitantes. Desse total, 98,01% residem na área urbana, ou seja, na área litorânea ou próxima a ela. Em números quantitativos, isso significa que apenas seis mil pessoas vivem na área rural que é composta por cinco distritos: Cachoeiros de Macaé, Córrego do Ouro, Glicério, Frade e Sana, que integram a região serrana. Em extensão territorial-física e administrativa, o município possui atualmente um total de 1.216 quilômetros quadrados e vinte e três quilômetros de litoral, onde está localizado seu perímetro urbano.

Ao longo do século XX, a cidade já apelidada de Princesinha do Atlântico, Capital Nacional do Petróleo, e que hoje o governo municipal quer projetar como capital nacional da energia, cresceu, não subindo o rio, mas ao longo do litoral onde alguns dos bairros mais populosos se estendem ao longo das praias: do Lagomar, do Coco, Fronteira, da Barra, do Forte, das Conchas, de Imbetiba, Campista, Cavaleiros e Pecado, entre outras. A cidade tem hoje cerca de oitenta e sete bairros e localidades, que em sua maioria cresceram margeando o litoral até a década de 2000, quando, não havendo mais possibilidade de loteamento de terrenos nesta faixa, adentraram para a região norte.

A atividade petrolífera em Macaé em uma região dominada pela tradicional monocultura canavieira representa, de acordo com Bonin (2015, p.46), “uma nova dinâmica de desenvolvimento, baseada na transição das principais atividades econômicas” e “cria novas perspectivas na população de Macaé, do Norte Fluminense e, independente de localização geográfica, mais pessoas veem possibilidades de se inserir na cadeia produtiva do petróleo” (BONIN, 2015, p.46) em uma região até então sem novas perspectivas de crescimento econômico.

Ainda segundo o pesquisador, os investimentos feitos na cidade de âmbito público e privado ocasionaram mudanças estruturais e transformaram a cidade de “características tipicamente rurais, cuja base econômica eram a pesca e a agropecuária” em uma cidade de perfil urbano, onde na década de 1960,

[...] aproximadamente 60% da população de Macaé habitava na zona rural, o equivalente a 35.185 habitantes, sendo que, em 2010, caiu para 1,87%, o equivalente a 3.875 pessoas. Houve uma inversão drástica entre o crescimento populacional urbano e rural (BONIN, 2015, p.46)

influenciado pelas oportunidades de empregos na indústria, pelo comércio e construção civil. Assim a taxa de urbanização chegou aos números atuais no município, além da população flutuante vinda de municípios vizinhos ou próximos à cidade.

Além disso, a partir da década de 1970, a cidade se modificou em relação à ocupação do seu espaço físico e populacional, afetando a configuração do território tanto de valor simbólico quanto espacial. Dessa forma, considero que as delimitações jurídico-administrativas, como a emancipação de distritos, ao longo das décadas, contribuíram para a construção de um sentido identitário territorial e cultural mais estrito ou restrito da cidade de Macaé. Esses aspectos, junto ao crescimento populacional, através da migração, contribuíram para a modificação do caráter funcional do território. Assim, assumo a ideia de que no caso estudado nesta dissertação, as três principais vertentes do conceito de território podem ser utilizadas para análise já que encontram correspondência nos acontecimentos das últimas décadas, reforçando, novamente aqui, a interseção com a dimensão simbólica.

Segundo o IBGE, a taxa de crescimento da população brasileira vem diminuindo nas últimas décadas: no período entre as décadas de 1950 e 1960, a taxa de crescimento registrada foi de 3% ao ano. Em 2004 a taxa foi de 1,44% ao ano, com perspectiva de crescimento zero em 2062 (SENADO,2004). Em 2021, o crescimento

estimado foi de 0,7%, sem considerar os impactos da pandemia de Covid-19, que serão apurados somente no censo de 2022. A taxa de crescimento que é apurada de acordo com o número de nascidos vivos, número de óbitos e taxa de migração, mostra que, acompanhando o crescimento nacional, o Estado do Rio de Janeiro, também apresentou queda na taxa de crescimento populacional nos últimos anos. Entre 2010 e 2020, as taxas foram menores que 1%, também com projeção de decréscimo em 2060. (CEPERJ, 2022)

Em Macaé, ao contrário das taxas nacionais, segundo o geógrafo Fábio Paganotto (2012), houve um crescimento populacional acima dos números do Estado do Rio de Janeiro. O crescimento que entre 1970 e 1980 foi de 19,3%, impulsionado pela migração, passou a 41,4% na década de 1990.

Macaé ganhou dinamismo econômico, atraiu investimentos, ganhou destaque em nível nacional e internacional e transformou-se numa forte área de atração de migrantes das mais diferentes procedências. Migrantes regionais, destituídos da terra ou sem emprego no campo; migrantes de grandes centros metropolitanos do Brasil, especialmente os atuantes na área de petróleo, atraídos pelo crescimento desse setor no município; e migrantes internacionais, transferidos pelas empresas multinacionais do setor de petróleo. [...] (PAGANOTTO, 2012, p.73)

Alves (2020) analisa o fluxo migratório, o considerando como um dos maiores impactos na cidade a partir da década de 1970. Segundo dados disponibilizados pelo autor, Macaé apresentou um crescimento populacional de 440% desde 1970 até o ano de 2010. Desconsiderados os números referentes aos movimentos pendulares em razão de trabalho e estudo, que no ano de 2010, somaram cerca de 29 mil entradas na cidade. Assim:

Nesse cenário obtém-se um grande número de indivíduos transitando em um território, onde alguns fixam residência e outros têm domicílio, porém não fixam residência; outros, acessam o território através de movimentos pendulares, considerando principalmente o trabalho e o estudo. Esse dinamismo, natural em qualquer cidade, e que é exacerbado em Macaé, configura elementos interessantes à territorialidade, sob o viés cultural e identitário. (ALVES, 2020, p. 962)

Macaé se tornou um “polo de atração para a população circunvizinha e do Brasil e países estrangeiros que chegou para trabalhar e fixar residência” (ANUÁRIO, 2012, p.123). Os migrantes residentes em Macaé, eram em 2012, 42% da população. Desses, 83,2% são naturais do estado do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de estados do Nordeste, com o maior número de migrantes vindos da Bahia.

Os bairros que mais concentram migrantes são os que estão em zona de vulnerabilidade social: Parque Aeroporto, Barra de Macaé e Lagomar, que em 2010,

eram locais de residência de cerca 78 mil dos habitantes do município e cerca de 40% dos residentes migrantes (ANUÁRIO, 2012, p.135). O ordenamento do território, validado por instrumentos públicos do Estado, acontece, em Macaé, na concentração de bairros populares, em uma determinada área; e de bairros nobres, em outra.

Essa realidade identificada em Macaé se coaduna com o que Harvey (2005) chamou de produção capitalista do espaço. O espaço capitalista é produzido por meio da reprodução alienada da vida cotidiana que é mediada pelo processo de produção, circulação e realização de mercadorias, cujo objetivo direto é o lucro, portanto, a reprodução do capital e sua acumulação. É um cotidiano que produz relações alienadas, pois deve expandir o capital e reformar constantemente o processo de trabalho e as relações sociais na produção e na circulação. Para que esse ciclo não seja rompido ou estagnado, o capitalismo necessita do Estado, cuja forma de existência se altera em função dos interesses das forças econômicas dominantes. Assim, é o Estado que se torna o elemento decisivo para a produção espacial no capitalismo ao garantir a infraestrutura necessária à circulação das mercadorias e ao mediar e financiar o ordenamento do território de modo a localizar espacialmente as classes sociais, serviços e mercados. (CARVALHO; LOUREIRO, 2016, p.31)

O Bairro Parque Aeroporto foi construído e planejado na década de 1980 pela Companhia Estadual de Habitação do Estado do Rio de Janeiro (CEHAB), ao contrário do Bairro Lagomar, localizado no limite da área do Parque Nacional da Restinga da Jurubatiba, que possuía, em 2010, cerca de 30 mil habitantes, foi erguido a partir de loteamentos, em sua maioria ilegais, sem infraestrutura e “habitado, majoritariamente, por população de baixa renda, cuja ocupação deu-se de forma espontânea e cresceu ao longo das últimas décadas em função, sobretudo, de migrantes que viram em Macaé a promessa de desenvolvimento e prosperidade.” (RANGEL, 2016, p.189)

Figura 4: Vista aérea do bairro Lagomar



Fonte: O Debateon (2015)

Segundo dados apresentados por Oliveira (2005), Macaé é composta por 52,0% de população autodeclarada branca e 47,5% de população autodeclarada afrodescendente de acordo com pesquisa realizada no âmbito do Programa Macaé Cidadão (2004). O sociólogo mostra que a cidade se equipara à composição étnico-racial percentual brasileira, mas não a composição do Sudeste onde 64% dos habitantes se autodeclaram brancos. Na área urbana do município há um equilíbrio entre o número de brancos e afrodescendentes (51,36% e 48,25%) enquanto na área rural de Macaé há predominância de brancos (59,86% e 39,19%). Nessa composição há distinção na distribuição da riqueza e do acesso a serviços:

[...] este equilíbrio numérico na área urbana não significa necessariamente uma equidade na distribuição de riqueza, renda, acesso à educação e à saúde pública. Pois, sem uma análise dos cruzamentos entre as variáveis cor/etnia, com renda, longevidade, saúde e educação, o vertiginoso desenvolvimento econômico de Macaé nos últimos anos pode parecer que abrange a todos, independentemente da cor da pele ou da etnia. Além disso, verificaremos que os estratos mais pobres que se autoclassificam como brancos possuem condições sociais um pouco melhores que os afrodescendentes e que as áreas mais carentes de infraestrutura e degradadas socialmente são os bairros de maioria populacional afrodescendentes. (OLIVEIRA, 2005, p.92)

Quanto à distribuição espacial da população, os bairros mais vulneráveis socialmente têm maioria de população afrodescendente, além disso, com exceção do bairro Imboassica que fica ao sul do centro da cidade, próximo a divisa com a cidade de Rio das Ostras, estão concentrados na região norte. Segundo o professor Aristides Soffiati Netto, em 2007, Macaé era o “primeiro município do Estado em ritmo de favelização” e apenas 2% dos moradores habitantes de comunidades eram macaenses, os outros 98% eram migrantes” (SOFFIATI NETTO, 2007, p.7)

Em relação a todos os indicadores analisados por Oliveira (2005), na publicação, índices de longevidade, de ocupação no mercado de trabalho, ocupação de empregos qualificado sem relação à salários, números de trabalhadores negros em plataformas, segundo sua remuneração, índices de analfabetismo e no serviço público, vemos que em Macaé, assim como é possível verificar no restante do país, pessoas afro descendente, vivem nas áreas mais vulneráveis, tem expectativa de vida menor, recebem salários menores em qualquer um dos setores analisados (comércios, serviços, autônomos e serviço público) e vivem nos bairros onde a faixa de renda e de acesso a serviços essenciais é menor.

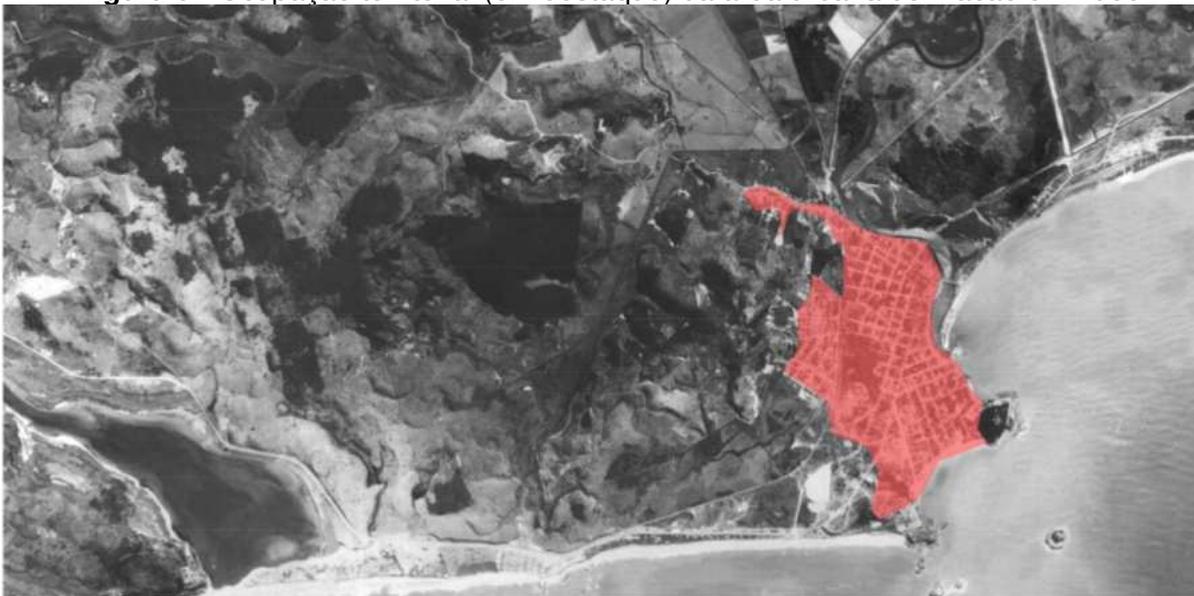
Mas depois de tudo que vimos até aqui, podemos considerá-la uma cidade promissora para todos? Podemos dizer que os diversos extratos sociais têm oportunidades iguais de acesso à saúde e à educação? Onde as diversas etnias não são excluídas da produção de um volume enorme de riquezas? Certamente Macaé não é a única cidade que tem problemas sociais ou de relações étnico-raciais desiguais. O que vimos nas descrições e análises deste livro representa somente uma parcela de uma dinâmica social e racial que tem histórias ancestrais e faz parte de um contexto nacional, não sendo assim uma peculiaridade local. (OLIVEIRA, 2005, p.175)

Calazans (2017) denominou Macaé como uma cidade espontânea, ou seja, uma cidade que cresce em virtude das demandas do local e do momento, sem planejamento prévio. Através da análise elaborada pela pesquisadora, para entendimento do desenvolvimento do município, é possível compreender como o perímetro urbano se desenvolveu em Macaé desde a década de 1950.

Segundo a autora, o primeiro aumento populacional do município ocorreu na década citada, com a construção da rodovia Amaral Peixoto (RJ 106), que liga a cidade de Campos dos Goytacazes ao município de Niterói, e a abertura de indústrias: têxtil, de produção de bebidas, torrefação de café, beneficiamento de arroz e laticínios. Porém, o crescimento mais expressivo se deu a partir da década de 1970 com a eleição do município para implantação da base de exploração de petróleo na Bacia de Campos, escolhida as oficinas da empresa ferroviária Leopoldina *Railway*, na praia de Imbetiba, como local para suas instalações.

Do crescimento da mancha urbana nas últimas cinco décadas, Calazans (2017), afirma que, até o final da década de 1960, a área urbana era limitada aos bairros mais antigos, composta pelo centro e seu entorno imediato, que formava os bairros periféricos. Nesta década, a mancha urbana se desenvolveu apenas em um prolongamento do centro da cidade, sentido região litorânea, em direção à praia de Imbetiba, somando um total de 6,02 quilômetros quadrados de área urbana.

Figura 5 - Ocupação territorial (em destaque) da área urbana de Macaé em 1956



Fonte: Imagem produzida pela autora a partir de aerofotografia da EMBRAERO, 1956.

Dos anos finais da década de 1970 em diante, o crescimento urbano se deu a partir das instalações da base da Petrobras na orla de Imbetiba, e do seu segundo terminal, a Zona Industrial Petrolífera 1 - Terminal Cabiúnas, no extremo oeste do município, criando, no seu entorno, a primeira mancha de ocupação dispersa na malha urbana. Próximo à divisa com o município de Conceição de Macabu (antigo distrito), a mancha dispersa seguiu em sentido linear, paralelo à costa litorânea e a rodovia Amaral Peixoto. Na década de 1980, a expansão continuou no mesmo sentido da década anterior, havendo maior crescimento populacional e em sentido contrário desde o centro da cidade, margeando a orla, acrescentando 3,9 quilômetros quadrados na área urbana.

Nas décadas de 1980 e 1990, o crescimento populacional é refletido no aumento de novos loteamentos residenciais, regularizados, aprovados pela prefeitura próxima às zonas industriais e loteamentos ilegais, estes últimos, segundo a autora, influenciaram significativamente o crescimento da mancha urbana. Naquele momento, a cidade atingiu os limites de crescimento que margeavam a faixa litorânea tanto a sudeste e oeste, chegando aos limites com o município de Rio das Ostras, se expandido também para o interior (sentido norte), atingindo 62,87 quilômetros quadrados de ocupação, ainda com vazios urbanos.

Figura 6 - Ocupação territorial (em destaque) da área urbana de Macaé em 1989



Fonte: Imagem produzida pela autora a partir de aerofotografia da EMBRAERO, 1989.

Nos anos 2000, em processo de expansão multiterritorial, a Prefeitura Municipal estabeleceu um novo perímetro urbano, através de lei, expandindo-o para o sentido norte (para o interior), que permaneceu como potencial de expansão, e modificando os limites distritais. Nesta década, os vazios urbanos na região litorânea foram completamente preenchidos, atingindo 78,02 quilômetros quadrados de área urbana. Em 2008, foi implantada, uma nova zona industrial, o Parque Industrial de Tubos, aumentando a ocupação na região e o processo de conurbação com o município de Rio das Ostras.

Figura 7 - Ocupação territorial (em destaque) da área urbana de Macaé em 2020



Fonte: Imagem produzida pela autora a partir de imagem do Google Maps, 2021.

Esse processo de expansão, segundo Couto (2019), gerou um empobrecimento das relações sociais em parte dos espaços historicamente consolidados na cidade. Esse decaimento, unido à expansão urbana e a imposição de mudança de ocupação dos espaços, levou a degradação, o esvaziamento e “aumento da insegurança” do Centro de Macaé, fenômeno recorrente em centros urbanos ao redor do mundo. Segundo Couto (2019), os moradores do bairro Centro de Macaé, após a década de 1970, se deslocaram para outras regiões “em direção a

loteamentos residenciais de acordo com sua classe social, fazendo com que o centro permaneça apenas com a função comercial” (p.143)

O território “diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação” (HAESBAERT, 2003, p.20-21). Dialogando com Lefebvre, para quem o território é um espaço- processo e um espaço socialmente construído, Haesbaert (2007) afirma que “o território é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’, ao contrário do território ‘unifuncional’ proposto e reproduzido pela lógica capitalista hegemônica, especialmente através da figura do Estado territorial moderno”

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de “funções” quanto na produção de “significados”. O território é “funcional” a começar pelo seu papel enquanto recurso, desde sua relação com os chamados “recursos naturais” - “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) -como é o caso do petróleo no atual modelo energético dominante. (HAESBAERT, 2007, p.23)

Para José Lopes de Souza (1995), além da existência da vida nos espaços, o território se configura por meio das relações sociais presentes nesse espaço e, assim como para Haesbaert (2007), principalmente pelas relações de poder. O geógrafo afirma que o território é definido e delimitado “por e a partir das relações de poder” onde os territórios não são os espaços concretos em si, mas, se definem pelas “relações sociais projetadas no espaço” e estes espaços concretos são “apenas os substratos materiais das territorialidades” (SOUZA, 1995, p.87). Além disso, os territórios podem “formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido” (SOUZA, 1995, p.97).

O território funcional e o simbólico não podem ser vistos como tipos ideais, em cada um deles, há um pouco do outro, ou seja, funcionalidade no território simbólico e simbologia no território visto como funcional. São os territórios de dominância funcional os que se caracterizam por processos de dominação, territórios sem territorialidade, unifuncionalidade e território como recurso ou valor de troca. Em oposição, os territórios simbólicos se caracterizam por: processos de apropriação (da diferença), territorialidade sem território, múltiplas identidades e valor simbólico, ideia de lar e afetividade. (HAESBAERT, 2007)

São inúmeras as descrições de Macaé elaboradas ao longo da história de ocupação da região. As representações do espaço conferem sentido à paisagem. Pode-se dizer que as formas de representação das terras de

Macaé dividiram-se, portanto, entre duas imagens. De um lado, a imagem da terra de Macaé associada aos elementos naturais e, de outro lado, a imagem urbana da cidade, afirmando a intervenção dos seres humanos. Entre a imagem natural da terra e a imagem geométrica da cidade, Macaé constitui a paisagem de sua identidade. (GABRIEL; KNAUSS, 2011, p.21)

Assim, por mais que haja uma tentativa de caracterizar o território macaense apenas através de sua funcionalidade: posição estratégica na Bacia de Campos, sede da Petrobras e de diversas empresas offshore, local de trabalho, a população que ocupa esse território e confere sentido a ele atribui outros aspectos afetivos e simbólicos. Tal atribuição de valor pode ser vista, principalmente, na resistência às transformações para quem já habitava a cidade antes da Petrobras, para quem escolheu permanecer como morador da cidade após migrar e para quem deposita esperanças de melhoria de vida.

Segundo o Haesbaert (2013, p.12), entre os diversos fins vislumbrados no final do século XX o território teve seu fim decretado em virtude do aparecimento de outro fenômeno, a desterritorialização. Esse processo, descrito por áreas que não a geografia, como a Economia, a Antropologia e a Sociologia, poderia ocorrer por meio de vários modos como a partir do declínio dos Estados-nação, as deslocalizações das empresas ou a perda do referencial territorial das identidades culturais. Já em princípio, Haesbaert (2003) chama atenção que a moda da desterritorialização viria de uma concepção restrita do conceito de território onde o desaparecimento destes seria confundida com um decaimento das relações espaciais.

Levando em consideração as dimensões simbólicas que necessariamente devem ser relacionadas, inclusive, nas análises a partir de outras concepções de território, nos próximos capítulos deste trabalho, irei apresentar percepções sobre o período referente a instalação da Petrobras na cidade, através do olhar dos moradores sobre o momento determinante para a construção da cidade do presente.

3. "...MUITO CHEIO DE MAR E PETRÓLEO..."

3.1. A memória da Cidade - Interstício

*Acabou-se de hoje a lida
 agora é descansar!!!
 A cidade cresceu tanto...
 Não há mais sino a despertar,
 nem voz de sino a rezar.
 Cresceu tanto a coitadinha
 que o sino até calou.
 Crescendo tudo mudou.
 Ela acorda... Ela caminha...
 Já se governa sozinha
 já não sabe mais rezar...
 Oh! Pobre cidade minha!*

(D. Laurita de S. Santos Moreira⁸, 1994)

Neste capítulo é essencial pensar a partir da perspectiva da memória. Para Taylor (2002), existem diversas maneiras de preservar e transmitir a memória, dentre elas, pelo "repertório" do pensamento/memória do corpo" (p.14) e pela forma que se encaixa melhor nessa terceira parte: através do que a autora chama de arquivos. A memória transmitida pelo arquivo traz a característica da materialidade:

[...] o arquivo preserva o que Freud denominou 'traço permanente da memória', o pedaço de papel inscrito para aqueles que desconfiam de suas memórias e querem 'suplementar e garantir seu trabalho por meio de uma nota escrita'. O que se modifica com tempo é o seu valor, relevância, sentido, como é interpretado e mesmo corporificado." (TAYLOR, 2002, p.14)

Assim, é a partir do momento no qual aquela memória/arquivo é acessada que será atribuído seu significado para aquele determinado documento. Essa abordagem me interessa, pois, renuncia, por exemplo, uma abordagem recorrente nos estudos históricos de limitação do significado do documento no próprio tempo em que foi produzido. Parafraseando Milton Santos sobre os espaços, essas memórias/ arquivos não podem ser interpretados somente pela ótica do passado, porque a memória, ao ser acessada, é também presente e construtora do futuro.

⁸ Laurita dos Santos Moreira, conhecida como Dona Laurita, foi poetisa e criadora do grupo de poesia Cigarras de Macaé.

Em trecho de cinejornal, com cerca de um minuto e meio, produzido pela Agência Nacional no ano de 1953, intitulado *Macaé: Vistas dessa próspera e bonita cidade fluminense*, a locução de voz grave e aveludada anuncia a cidade litorânea do interior do Estado do Rio de Janeiro: “Macaé, umas das mais futuras e bonitas cidades do litoral do Estado do Rio conforme nos mostra essa vista geral” (1953) caracterizando-a como “próspera cidade fluminense cujo progresso é constante e expressivo graças ao labor de seus habitantes.” (1953). Na sequência, sucessivas imagens da região central da cidade, da Rua da Praia, mostram um grupo de ciclistas, a Praia de Imbetiba e seus banhistas com bicicletas estacionadas nas areias.

Figura 8- Rua da Praia e seus ciclista em 1953



Fonte: Arquivo Nacional (1953)

No ano em que o vídeo foi produzido, na orla da Praia de Imbetiba, distante um quilômetro do bairro Centro, ainda não se viam construções e os diques que hoje dividem o mar. Do ângulo em que é filmado, não é possível ver que ali já existia um pequeno porto e as oficinas da empresa ferroviária Leopoldina *Railway*. O Cinejornal restringe também às imagens da parte urbana da cidade ao mostrar o bairro Centro e Imbetiba, considerado, na época, o bairro nobre da cidade.

Em um momento em que a ocupação espacial da cidade era em pequena região como destacado na figura 5 (Ocupação urbana em 1956) do primeiro capítulo deste trabalho, bairros já existentes como Aroeira, Cajueiros e a Barra de Macaé são

negligenciados pela peça publicitária. O Cine Jornal mostra uma composição de paisagem um pouco maior e com algumas ruas mais além das linhas do projeto de arruamento, desenhado pelo engenheiro Luiz Bellegarde no ano de 1837. Naquele período, o Centro possuía três ruas que ligavam duas praças principais e a Rua da Praia que margeia a foz do Rio Macahé e seu encontro com o mar, terminando no Mercado de Peixes.

Figura 9- Praia de Imbetiba (1953)



Fonte: Arquivo Nacional (1953)

Figura 10- Banhistas e bicicletas na praia de Imbetiba (1953)



Fonte: Arquivo Nacional (1953)

A cidade de Macaé descrita por memorialistas e memórias em meados do século XX flutua entre uma cidade litorânea, hospitaleira onde a praia e o mar são

protagonistas e uma cidade de moradores ansiosos pelo progresso onde cada vestígio de crescimento é celebrado. No livro *Relatos e Personagens na História de Macaé* (2013), publicado pela Prefeitura Municipal de Macaé, a terceira parte, intitulada Macaé Republicana: a memória contemporânea, traz relatos selecionados sobre a região litorânea que variam entre as descrições de crescimento do comércio e setor imobiliário, as possibilidades de instalações industriais e os relatos dedicados a relação dos moradores da região central com a cidade: “A rua Direita, oficialmente avenida Rui Barbosa, no trecho que ia da Sorveteria ‘Vem Cá’ ao Café ‘Belas’ Artes, era o quarteirão destinado ao *footing* dominical, proibido o tráfego de veículos.” (GUERRA, s/d, p.47). Alvaro Bastos reforça a fala anterior:

Os clubes, as sociedades musicais, os centros artísticos e literários, as entidades filantrópicas, as agremiações esportivas, as associações de classe, o cenário político e administrativo, os jornais, a rádio emissora, os templos e as escolas, enfim, todas as forças ativas irmanam-se numa apoteose vibrante e significativa. (BASTOS, 1963, p.2)

Jorge Picanço ao relatar sobre os três meses de férias antes do início das aulas no “Gymnásio” diz sobre o centro e a praia: “[...] verão, praia de Imbetiba, pelada no fundo do quintal, passeio na Rua Direita, Cinema “Colosso” [...]”. Cezar Mello ao falar sobre seu nascimento afirma:

Nasci praieiro! E orgulho-me de o dizer por que, quando, já maior, pude distender a vista na contemplação do mar de minha terra, tive uma sensação de estranho gozo, de indefinido espanto e prazer que, jamais na minha vida, teve solução de continuidade. É que o mar, “espelho da terra onde se mira a lua”, é moldura rica e invejável que garante o retrato de minha querida terra [...] (MELLO, sem data.)

Em outra publicação dedicada à memória da população macaense, *Macaé Memórias Recentes* (2020), Marilena Garcia conta mais sobre a relação cotidiana com as praias da cidade, do Forte, Imbetiba e Cavaleiros:

A Praia do Forte era a mais frequentada por ter um mar mais tranquilo. Ali, aprendíamos a nadar. As estacas do antigo ancoradouro serviam como marco de profundidade, sendo conhecidas como tocos. Eram quatro. Nossas conquistas eram avançar de um toco para o outro. Mas vitória mesmo era quem conseguia nadar até a Imbetiba, contornando o morro do Forte Marechal Hermes. Uma parte da Praia de Imbetiba era considerada perigosa. Só tomávamos banho lá, aos domingos, quando os pais podiam nos levar, e só mergulhávamos na bacia que se formava entre a grande pedra do trampolim e o antigo hotel. A praia dos Cavaleiros não era frequentada... Além de ser uma fazenda, era considerada muito perigosa, com suas ondas e rodaminhos. Uma praia em mar aberto. Era uma cidade praiana, com uma vida muito saudável e divertida. (GARCIA, 2019, p.211)

Moadyr Victorino, sobre a Macaé anterior à Petrobras diz que era, segundo ele, “mais provinciana, com ruas de chão batido, poucas casas”, sendo criada, após a

empresa, um sentimento de divisão da cidade em dois tempos distintos, antes e depois da Petrobras:

Ainda peguei um tempo em Macaé, das farmácias escritas com “PH”, *pharmacia*, com portas de madeira, o estilo antigo, aqueles balcões diferentes... O transporte coletivo tinha apenas dois ônibus na cidade, chamado *Gaturamo*, que faziam apenas duas linhas, uma entre a Barra de Macaé e a Lagoa de Imboassica, chamada *Barra x Lagoa*; e a outra entre a Aroeira e a Imbetiba... Era uma cidade boa, como é até hoje. Eu gosto de Macaé, amo meu *torrão* natal. Mesmo com a população bem menor, era uma cidade maravilhosa, sempre acolhedora. A *Imbetiba* era o chamado *point* da cidade, onde todo *glamour* se realizava... não só a praia, como na orla, onde todo mundo ia se divertir à noite. Houve a transformação, certa dicotomia, uma separação entre antes e depois da *Petrobras*. Hoje, Macaé é praticamente outro município, outra cidade. (VICTORINO, In: DE CARVALHO; GARCIA (orgs.), 2019, p. 242)

Não são raros também os relatos de migrantes que descrevem o cotidiano da vida urbana na região central da cidade, os colégios, a movimentação na rua direita, o comércio, as ruas, as atividades culturais das pessoas que habitavam essa área.

Macaé era uma gracinha! Logo que cheguei, morei no Beco do Caneco, no centro da cidade. Era uma delícia! A Rua Direta, tinha um vento maravilhoso, no verão tínhamos que colocar casaco porque era uma ventania. Era uma cidade que não tinha miséria, tinha pessoas simples, os bairros mais simples mais você não via a pobreza extrema... Era extremamente acolhedora, meus grandes amigos são macaenses, fui muito bem acolhida no Luiz Reid, mantenho essas amizades até hoje, porque foram pessoas cuidadosas. Macaé era a cidade da amizade, do encontro. [...] (MANHÃES, 2012, p. 260)

Muitas vezes os depoimentos revelam, além das contradições da fala, as contradições do espaço segregado. Essas contradições do tempo-espaço da cidade em crescimento podem ser observadas nos relatos deixados tanto por olhares locais, quanto por migrantes. Em um momento, a pobreza não é vista, no outro, a pobreza choca:

Desenvolvi um trabalho de pesquisa de campo com os meus alunos nas Malvinas, que, na época, era uma grande lixeira... um trabalho com dezesseis famílias, que viviam naquele lixo, com registro fotográfico, etc. Os alunos ficaram chocados, porque era lixo hospitalar, doméstico, lixo de mercadinhos - não tinha supermercados, só os mercadinhos, junto com urubus, animais... aquilo foi chocante! [...] Isso foi em 1985, aquelas dezesseis famílias começaram a construir a Malvinas. (MANHÃES, 2012, p. 260)

A escritora Laura Bergallo relata sua experiência ao se mudar para Macaé para fixar residência. Anos antes, como diz a autora, havia passado sua lua mel, ainda na Princesinha do Atlântico. No momento de sua mudança, já na capital Nacional do Petróleo, acompanhou o cotidiano da cidade e escreveu que a Macaé do seu tempo atual, no ano de 1984, em contraposição ao Rio de Janeiro, de trânsito conturbado, a faz sentir “menores saudades” de sua cidade de origem. Sobre Macaé diz:

Que tenho achado de Macaé? Ainda não sei muito bem. É estranho, de repente, ir de um extremo ao outro em dez quinze minutos. Encontrar conhecidos pela rua a cada instante. Achar sempre vaga para o carro bem perto de onde se quer ir. Conhecer os donos das lojas, das oficinas, das farmácias com uma intimidade só típica das cidades pequenas. Confesso que tenho estranhado um pouco a falta de privacidade. No Rio, a gente não sabe o nome do vizinho do lado. Aqui, a gente não sabe apenas o nome, frequentemente, conhece detalhes da biografia da vizinhança inteira. O ti-ti-ti é, com certeza, bem mais animado e intenso. O tempo rende bem mais, as tardes são longas e preguiçosas, não há opção de lazer. Mas é uma cidade acolhedora de praias generosas e ar respirável. Onde a gente se sente em casa, mesmo estando habituado a agitos bem maiores. Macaé é a cidade de todos nós. Que viemos junto com o progresso tecnológico, a sugar muito de sua pureza original. Que aqui estamos, trazendo um bocado das cidades que deixamos, para fazer uma mistura mágica e tornar esta cidade também um pouco nossa. Com a certeza de sermos bem-vindos. (BERGALLO, 1984)

Tonito, memorialista local, um ano depois, em 1985, trata do mesmo tema que Laura e enfatiza suas percepções sobre a movimentação urbana macaense que, aos seus olhos, parece caótica em comparação aos anos anteriores:

Embora nem tanto em anos, muito mais na lembrança e na saudade, longe está o tempo em que era fácil circular nas ruas de Macaé. Fácil e despreocupante. Poucos eram os automóveis e caminhões, mas carroças ciscavam em toda parte. Motocicletas contavam-se nos dedos. Ônibus urbanos era espécie representada pelo chocalhante defensor da empresa que a ironia popular batizou de Viação Gaturamo. Se não de forma total, ao menos majoritariamente, as rainhas das ruas eram as bicicletas. Lembra-se da saída do trabalho nas oficinas de Imbetiba, na hora do almoço ou no final do expediente? Hoje é o que se vê. Balbúrdia, desrespeito e perigo estão no cardápio diário de quem, senão põe os próprios pés, coloca as rodas de seu veículo no emaranhado vaivém da dita urbe macaense. (PARADA, 1985)

Segundo Francisco Oliveira (2003) em sua pesquisa sobre o impacto da exploração de petróleo na estrutura social em Salvador e no Recôncavo Baiano, a Petrobras inaugurou a existência de novos grupos sociais diferentes dos já existentes em Salvador e no Recôncavo, mas em números insuficientes para romper com os padrões pré-existentes. No que se refere aos trabalhadores da indústria do petróleo e gás, Oliveira (2003) diz que a teoria da “aristocracia operária” se encaixa na situação, devido a discrepância entre os salários dos operários da indústria citada e de outras indústrias existentes no estado, inclusive quando é levado em consideração todos os benefícios recebidos além do salário, assim, de acordo com o autor, o discurso nacionalista reveste a luta de classe, gerando poucas críticas à empresa.

Em Macaé, apesar de haver uma classe operária organizada, inclusive em resistência à ditadura militar e apesar da instalação da empresa significar o fim da classe ferroviária na cidade:

Muitos ferroviários receberam de braços abertos a Petrobras porque a defesa dos valores nacionais já era uma bandeira da nossa luta política. Com menos

de vinte anos, participei do movimento “O Petróleo é nosso!”. Na época, fui escolhido, em Macaé para ser representante da cidade em Duque de Caxias na defesa do monopólio estatal do petróleo. temos uma Petrobras que nos orgulha muito e não ficamos com ciúmes quando a empresa chegou a Macaé... tomou o nosso lugar na Imbetiba, mas nossa política era tão elevada que continuamos a defender a Petrobras, com amor... ganhamos uma empresa estatal e jamais vamos lutar contra ela, vamos defendê-la com unhas e dentes. Sabemos que uma Petrobras, chegando o impacto ambiental, seria inevitável, mas nem sabíamos o tamanho desse impacto, o tamanho da empresa... O que o futuro nos reservaria. Por isso, eu não culpo a empresa por todas as mudanças ocorridas em Macaé, mas lamento profundamente a falta de diálogo... na verdade, a incapacidade de entendimento dos políticos locais, que era preciso ter trabalhado junto, planejado a cidade, que ia começar a ser reconstruída em sua nova fase. (OLIVEIRA, 2019, p. 303)

A partir da questão das classes na Bahia, o autor chega ao ponto de maior interesse neste trabalho, em subcapítulo intitulado, A produção da não-identidade: o simbólico dissimulador e mito da “baianidade” (OLIVEIRA, 2003, p.85 -87). Em comparação à cidade de Recife que também tem herança histórica similar à de Salvador, no que diz respeito ao trabalho de pessoas escravizadas, após processo de industrialização foram produzidas duas classes, a burguesia e a proletária cujo “o mútuo reconhecimento criou identidades” (p.85).

Em Salvador, aos olhos da “consciência social nacional”, apesar da industrialização, “jamais será tida como uma *cidade de produção*, uma cidade operária. Cada situação social cria seus mitos e estes trabalham a realidade [...]” O autor então pergunta: “se Salvador tem pela frente a desmistificação da ‘baianidade’, o Recife não tem menos que desmistificar ‘ser a noiva da revolução’ [...]” (p.85). Poderíamos, da mesma forma, questionar quais dos dois mitos de cidade, praiana ou de produção, sobre Macaé, deveria ser desmistificado?

Em presença de divisão social do trabalho empobrecida, em regressão mesmo, a não -identidade social da época da escravidão projeta-se para o século atual. Mas não se projeta como tal, como “cor”, embora este seja o referente disfarçado. Projeta-se como negação do trabalho, e num mundo aparentemente de não trabalho, quem é que não trabalha? Por suposto, não pode ser a oligarquia: será toda a população baiana. (OLIVEIRA, 2003, p.86)

A construção ou criação de classes sociais nas cidades que sediam a Petrobras tem suas particularidades e devem ser pontuadas. Reconhecendo que a leitura, através das classes sociais, pode contribuir para explicar um processo de transformação cultural tão intenso em uma cidade, certamente, essa ótica traz elementos importantes para analisar o contexto de Macaé. Apesar disso, neste trabalho, não ambiciono mergulhar neste estudo através desse caminho que necessita de profunda análise, porém, destaco uma diferença entre Salvador e Macaé, nesta

perspectiva. Ao contrário do que diz Francisco Oliveira sobre Salvador, apesar de haver processo semelhante na criação dessa classe operária “diferenciada” dos trabalhadores da Petrobras, que foi sentida pelos moradores e comércio local como aponta Alfeu Valença:

Imaginem uma cidade pequena, pacata, com um padrão de vida constante, sem muitas variações, sem nenhuma novidade, e de repente chega um bando de pessoas de fora, com costumes diferentes, com salário acima da média da cidade [...] alguns comerciantes ajustavam os preços no dia do pagamento dos salários da Petrobras [...] (VALENÇA, 2012, p.31)

a forma como a cidade é identificada foi modificada, de cidade praiana, de veraneio tornou-se cidade de produção, em sentido quase estrito, ao menos aos olhos de quem vivenciou o período.

Para Certeau (2014) a cidade é definida por uma tríplice operação que compreende a produção de um espaço próprio, o estabelecimento de “não tempo” e a criação de um sujeito universal e anônimo. Essa cidade organizada de forma racional que deve reprimir “todas as poluições físicas, mentais ou políticas, que a comprometeriam”, substituem a resistência das tradições, por esse “não tempo”, assim como, as “táticas dos usuários que astuciosamente jogam com as ‘ocasiões’ e que, por esses acontecimentos-armadilhas (...) reproduzem por toda a parte as opacidades da história” (p. 160)

Em Macaé, as práticas culturais de um grupo existente na cidade, principalmente, dos grupos da região central litorânea foram, pela instalação da Petrobras, inviabilizadas pela forma como aconteciam, não somente pelas transformações das trocas, dos fluxos culturais. O que aconteceu na cidade de Macaé com a chegada da Petrobras, que ocorreu sem planejamento, sem que fossem pensadas as formas e práticas de vida locais, impôs a substituição da forma como essa comunidade se imaginava enquanto território, enfim, como ser macaense.

A nova lógica imposta, a capitalística de uma cidade que teria se perdido, gerou para alguns, a sensação de perder a própria identidade, gerando uma concepção de cidade sem identificação de sujeitos. Voltando a Haesbaert, parece-me que seria adequado pensar, como diz o geógrafo, em um decaimento das relações sociais.

A cidade de Macaé teve um crescimento distinto em relação aos outros municípios do Norte Fluminense e do Estado do Rio de Janeiro. Enquanto cidades como Campos dos Goytacazes viviam um declínio social e econômico após a

mecanização do campo e a concorrência de São Paulo na produção sucroalcooleira, Macaé se tornou a cidade sede da Petrobras e das empresas de serviços, decorrente da instalação da estatal.

Neste contexto, chamo a atenção para a transformação da vida dos grupos que viviam na região central da cidade e que, ao contrário dos moradores do bairro Centro e Imbetiba, pertenciam à classe popular. A comunidade de pescadores, por exemplo, foi afetada em relação ao seu modo de produção, até então artesanal. Os navios e as plataformas marítimas provocaram mudanças no ecossistema dificultando a pesca da forma tradicional. Os pescadores passaram a atuar em distâncias maiores e ao redor das plataformas. Por outra vertente passaram a ser assimilados, em parte, para funções ligadas à exploração do petróleo. Segundo Rocha (2013):

Os pescadores ficaram, assim, 'ilhados' entre dois modelos de cidade contrastantes que têm em comum dois fatores: são estimulados pela imigração e ignoram a comunidade de pescadores. Enquanto eles estão ali consertando suas redes, e tentando garantir a continuidade de suas atividades o restante da população busca se inserir na economia criada e sustentada pela indústria, cujas dinâmicas inviabilizam formas tradicionais de exploração dos ecossistemas locais. [...] A construção histórica do paulatino empobrecimento e vulnerabilização da comunidade de pescadores de Macaé está tanto relacionada com a destruição dos seus espaços de trabalho e de moradia tradicionais, quanto com as dificuldades de adaptação da atividade a um ecossistema cada vez mais degradado e um ambiente político que relega a segundo plano o apoio às políticas públicas que pudessem mitigar os efeitos negativos do desenvolvimento econômico. (ROCHA, 2013, p.187-188)

Os relatos apontam um despreparo do poder público inicialmente pelo desconhecimento da proporção do empreendimento na cidade. No curto período entre as notícias de instalação da Petrobras na cidade e o início das operações, destaco percepções distintas em relação ao acontecimento. Na primeira delas, por meio de uma entrevista publicada no livro *Macaé Memórias Recentes* (MACAÉ, 2019, p.30), Alfeu de Melo Valença, responsável pela instalação da empresa na cidade, relata sua experiência na chegada em Macaé e o trabalho desenvolvido nos anos seguintes. Na segunda, a percepção de Antonio Alvarez Parada por meio de duas crônicas publicadas no jornal niteroiense *O Fluminense*.

Em entrevista concedida em 2012, Valença, gerente geral da Bacia de Campos em Vitória – Espírito Santo, na década de 1970, na época da instalação da Petrobras em Macaé, foi um dos responsáveis pela transferência das atividades para a cidade do Norte Fluminense. A partir do seu testemunho é mostrada uma outra perspectiva

em relação à vinda da empresa para a cidade, de uma pessoa que tinha conhecimento sobre a instalação da empresa e as necessidades de adequação.

Alfeu relata que pela proximidade com a Bacia de Campos e a possibilidade de construção de um porto na praia de Imbetiba motivaram a transferência da empresa de Vitória para Macaé. Assim, em 1979, Alfeu e outras duzentas famílias, segundo relembra, se mudaram para Macaé.

Alfeu conta alguns aspectos da vida cotidiana na cidade no período de sua chegada: o amigo, com quem havia trabalhado anos antes em Alagoas, que o apresentou para mais de trinta pessoas da família, os almoços de final de semana em restaurantes tradicionais da cidade “Aos domingos almoçávamos no restaurante da mãe da Marilena, lá na Rua Direita, ou, na “Churrascaria Brazão”, de Eduardo Zarur, ou gastando mais, comendo lagostas com maionese, no Haroldo.” (MACAÉ, 2019, p.30). Curiosamente, cita também a conhecida lenda da maldição de Motta Coqueiro, e afirma que a cidade estava recém-saída da praga e começava a se desenvolver. Sob sua perspectiva, Macaé era muito pequena e:

A coisa era mais institucionalizada do que institucional e todo mundo sabia quem era quem. Por exemplo, o supermercado era do Milton Monteiro, o posto de gasolina era de Leônidas, o laboratório do doutor Alcir, a loja de Taéco, a contabilidade de Gumerindo, a funerária de Sylvio Lopes... Assim era a Macaé da época. Nós pisávamos em ovos porque chegamos criando uma série de problemas. Imaginem uma cidade pequena, pacata, com padrão de vida constante, sem muitas variações, sem nenhuma novidade, e de repente chega um bando de pessoas de fora, com costumes diferentes, com salário acima da média da cidade. Isso gerou alguns conflitos... Um amigo nosso chegou num açougue, pediu um quilo de carne e atendente disse um preço... Ele reclamou: - Comprei isso aqui ontem e o preço foi bem menor! E o açougueiro respondeu: - Mas hoje saiu o salário da Petrobras. (MACAÉ, 2019, p. 31)

“Confesso que fomos um pouco maquiavélicos e procuramos saber quem eram as pessoas que influenciavam” (VALENÇA, 2012, p.31). Dessas pessoas, segundo relata, ao procurar as autoridades do município, muitas não quiseram nada, em relação à serviços, da empresa, apenas o desenvolvimento. O ex-gerente da Petrobras mostra uma consciência em relação ao que ocorreria na cidade, mas observa que essas mudanças aconteceram de forma bastante rápida, sobre as mudanças da cidade: “Eu acho que a integração Petrobras- Macaé é uma coisa que precisa ser estudada sociologicamente. Dificilmente acontece aquilo que ocorreu! Em pouco tempo, cinco anos depois, estava totalmente executada e exitosa.” (VALENÇA, 2012, p.32)

A partir de uma visão estrangeira, onde ao mesmo tempo em que aproveitava o que a pequena cidade oferecia, ignorava as particularidades do lugar, da cidade e as relações criadas nestes espaços e territórios, assim, Alfeu diz que “foi muito fácil gostar de Macaé. Hoje, depois de percorrer vários lugares, digo que toda cidade do interior do mundo são iguais” (VALENÇA, 2012, p.32) e analisa a cidade que cresceu

[...] eu não posso entrar em muitos detalhes porque estou muito ausente de Macaé, mas noto que podem ter sido muitos erros ao longo do processo, com a chegada da Petrobras e outras empresas, com a quebra do monopólio, mas posso dizer que na média na década de 1980, quando o Brasil inteiro estagnou dez anos, Macaé não deixou de crescer um dia sequer. Acho que a cidade que mais se desenvolveu na ‘década perdida’ foi Macaé! (VALENÇA, 2012, p.34)

Em série de crônicas epistolares enviadas a um destinatário fictício, chamadas Cartas da Província, publicadas no jornal *O Fluminense*, Antonio Alvarez Parada (Tonito), entre julho de 1977 e novembro de 1978, escreveu sobre a cidade de Macaé “aos que curtem, de longe, uma saudade contínua das coisas e da gente de Macaé” (p.26). O historiador Paulo Knauss (2011), ao analisar a identidade cultural macaense descreve Tonito como o mais célebre dos historiadores memorialistas de Macaé. (TAVARES, 2021, p.3)

Knauss ao afirmar a importância da historiografia memorialística para a construção de uma história local, cita um trecho inicial do texto Macaé: ontem, hoje, amanhã (19--) no qual Tonito diz que a região de Macaé sempre foi indiscutivelmente bela. O historiador conclui que esse trecho “define a perspectiva afetiva e sagrada da história-memória, um tipo de historiografia que se caracteriza também pela ênfase num passado perdido e saudoso, que busca reconstituir os fios de uma história mais sentimental que analítica” (KNAUSS, 2011). Esse caráter “sentimental” pode ser visto em toda obra de Tonito que continuamente utiliza suas próprias memórias e experiências para tratar das transformações da cidade. (TAVARES, 2021, p.3)

Tonito, ao longo de sessenta e sete crônicas, rememora ao seu interlocutor histórias passadas de pessoas, lugares e acontecimentos da cidade. Entre essas crônicas há uma gostaria de destacar com o objetivo de mostrar a visão do autor sobre a chegada e a instalação da Petrobras em Macaé: *A Reabertura do Porto de Imbetiba* de 06 de janeiro de 1978. Dessa crônica, trago abaixo quase integralmente, visto que à medida que o texto avança podemos notar, neste exemplo, como foi a participação ou a não participação dos moradores na instalação da Petrobras:

[...] Vamos, pois, em ordem e por etapas. Não é de hoje que, através da nossa imprensa, vem sendo levantada a questão da reabertura do porto de Imbetiba. O tema é antigo, com incidência maior de uns vinte anos para cá. Lembro-me bem de ter sido obrigado a responder, no saudoso “O Rebate” do Jorge Costa, a um artigo a mim dirigido por defensor da volta do porto, devido a ligeiríssimo comentário em sessão mantida por mim no querido semanário macaense.

Nessa ocasião, perguntava eu: Porto pra quê? Para embarcar ou desembarcar o quê? Parecia-me perguntas razoáveis, pois não enxergava eu qualquer produto natural, agrícola ou manufaturado existente ou a existir, já não digo em Macaé, mas nas regiões vizinhas, capazes de movimentarem um porto de mar. E continuei não enxergando, pelos anos em fora.

E francamente, o carro-chefe usado por alguns adeptos de tal ressurgimento, era, para mim, mas que ridículo, pueril: o fato de, em fins de século passado, o porto da Imbetiba ter chegado à condição de um dos dez maiores do Império.

Digo pueril, João, porque se transportar argumentos e condições sócio-econômicas de cem anos atrás para os dias de hoje, outra classificação não merece. A não ser fosse eu tão inocente, a ponto de não haver percebido haver carne debaixo de tal angu. Quem sabe?!

Os anos foram se passando e o assunto entrou em ponto morto pela simples razão de ser defunto. Até descobrir-se petróleo na Bacia de Campos, bacia para muitos usando terminologia inadequada por excluir São João da Barra e Macaé da jogada nominativa. Plataforma submarina, Garoupa, brocas, sondas, torres, todo o vocabulário da extração petrolífera passaram a ser termos comuns no falar dos campistas e, por osmose, dos macaenses.

Aí estourou a notícia: a Petrobrás ficaria com a área das Oficinas da Leopoldina em Imbetiba, oficinas em agonizante estágio de existência. E, em consequência, no local iria ressurgir o porto de mar, após a feitura de obras essenciais, como um terminal de apoio à extração do petróleo oceânico. Logo a notícia virou realidade e quando você nos visitar, João, irá comprovar com seus próprios olhos que a praia de Imbetiba, a sua, a minha, a nossa Imbetiba, já era. Está em outra, meu caro.

Como não posso nem quero alongar-me, hoje fico por aqui, esperando continuar a novela, e concluí-la, na próxima semana.

O abraço, muito cheio de mar e petróleo, do amigo velho de sempre.

Alvaro Antonio (PARADA, 1978)

Dessa forma, Tonito se contrapõe a toda informação em poder do gerente da Petrobras, Alfeu Valença, sobre a cidade, as mudanças que sucederam, as necessidades de infraestrutura que seriam necessárias não somente para extrair o petróleo, mas para receber os trabalhadores que chegariam. Nos artigos de Tonito fica evidente como as transformações da paisagem e no espaço estão fortemente ligadas ao próprio ser macaense afetando sua identidade. Dessa forma, ao ter o seu espaço modificado, o lugar do macaense é questionado. Haveria lugar para os macaenses nessa nova configuração de cidade? Pergunta o memorialista.

Após este questionamento, citado no trecho acima, sete anos depois, Tonito enumera diversos grupos que constituíram historicamente a cidade e que seriam, para

ele, os macaenses: os indígenas do povo Goitacá, habitantes originais da região; os jesuítas, primeiros a estabelecer fazendas na cidade; as famílias tradicionais; os descendentes de pessoas escravizadas que desembarcaram no porto de Imbetiba, o maior porto de desembarque do norte fluminense; o Carukango, líder de um quilombo criado na região serrana da cidade; Motta Coqueiro; migrantes de variadas nacionalidades, dentre outros e finalmente pergunta:

onde a minha Imbetiba? - minha e de Detinha⁹ - com sua água gostosa, sua areia quente, seu grande hotel Balneário, hoje tão depredado, mas que quando de propriedade do campista Lamego, foi tão bem frequentado? (PARADA, 1985)

A partir dessa dúvida de Tonito que, como vimos, em outras percepções sobre a cidade, fica evidente o estabelecimento da divisão temporal da cidade de forma dicotômica antes da Petrobras/depois da Petrobras, sem lugar para si mesmo nesse “depois”. Do mesmo modo, todos os grupos sociais que habitaram o território macaense em todos os períodos conhecidos, passam a fazer parte da ideia de cidade homogênea, conformando assim, uma possível identidade territorial.

Desta maneira, trago um questionamento, talvez sem resposta: qual seria o lugar dos macaenses que viriam depois da Petrobras? Qual seria o lugar dos que nasceram em Macaé, filhos não dos imigrantes europeus, mas dos migrantes de outras cidades do próprio estado do Rio de Janeiro e os de Minas Gerais e os do Nordeste?

Em 1977, ao inaugurar a coluna no Jornal *O Fluminense*, portanto um ano antes da crônica referenciada acima, Tonito mostrou uma visão mais abrangente de quem possivelmente poderia ser considerado macaense:

Cabe, porém, uma interrogação. O que é ser macaense?

Ao pé da letra em pleno e restrito sentido, todo aquele que haja nascido em território abrangido por nosso Município. Até mesmo os que, ao nascerem, o fizeram em lugares então - mas não hoje - macaenses. Como Conceição de Macabu, por exemplo.

Sejamos realistas, porém. A luz de uma ótica duplamente particular: nossa e macaense. Adotável ou não por outros conterrâneos. Extensível ou não a outras comunidades.

Quantos foram e são macaenses por acaso. E daqui crianças sendo levadas pela família, talvez nunca mais voltaram à terra natal ou dela, adolescentes ou adultos, se afastaram voluntariamente, em busca de melhores condições e, encontrando-as, espiritualmente não mais encararam Macaé como terra sua.

⁹ Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez, a Detinha, foi de Antonio Alvarez Parada.

Do lado oposto, quantos entraram no mundo em cidades e países estranhos e de Macaé, por livre escolha e pelo coração, seus ficaram até a morte.

Em posição intermediária, os macaenses pelo berço e pela alma que comedores de bagre nasceram e permaneceram, trabalhando por seus progresso e valorização, ou simplesmente querendo-a por seus bons ares e boa gente, ao vivo ou pela saúde.

Dos dois primeiros, qual o macaense? A resposta é sua. (PARADA, 1977)

As diversas lembranças dos moradores de Macaé nos levam a elaborar um tempo e um território em contradição, em um estado de conflito gerado pelas mudanças. Transversalmente aos valores dessa sociedade que não está isenta, pelo contrário, de preconceitos e pré-concepções que, pelos dados mostrados até esse momento, atravessam esse território e compõem a cidade na sua divisão, não somente entre tempo, antes/depois da Petrobras, mas através do espaço e poder.

As relações sociais desse grupo se dão por meio de laços sociais e afetivos com outros moradores e com os espaços da cidade. Arjun Appadurai (1997) escreve que:

[...] as memórias e as ligações que os sujeitos mantêm com sua vizinhança e nomes das ruas, seus caminhos e cenários urbanos preferidos, momentos e lugares para congregação e divertimento estão sempre em conflito com as necessidades do Estado-nação de regular a vida pública. (APPADURAI, 1997, p.34)

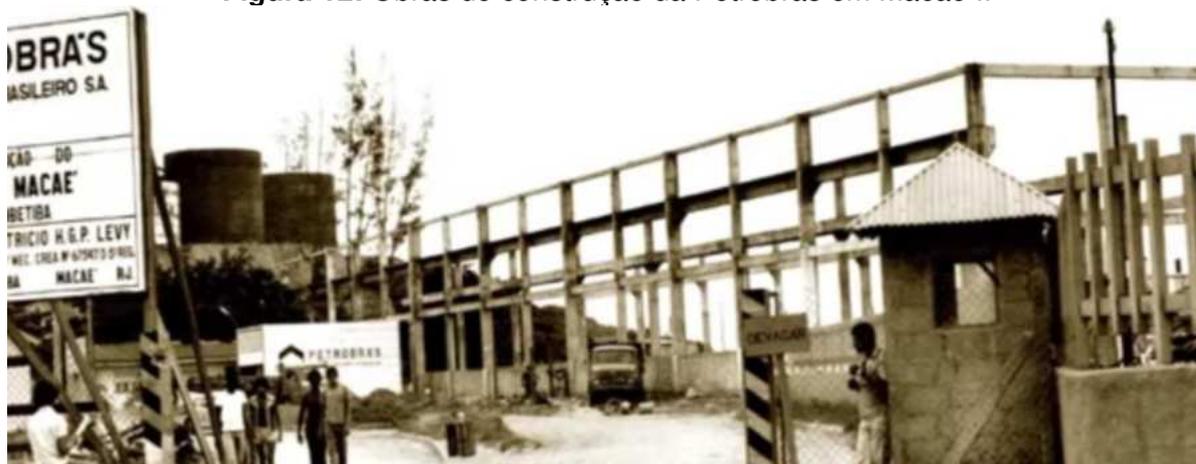
A chegada da empresa no momento em que os interesses do Estado brasileiro pela exploração do petróleo, como dito anteriormente, em período de ditadura, gerou, nessa população uma contradição entre a chegada do progresso almejado e as consequências dele. A circulação e fixação de novos moradores gerou uma sensação de invasão do território que precisaria ser reafirmado, nesse caso com a atribuição dos que vieram de fora como os estranhos, os outros, mesmo que esses estranhos e outros fossem de lugares próximos.

Figura 11- Obras de construção da Petrobras em Macaé



Fonte: Cláudio Bittencourt (Dunga)

Figura 12: Obras de construção da Petrobras em Macaé II



Fonte: Cláudio Bittencourt (Dunga)

3.2. Imbetiba e outras relações com o mar e a praia

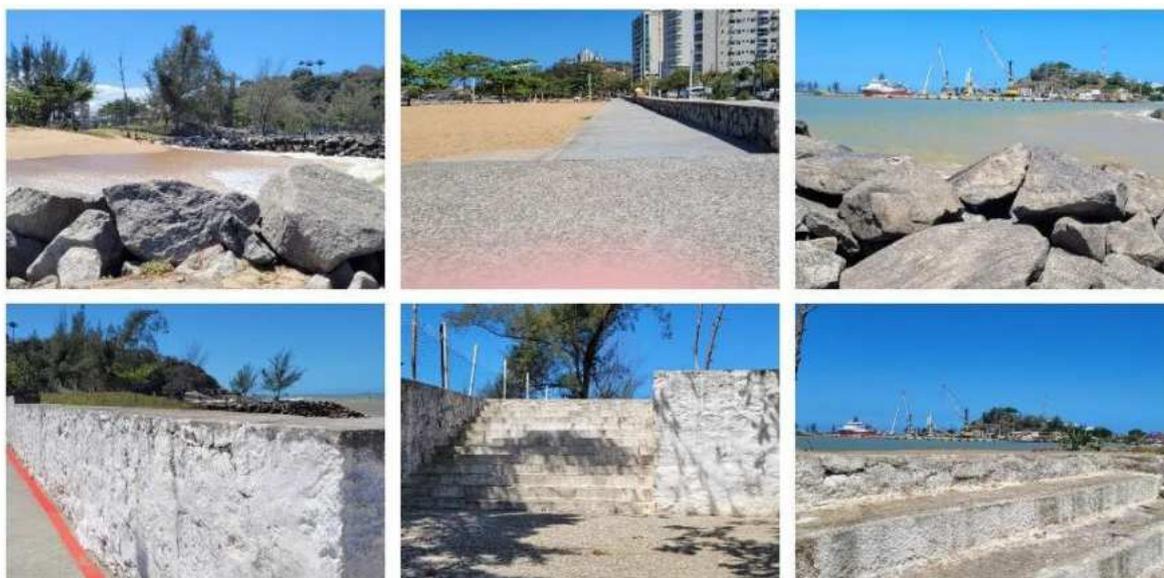
A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural. Estes diferem profundamente e intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de ganhar a vida. (TUAN, Yi-Fu, 1974, p.107)

A princípio me detenho à paisagem da praia de Imbetiba, como uma fotografia, onde cada um dos elementos materiais que estão lá por intervenção humana: calçadão, muro, escadas, guindastes, prédios constituem resquícios das interações entre habitantes da cidade e a praia, que remontam desde os tempos coloniais, se estendem até os dias atuais e são fragmento da história da cidade de Macaé.

A praia é pequena, situada em um dos extremos do centro da cidade, não possui mais que 1 km de extensão. Da Elias Agostinho (avenida de frente à praia) vemos um calçadão que vai de um lado a outro e um muro de pedras que em muitos pontos impede a visão do mar, em outros pontos, existem escadas que permitem o acesso à areia. No extremo esquerdo da praia, temos a rua da Igualdade que carrega esse nome por abrigar três cemitérios. Na ponta direita, a rua onde fica a entrada da Petrobras e de outras empresas de apoio às atividades da petrolífera.

Ao subirmos as escadas e acessarmos a praia propriamente, vemos que a areia é grossa e avermelhada, o mar é separado por seis quebra-mares de pedras grandes e terra construídos no período de instalação da Petrobras. As águas, geralmente de um verde-escuro, são calmas e produzem ondas muito pequenas. Invadindo a praia e formando a enseada, do lado esquerdo, temos um morro com uma mata preservada, do outro lado, o antigo hotel e o porto, fixado em parte aterrada pela empresa, com guindastes, navios e pequenos prédios.

Figura 13: Fotomontagem com detalhes da Praia de Imbetiba (2022)



Fonte: Da própria autora (2022)

Mas o que nos interessa nesse lugar, além de sua paisagem? Certamente, a praia de Imbetiba não é a única que teve sua paisagem natural modificada ao longo dos anos, atendendo às necessidades do “progresso” no extenso litoral brasileiro. A praia de Imbetiba seria somente uma praia se não fosse o valor atribuído por seus moradores. Não me interesso em tratar dos limites físicos, de uma ponta a outra, da

praia de Imbetiba, como um território em um sentido tradicional ligado somente ao solo. O que se destaca é a relação das pessoas com a praia como um lugar que ocupa uma pequena porção do espaço territorial geográfico macaense e que simboliza o que ocorreu na cidade de Macaé com a instalação da Petrobras. A Imbetiba é para os macaenses mais do que seu espaço físico.

A Praia de Imbetiba possui um porto natural, que era utilizado como ligação do norte do Estado com a cidade do Rio de Janeiro. Esse porto era utilizado desde os tempos do Brasil colonial quando recebia navios portugueses e servia de local para desembarque de escravizados que posteriormente eram enviados para o norte do Estado do Rio e para Minas Gerais. Além disso, era porta de entrada de gêneros alimentícios e saída da produção agrícola da região. No século XIX, alcançou a colocação de sexto maior porto em relação ao volume de exportação no Império, assim, em 1844, foi autorizado a construção do canal Campos-Macaé, inaugurado em 1872 para facilitação do escoamento da produção agrícola campista até o porto de Imbetiba.

As obras do canal levaram 28 anos para serem concluídas, um ano depois que a companhia ferroviária Ferro-Carril inaugurou uma ponte de embarque na enseada da praia. Três anos depois, foi inaugurada a Estrada de Ferro Macaé-Campos, que tinha como destino o porto de Imbetiba, o que tornou o Canal obsoleto. No final do século XIX, com a construção do prolongamento da estrada de ferro que ligou Macaé a Rio Bonito em 1888 e, dez anos depois, com a compra da companhia Ferro-Carril pela empresa ferroviária Leopoldina Railway, a cidade de Campos dos Goytacazes estava ligada pelos trilhos à cidade de Niterói.

O porto marítimo sempre exerceu papel de relevância na economia macaense. Na atualidade, a exploração e produção de petróleo na Bacia de Campos faz uso das vias portuárias para movimentação de cargas. A construção do ancoradouro e das docas, precursoras do atual terminal de apoio às plataformas marítimas, foi responsabilidade da Companhia de Estrada de Ferro Macaé e Campos. Esta ligava-se ao porto por um ramal integrando o transporte ferroviário ao marítimo. O Porto servia para embarque e desembarque dos vapores da Companhia, além de abrigar oficina para os reparos das embarcações e material rodante. Este Porto no período imperial chegou a ser

[...] o sexto em volume de exportação no País, recebendo riquezas produzidas na região através do Porto do Limão, no Rio Macaé, do Canal Campos-Macahé e da Cia. Estrada de Ferro Macahé-Campos, sucedida pela Cia. Estrada de Ferro Leopoldina, em 1889. (GAVINHO, 2019, p.24)

A partir desse momento, o porto entrou em declínio e foi comprado pela Leopoldina Railway, que passou a ter o monopólio do transporte na região. A empresa adquiriu também a área das oficinas de manutenção do porto, utilizando-as para a mesma função e instalou posteriormente a escola do SENAI. Nesse período a cidade se desenvolveu em função da ferrovia que garantiu empregos, movimentação comercial e é berço da classe ferroviária na cidade que foi a primeira afetada com a chegada da Petrobras. (VARGAS, 1997)

A Praia de Imbetiba não pode ser analisada através de seus elementos separadamente, sejam os naturais, mar e areia, sejam os construídos pelas pessoas, a Imbetiba é tudo que está nela, mais relações sociais que acontecem nesse espaço, por isso, praia, hotel, porto e pessoas são o que formam a Imbetiba. A empresa foi instalada na praia, por haver condições físicas, materiais, políticas e naturais. Porém, ao ser inserida naquele espaço, a configuração da praia foi modificada, alterando assim, a própria praia de Imbetiba e a forma com que os moradores da cidade se relacionavam com o local.

A Praia de Imbetiba é citada diversas vezes em crônicas, livros e notícias publicadas ao longo do século XX. Embora tenha abrigado um porto de grande importância para a região até o século XIX, o século XX inaugurou uma nova versão da praia de Imbetiba, que é referenciada como balneário de águas calmas e destino turístico de veraneio. É no século XX que a Imbetiba passa a ser a praia que seria perdida com a ampliação do porto pela Petrobras.

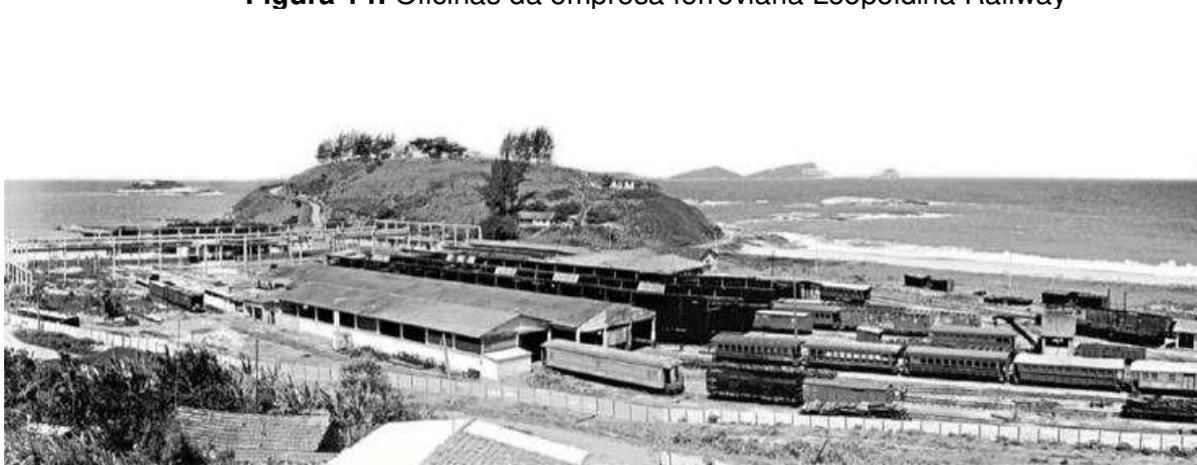
A Revista do Comércio, em artigo intitulado Macaé de Hoje (s/d), descreve a Praia de Imbetiba, quando a cidade contava com cerca de 8 mil habitantes, como “um pitoresco local predileto dos campistas e dos mineiros [...]” relata ainda que existe “excelente praia de banhos e um magnífico estabelecimento balneário, frequentadíssimo por veranistas de toda a parte [...]” (REVISTA DO COMÉRCIO, s/d). Hamilton Neiva (1936), colunista do jornal O Linguarudo descreve a Praia de Imbetiba, na década de 1930 como “maravilhosa... tem-se vontade de descansar naquele fulvo areal, ouvindo o bramir das vagas, vendo o espraiar das ondas, contemplando também o infinito, onde o céu e mar se tornam uno...” (1932).

Com o passar dos anos, após a metade do século, as notícias de Imbetiba começam a associar a palavra progresso ao porto. Anteriormente, a palavra era utilizada, porém, ligada às atividades comerciais e industriais da cidade e a possibilidade de constituição de destino turístico.

As primeiras notícias de que o porto de Imbetiba seria reaberto datam do início da década de 1960. No artigo *O progresso invade Macaé*, publicado no magazine *Macaé em Revista* (1961), o cronista Renato Justo, ao levantar a hipótese de que a cidade finalmente estaria livre da maldição de Motta Coqueiro, que teria jogado uma praga pela qual a cidade não teria crescimento por cem anos a contar do ano 1855, comemora as perspectivas de riqueza, novas indústrias, ampliação de bairros, futuras fábricas e riquezas que chegavam junto à reabertura do porto. (CAUTIERO, et al, 2013)

Em 1958, foram iniciados os testes de prospecção de petróleo em Macaé, quase dez anos depois, em 1967 já era noticiado a visita de técnicos-pesquisadores da indústria do petróleo. Porém, foram necessários mais dez anos para que se iniciasse a obra para instalação da Petrobras que ocupou não somente o porto de Imbetiba, mas também as oficinas da antiga empresa ferroviária Leopoldina *Railway*, desmobilizando também a escola do SENAI e os funcionários da empresa. (MEYNARDO, 2019) Entre 1977 e 1978 as obras na praia foram iniciadas.

Figura 14: Oficinas da empresa ferroviária Leopoldina Railway



Fonte: Cláudio Bittencourt (Dunga)

O assunto, que segundo Tonito seria defunto, voltou a vida naquele ano de 1978 após o petróleo ser descoberto na Bacia de Campos. Assim como Tonito, a poetisa e ambientalista Sandra Wyatt no poema "Imbetiba!" mostrou sua revolta com a situação em que se encontrava a praia de Imbetiba no ano de 1978. Sandra é mais enfática e menos passiva que Tonito em sua fala. A poetisa mostra sua revolta ao bradar a morte da praia e conclamar seu leitor a esbravejar e arreventar as ondas humanas contra os muros do sistema regido apenas pelo dinheiro. Em um dos versos declara, aludindo a instalação da empresa que transformaria Imbetiba por dinheiro e em nome do dito progresso, que a responsabilidade pelo fim também é nosso:

Imbetiba!

(a Praia da Imbetiba virou porto)

O mar não morreu com sua morte!

Mas, que sua morte seja a nossa consciência!

Se não esbravejamos, se não arreventamos nossas ondas humanas,
contra os muros do sistema...

Os muros são cegos, surdos e mudos!

Estaremos compactuando e sendo tão muros, quando sei que foram muros aqueles que dobraram e emudeceram sua voz e, estão calando o grito do mar num planeta em que a água é senhora criadora, sentinela guerreira contra os mais terríveis.

Agora, sem hora, está se transformando, e a responsabilidade é nossa, num fim horrendo e pegajoso povoado de animais dantescos que excrementam violência, doença e morte; por dinheiro.

Nenhum ser humano, que na Natureza, também tem a sua origem, poderia permitir!

Eu, pego a minha clava de pedra, a palavra, e luto para acordar estes homens e mulheres, que dentro de nós fizeram adormecer.

A vida é de todos!

Quem tiver que venha!

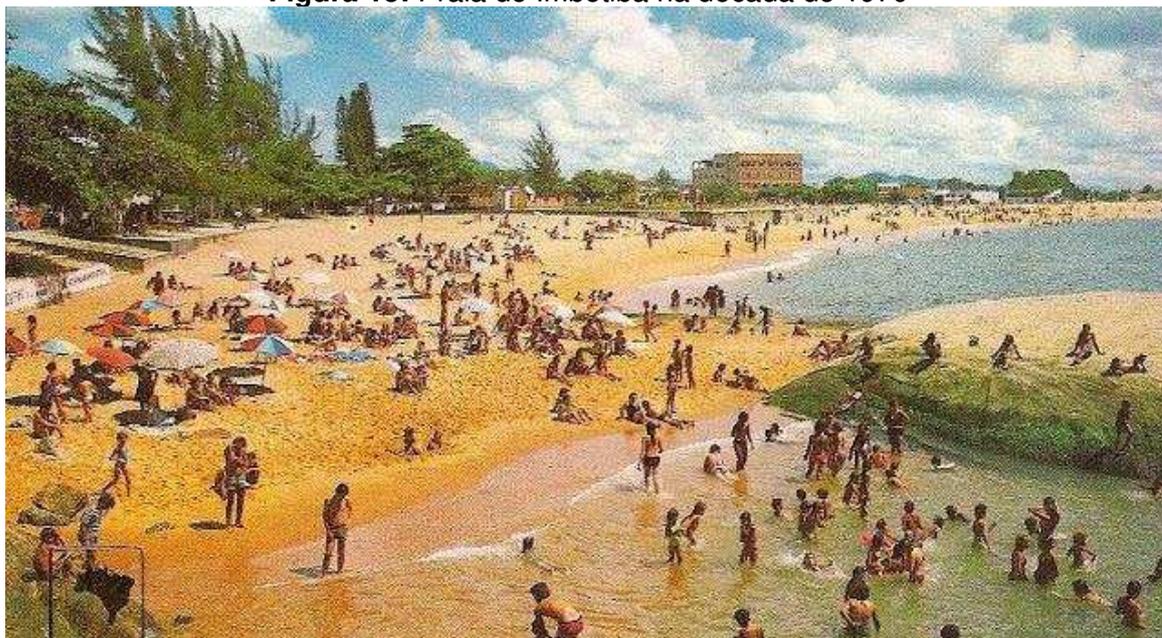
Pela Imbetiba!

Por Macaé!

Pela Terra!

Por nós! (WYATT, 1978)

Figura 15: Praia de Imbetiba na década de 1970



Fonte: Observatório da Memória Macaense

No final da década de 1970, quando a Petrobras já estava instalada na cidade, o jornalista Cesário Parada, publicou no jornal *O Fluminense*, de Niterói, o artigo *Petrobras dá mais energia para Macaé, que é notícia*, onde ao comentar sobre a implantação de um polo petroquímico em Macaé, afirma que a cidade pode mudar de vocação: “A vocação até hoje adotada pela tendência turística e a não realização plena nesse setor, pela vocação nova e já assumida: a industrial [...]” e continua: “A primeira embora lenta no setor referendado ao progresso era mais humana, mais amiga e mais limpa. A segunda, mais rápida e mais exigente [...] A riqueza virá e com ela o progresso violento [...]” (PARADA, 1979).

Do lugar que estamos hoje, vemos que o apelo feito pela poetisa não se transformou em ações da população local em prol da Imbetiba existente até aquele momento. Alguns fatores poderiam ser levados em consideração como o fato de estarem nos anos da ditadura militar e a empresa ferroviária *Leopoldina Railway* grande empregadora da cidade já estar em processo de desativação antes mesmo da certeza da instalação da Petrobras.

José Marcelo (1995), ao falar de desenvolvimento e autonomia argumenta os desafios enfrentados pela defesa do território:

[...] mesmo quando balizada pela plena autonomia como horizonte essencial (e longínquo), se apresenta, sob a forma de pequenos e grandes desafios, quotidianamente e nas mais diferentes escalas, das mais modestas às menos

acanhadas. Em todos os casos os atores se verão confrontados com necessidades que passam pela defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida, de recursos vitais para a sobrevivência de um grupo, de uma identidade ou de uma liberdade de ação. (SOUZA, 1995, p. 109-110)

Anos mais tarde, em 2006, após Cesário Parada publicar a previsão de progresso violento, o jornalista e ambientalista, Martinho Santafé, em artigo - Testemunha de muita história- para o jornal O Debate, rememora e avalia os impactos da descoberta do campo de Garoupa, em dezembro de 1974. O jornalista afirma que entre a descoberta em 1974 e a instalação da base operacional na praia de Imbetiba, passaram-se cinco anos que poderiam ter sido aproveitados para minimizar os impactos na cidade, mas que a ditadura militar atropelou qualquer obstáculo que pudesse atrapalhar a instalação. Santafé, fala ainda sobre os royalties que só começaram a ser pagos em 1986 e que somente em 1997 com

[...] a nova Lei do Petróleo promoveu-se um intenso crescimento nas compensações financeiras pagas a União, Estados e Municípios porém para Macaé, os novos recursos chegaram tarde demais, pois os estragos estruturais já haviam sido feitos e não havia mais o que compensar. A opção seria remediá-los a um custo mais elevado [...]" (SANTAFÉ, 2006).

Ao longo dos anos podemos observar pelo menos quatro momentos diferentes no que se refere a Imbetiba. Em um primeiro momento, na primeira metade do século XX, vemos que a praia é um balneário destinado ao lazer, as águas claras e mansas, o hotel são lugares propícios para os dias de verão, para as férias recebendo inclusive turistas de Campos dos Goytacazes e Minas Gerais. Em um segundo momento, a possibilidade de reabertura do porto traz consigo a esperança de progresso e crescimento da cidade.

No terceiro momento, a ruptura, diz Tonito, ainda em 1978, que a Imbetiba já não existiria mais, seu irmão Cesário Parada prevê a mudança de vocação e progresso violento e Sandra Wyatt conclama os homens e mulheres que assistem passivos as transformações do local. Sandra afirma que o mar não morreu, de fato o mar de Imbetiba continuou existindo, mas diferente, um outro mar. No último momento, já no início do século XXI, observamos uma sobreposição dos significados atribuídos à praia. Ao mesmo tempo que é utilizada pelas empresas, é frequentada pela população para o lazer.

Maurice Halbwachs afirma que a memória coletiva não pode ser confundida com a história e que sendo um pensamento não artificial e contínuo “retém do passado

somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (1990, p.56). Porém, podemos dizer que foi esta última imagem a escolhida pela população macaense, pelo menos para aqueles que puderam registrar suas palavras que chegaram até nós, nos dias de hoje. Ainda segundo Halbwachs, “Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo tipo que esquece uma parte de seu passado. Há, na realidade, dois grupos que se sucedem.” (1990, p.81). Dito isso, entendo que independentemente dos usos posteriores da praia e valor atribuído pelas gerações atuais ou futuras, para a geração que vivenciou a instalação da Petrobras, o evento deixou marcas, assim como, a partir dessas marcas/rupturas configuraram os 40 anos seguintes do desenvolvimento/crescimento da cidade.

Os 40 anos que se seguiram foram marcados pelo protagonismo ímpar daquele porto e o suprimento das necessidades e desafios que marcavam a fronteira marítima do petróleo brasileiro. A partir de Imbetiba, os mais de 500 poços perfurados em 4 décadas de operações na Bacia de Campos foram supridos. As plataformas foram abastecidas e Imbetiba passou de ‘balneário da Princesinha do Atlântico’ a ‘Porto do Petróleo Nacional’, no qual foram depositadas todas as esperanças de autonomia e grandeza de uma nação. (WAGNER, 2019, p.85)

Figura 16: Praia de Imbetiba (2016)



Fonte: Da própria autora (2016)

Atualmente, a praia de Imbetiba continua frequentada. É possível observar que houve um deslocamento das atividades praticadas na praia de Imbetiba, considerada

até o início da década de 1980, o lugar de encontro, de socialização desse grupo descrito. Atualmente, a praia e o bairro dos Cavaleiros, que surgiu como um loteamento que atendeu principalmente funcionários dos cargos mais altos da Petrobras, é a praia mais frequentada, nas últimas décadas.

Figura 17: Praia dos Cavaleiros



Fonte: Prefeitura Municipal de Macaé

O local, que até a década de 1970 era praticamente inabitado, passou pelo loteamento e ocupação residencial e hoje, em processo de crescimento, teve boa parte das casas foi substituída por prédios e o comércio que se desenvolveu em praticamente toda a avenida da orla e adentra as ruas antes residenciais. No processo contínuo de urbanização e ocupação territorial da parte litorânea da cidade, a prática de frequentar a praia em Macaé, acontece em toda orla.

4. ELABORANDO TERRITÓRIOS E IDENTIDADES; RUPTURAS E CONTINUIDADES

Peço licença aos amigos do Rio
 pra ficar em Macaé
 É lá onde eu vivo bem,
 sem luxo, porém mais tranquilo
 Eu, a mulher e o filho
 (...)

Com vara de pescar pego um peixe pro jantar
 Se me der sede vou ao bar do Sadí
 Tomo a saideira no boteco do Ivair
 E ainda canto o meu samba ali
 O Bico da Coruja eu frequento mesmo a pé
 Por isso eu vou ficar em Macaé
 O Samba Choro e Poesia todo sábado é de fé
 Por isso vou ficar em Macaé. (BENZÊ, 2021)¹⁰

As realidades existentes na cidade de Macaé não podem ser compreendidas sem pensarmos em uma construção que considere as relações entre o tempo e o espaço. Moradores da cidade há tempos demonstram um flerte com a questão do progresso. O progresso sempre almejado, impõe à comunidade uma expectativa de futuro promissor e crescente. Na expectativa de crescimento está o futuro que nunca é alcançado. Das várias formas que a cidade já foi vista, sempre foi atribuído um potencial a ser desenvolvido.

Essa expectativa contrasta com o desejo de manutenção do território concebido e vivido anteriormente. Algumas vezes pela manutenção do modo de vida ligado à subsistência, outras vezes pela conservação das relações de proximidade que conferiam uma ideia de comunidade estável. Essa sensação de comunidade estável pode ser concebida mesmo nos tempos atuais, apesar de toda a transformação, dependendo do referencial do sujeito que a interpreta.

¹⁰ Trecho da letra da música Peço Licença (2021) de Jorge Benzê. Músico e compositor carioca, residente em Macaé é especialista em História e Culturas da África e Afrobrasileiras pela faculdade pública de Macaé, a FeMASS.

Figura 18 - Vista Aérea de Macaé a partir do bairro da Glória



Fonte: Wanderly Gil (2019)

Ao tratar das identidades culturais ou “posicionamento de sujeitos” no mundo pós-moderno, Stuart Hall (2006) aborda as mudanças estruturais e institucionais que afetam e fragmentam as “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p.9) resultando em uma crise de identidade. Numa sociedade sem a estabilidade e unicidade vivida anteriormente, onde “o processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p.12), a multiplicidade de possibilidades de identidades com as quais podemos nos identificar, não impossibilita circunstâncias em que componentes e identidades diversas podem ser conjuntamente articuladas.

Na construção das identidades nacionais coerentes e únicas, Hall afirma que estas são compostas não somente por instituições culturais, mas também por símbolos e representações “Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50).

Em citação à Benedict Anderson, o autor nomeia a identidade nacional como comunidade imaginada, para a qual são utilizadas estratégias de construção e representação como: as narrativas de nação, elaboradas por eventos históricos, símbolos, rituais, triunfos e perdas entre outros que dão significância a existência cotidiana; a representação da identidade nacional como primordial; no recurso discursivo da invenção das tradições; nos mitos fundacionais e na ideia de um povo puro ou original, que pode gerar um movimento de expulsão do “outro” (HALL, 2006). No hino oficial de Macaé observamos essa elaboração do passado glorioso é expresso nos versos: “Macaé, nossa voz é a história/ A cantar teus encantos, teus céus/ Tua gente, teus anos de glória, / Um passado de tantos troféus.” (PARADA, 1963).

A cultura nacional, assim como nas culturas e comunidades imaginadas locais, embora seja composta por membros diferentes em termos de classe, etnia, raça, gênero, sempre irá tentar unificar a todos sob uma única família nacional. A forma encontrada para unificar essas identidades diversas seria representá-las como “expressão da cultura subjacente de “um único povo”. (HALL, 2020, p.36). Trazendo a questão para um universo local, a família macaense é representada pela memória daqueles que viviam entre o Centro da cidade e a Imbetiba.

A sensação de uma identidade perdida vem da mudança ocorrida para esse grupo específico que se baseia em uma ideia específica de identidade cultural, pautada em um alicerce de uma cidade homogênea, de uma comunidade onde todas as pessoas se conheciam, sem os desafios da desigualdade social:

Depois de minha juventude feliz, ao lado de maravilhosos primos, tive que sair de Macaé, já que a cidade não oferecia opções além do comércio, da pequena rede bancária e da Leopoldina, que aquecia o mercado. Então, depois de 21 anos, retornando às origens, levei um grande susto ao visitar o Zé Mengão, barzinho acanhado de encontros étlicos e políticos, que também se foi muito depois do Belas Artes, assim como a praia de Imbetiba, perdida para o “progresso” do petróleo. Encontrar um rosto macaense, em meio a centenas de forasteiros na praia do Cavaleiros e no calçadão da Avenida Rui Barbosa, foi difícil. E me perguntava: Para onde foram os macaenses? Senti aí uma profunda sensação de perda, de vazio, a falta de laços afetivos, a alegria do contato com o conterrâneo. Isso me preocupou, me achei um estranho no ninho, no lugar onde nasci, vendo uma frenética corrida pelo emprego, pessoas se jogando pela periferia invadida, sem estrutura, corretores agitados pela perspectiva de enriquecimento rápido e a cidade perdendo a cultura da simplicidade e da alegria em receber os visitantes diante uma crescente instabilidade social. Então, quando viajo pelo tempo e chego lá na minha Macaé dos anos 1950 - 60, sinto a perda da riqueza humanística e daquele ambiente bucólico, hoje, degradado. Quando me lembro da Rua da Praia com sua murada tomada por pescadores de Macaé

e alegres turistas pegando sardinhas, robalos, bagres e vejo que isso se foi, não dá pra pensar na riqueza do petróleo sem reação. (BARRETO, 2012 In: CARVALHO; GARCIA, 2019, p.61)

Porém, ao considerarmos que a identidade relacionada ao território macaense é, e sempre foi, heterogênea e não é composta apenas das identificações referenciadas pelo grupo detentor da memória, esse argumento pode ser sustentado em nível individual ou de um determinado grupo, mas não pode ser afirmado como realidade de todos os habitantes do território. Da mesma forma, não se sustenta a questão relacionada ao tempo passado/ tempo presente, já que existem formas de experienciar a cidade que se perpetuam e tem continuidade dentro do mesmo território, mas vivenciados por grupos diferentes.

Como pensar, por exemplo, a praia de Imbetiba que era considerada por muitos a praia popular e que essa experiência se perdeu, se a mesma continua sendo frequentada pelas classes populares? Como pensar que uma das manifestações culturais mais citadas pelos moradores desses períodos, as Sociedades Musicais Lyra dos Conspiradores¹¹ e Nova Aurora¹² ainda existem e se renovam, não somente através das memórias, mas por meio de seus músicos e sócios que continuam a frequentar esses espaços?

No texto do jornalista macaense independente, José Milbs (2013), podemos observar que, ao mesmo tempo em que nomeia os habitantes originais de Macaé, propõe um novo início fundador, entre os "nativos", e as classes trabalhadoras dos ferroviários e petroleiros, formando, assim, uma nova comunidade imaginada. Demonstrando a necessidade de estabelecimento de mitos fundadores do território, mesmo que seja necessário a incorporação de novos elementos.

A mistura dos ferroviários com os nativos, que fizeram nascer vários bairros, será fortalecida e retratada no amalgamento de petroleiros com nativos e descendentes de ferroviários. É deste sangue, forjado no amor entre as pessoas, que vem a força desta cidade, que perdoa as ingratidões e as maldades de uma elite que vai se esvaindo no decurso dessa mistura. O verdadeiro sangue vermelho do amalgamento ferrovia/nativos e petroleiros apaga de vez o sangue "azul" dos exploradores de pobres e escravos de triste memória na vida colonial de nossa velha Macaé. (MILBS, 2013)

¹¹ Sociedade Musical Beneficente Lyra dos Conspiradores fundada em Macaé, no ano de 1882, após dissidência de músicos e integrantes da Sociedade Musical Nova Aurora. Está em atividade até os dias atuais.

¹² Sociedade Musical Nova Aurora fundada em Macaé, em 1873, está em atividade desde então. Em 2006, a banda da Nova Aurora se tornou Orquestra de Sopros Nova Aurora.

Benedict Anderson ressalta que as comunidades são imaginadas porque "mesmo os membros das mais minúsculas nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles." (p.32) e se diferenciam "não por sua falsidade/autenticidade mas pelo estilo em que são imaginadas." (p.33), porque possuem "fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações" (p.33) e porque "independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal". (p.34)

Em Macaé, há algo que se perpetua por meios oficiais que é a ideia de que nessa comunidade homogênea todos se conheciam e isso é reforçado pelas relações descritas em publicações como *Macaé Memórias Recentes* (2019), onde a cada entrevista, inúmeros nomes e lugares são citados e se repetem ao longo de cada capítulo da publicação. As descrições de locais e pessoas que se conhecem, se frequentam, se autorreferenciam consolida a sensação de vida em uma comunidade sólida, porém essa comunidade macaense imaginada é composta apenas por um grupo social, localizado em um espaço/ tempo específico. Nesta mesma publicação, mais um grupo é incluído na composição social fazendo crescer o núcleo de um novo mito de fundação da cidade: as "primeiras famílias petroleiras no município" (p.5), como é caracterizada uma das entrevistadas da publicação.

Ao pensar na formação da cidade de Macaé, nos fluxos migratórios e considerando, obviamente, a cidade dentro da sociedade moderna/ pós-moderna, emerge desse contexto, a ideia de cidade híbrida, afinal, na construção constante da cidade como a conhecemos hoje, diversas culturas estão em diálogo e conflito em um mesmo território. Canclini (2001, p. 19) ao discutir as culturas híbridas em tempos de globalização, traz uma definição de hibridação: "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas." Porém, importante ressaltar que, segundo autor,

[...] hibridação não é um sinônimo de fusão sem contradições, mas, sim, que pode ajudar a dar conta de formas particulares de conflito geradas na interculturalidade recente em meio à decadência de projetos nacionais de modernização na América Latina. Temos que responder à pergunta de se o acesso à maior variedade de bens, facilitado pelos movimentos

globalizadores, democratiza a capacidade de combiná-las e de desenvolver uma multiculturalidade criativa. (CANCLINI, 2011, p.18)

Há de se trazer, em princípio, o conceito descrito pelo antropólogo argentino que explica o que ocorreu e ocorre em Macaé. Existem práticas distintas que, nesse caso, práticas culturais macaenses, se combinaram a outras práticas, de migrantes vindos nas últimas décadas e formaram novas estruturas, objetos e práticas? Ou o que ocorre na cidade é a mera imposição de uma lógica da produção capitalista?

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Busca-se reconverter um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado. (CANCLINI, 2011, p.22)

A análise do processo descrito por Canclini, deve levar em consideração que “articulados com estratégias de reconversão, demonstra que a hibridação interessa tanto aos setores hegemônicos como aos populares que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade.” (CANCLINI, 2011, p.22)

Esses processos incessantes, variados, de hibridação levam a relativizar a noção de identidade. Questionam, inclusive, a tendência antropológica e a de um setor dos estudos culturais ao considerar as identidades como objeto de pesquisa. A ênfase na hibridação não enclausura apenas a pretensão de estabelecer identidades “puras” ou autênticas”. Além disso, põe em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tentam afirmar-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização. Quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram. Como consequência, é absolutizado um modo de entender a identidade e são rejeitadas maneiras heterodoxas de falar a língua, fazer música ou interpretar as tradições. Acaba-se, em suma, obturando a possibilidade de modificar a cultura e política. (CANCLINI, 2011, p. 23)

A identidade cultural para Stuart Hall (1996) apresenta dois sentidos diferentes. No primeiro, propõe pensar a identidade como uma arqueologia das semelhanças e como processos de redescobertas imaginativas, em uma busca “em termos de uma cultura compartilhada, uma espécie de um “ser verdadeiro e uno” coletivo, oculto por muitos outros seres mais superficiais ou artificialmente impostos” (1996, p.68). Para o autor, esse primeiro sentido não deve ser desprezado dado seu papel nas lutas pós-coloniais, nos movimentos como o feminista, anticolonialista e antirracista. Em um segundo sentido, que entendo ser mais valioso, neste momento e para este trabalho,

Hall apresenta a identidade como ‘uma produção que nunca se completa’ (HALL, 1996, p.69) assim:

[...] tanto é uma questão de “ser” quanto de “se tornar, ou devir”. Pertence ao passado, mas também ao futuro. Não é algo que já existia, transcendendo a lugar, tempo, cultura e história. As identidades culturais provêm de alguma parte, tem histórias. Mas como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante. Longe de fixas eternamente em algum lugar passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder. As identidades, longe de estarem alicerçadas numa simples “recuperação” do passado, que espera para ser descoberto e que, quando o for, há de garantir nossa percepção de nós mesmos pela eternidade, são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam, e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado. (HALL, 1996, p.69)

Nesse sentido, onde a identidade não é essencializada no passado e sujeitas aos fluxos da história, cultura e poder, como nos identificamos, como comunidade, é fruto da reunião desses fatores e do posicionamento de cada um no mundo, dessa forma, impossível pensar em identidade perdida. Seria possível, sim, dizer identidade transformada. Por outro lado, ao tomar um sentido essencializado da comunidade, são excluídos certos aspectos de sua composição, inclusive na transmissão do passado.

As rupturas ocorridas na cidade de Macaé a partir do final da década de 1970, quando a cidade entrou na rede de cidades produtoras de petróleo, em uma lógica de atendimento de outros objetivos de produção nacional, ocorreram de forma extremamente brusca, o que pode ser visto nos dados apresentados sobre a cidade e tiveram como consequência uma substituição da dinâmica local e do modo de viver dos moradores, suas relações sociais e com a própria cidade.

Para Hommi Bhabha “É na emergência dos interstícios - a sobreposição e deslocamentos de domínios da diferença - que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [*nationnes*], o interesse comunitário e coletivas de nação são negociados”. (BHABHA, 2019, p.20). Considero aqui, que o interstício, a separação entre um momento e outro ocorreu pela última vez, levando em conta outros momentos de rupturas, crescimentos populacionais, mudanças de matrizes econômicas, na instalação da Petrobras na cidade. É nesse momento que a identidade macaense é negociada, assim, é a partir desse evento que a diferença se faz presente de uma forma temporal, todos que estão antes da instalação são os macaenses, os que estão depois, são não - macaenses ou no máximo, macaenses de coração ou macaenses por escolha. Nesse sentido, múltiplas identidades,

resumidas às indígenas, negras, europeias, estão dentro da configuração original da cidade e as migrantes, independente de suas identidades de classe, raça e etnia, estão fora.

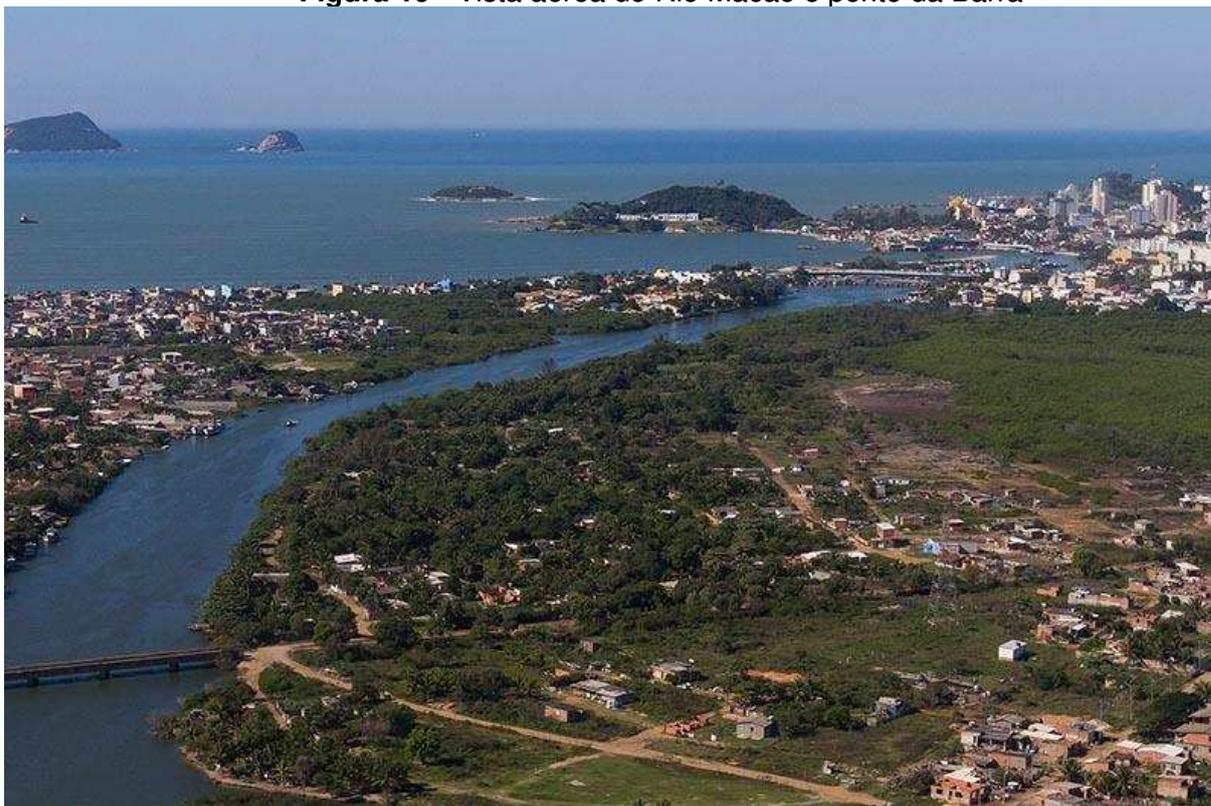
Porém, que outros elementos não são considerados nesse quebra-cabeça, quem seriam os outros? Quem seria a população à margem? A literatura sobre a cidade indica algumas possibilidades. Na divisão da cidade entre norte e sul, ou como se fala em Macaé, antes ou depois da ponte da Barra, a divisão geográfica alinhada aos indicadores de classe, raça e gênero mostram que ser acolhido na cidade depende da origem, do trabalho que exerce e da cor da pele ou do grupo social em que está inserido, mas esses fatores sozinhos não elucidam a questão.

Norbert Elias e John Scotson ao estudar a comunidade de Winston Parva verificaram que o principal elemento de diferenciação existente dentro da comunidade era o fator antiguidade, onde foi estabelecida uma relação de poder e superioridade entre “uma povoação da classe trabalhadora, estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança” (2000, p.20). Esse grupo mais poderoso, chamado pelo autor de estabelecidos, “vêm-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros.” e poderiam causar a sensação no outro grupo, chamados de outsiders de serem “carentes de virtudes — julgando-se humanamente inferiores.” (2000, p.20)

O grupo de antigos residentes, famílias cujos membros se conheciam havia mais de uma geração, estabelecera para si um estilo de vida comum e um conjunto de normas. Eles observavam certos padrões e se orgulhavam disso. Por conseguinte, o afluxo de recém-chegados a seu bairro era sentido como uma ameaça a seu estilo de vida já estabelecido, embora os recém-chegados fossem seus compatriotas. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.25)

Aliado a este fator está a segregação espacial da cidade. Assim é do lado de lá da ponte que estão os migrantes que trazem os elementos negativos dessa composição social. Do lado de cá, de onde falo, está a riqueza e o desenvolvimento econômico, os locais de desejo de moradia. É no lado que, segundo relata Alfeu, foi escolhido para construção do conjunto habitacional para atendimento das necessidades de moradias das classes populares e suas famílias, que a comunidade homogênea imaginada não se confirma.

Figura 19 - Vista aérea do Rio Macaé e ponte da Barra



Fonte: O DebateOn (2015)

É possível visualizar a cidade construída a partir de seu ponto inicial, da foz do Rio, contada e cantada, na famosa rua “onde o rio se encontra com o mar”, como dito no hino da cidade, que a divisão se desenvolve. Nessa visão, é o bairro de Lagomar o maior representante da ocupação desordenada no município, é também neste mesmo bairro que estão o maior número de migrantes nordestinos. A partir dessa estrutura vemos como os moradores que estavam na cidade antes da Petrobras estabelecem uma divisão social, entre quem será bem recebido, ou não, em Macaé.

O nível de pessoas que vieram para Macaé, no início da década de 1980 era bastante interessante, mas quando começaram a colocar a cidade como o Eldorado, começou a complicação e surgiram pessoas não qualificadas, enchendo a cidade e criando muitos bolsões de pobreza. (SILVA SANTOS, 2012, p.53)

Ao mesmo tempo, tanto os moradores anteriores a Petrobras, quanto os moradores posteriores a Petrobras, estão sujeitos a uma mesma nova lógica vigente. Com exceção da maioria dos imigrantes estrangeiros, que apesar de poucos têm importância na composição social, os migrantes de regiões circunvizinhas e de outros estados do Brasil, vivem em sua maioria nos bairros mais afetados pela falta de serviços fornecidos pelo poder público e são os que ocupam grande parte dos empregos precarizados.

Ainda assim, vemos uma tentativa de diferenciação entre os macaenses “nativos” e os “de fora” onde os migrantes são vistos, por alguns integrantes da sociedade macaense, como os “outros”, um elemento de diferenciação e afirmação de si mesmos, que podem estar presentes nos espaços da cidade, mas desde que respeitem certos limites. Como dito por Stuart Hall, um dos recursos para criação das narrativas de nação reside na ideia de um povo original. O trecho da música Macaé 200 anos, da Banda macaense de Punk e Hard Core, Protesto Suburbano, demonstra tal questão:

[...] Uma espécie de monarquia
 Nos governou por décadas
 Somos prisioneiros de nossa história
 Será que esse progresso foi bom?
 Acorda macaenses
 Vamos tomar nossos lugares
 Sejam bem-vindos forasteiros
 Desde que respeitem nossa terra assim
 Continuamos com os corações repletos
 De esperanças e fé
 Somos herdeiros legítimos
 Nós somos Macaé (PROTESTO SUBURBANO, 2013)

Para Canclini, o tradicionalismo surge como recurso para que os indivíduos possam suportar as contradições contemporâneas ao passo que “multiplicam-se as tentações de retornar a algum passado que imaginamos mais tolerável. Frente a impotência para enfrentar as desordens sociais, o empobrecimento econômico e os desafios tecnológicos, frente a dificuldade para entendê-los” (CANCLINI, 2015, p.166). Diante disso, trago questionamentos presentes na fala de Doreen Massey (1994): como pensar o passado e um sentido de lugar progressista, que não seja fechado e defensivo?

Como diante de todo esse movimento, e de toda essa mistura, podemos manter algum sentido de um lugar local e de sua particularidade? A noção (idealizada) de uma época em que os lugares eram (supostamente) habitados por comunidades coerentes e homogêneas é contraposta à fragmentação e rupturas atuais. Claro que a contrapartida é de alguma forma dúbia “lugar” e “comunidade” raramente tem coincidido. Mas, de qualquer forma, a saudade eventual de uma tal coerência é um sinal da fragmentação geográfica e da ruptura espacial de nosso tempo. (MASSEY, 1994, p.177)

O questionamento é instigante e me traz outras perguntas: como um migrante pode andar na cidade e se reconhecer nos espaços-tempos que o compõem? Como

pensar em um território composto do passado-presente? É possível manter um sentido coletivo e, ao mesmo tempo, individual em um mundo e indivíduos fragmentados? Quais são as práticas, saberes e usos do espaço que emergem e se colocam de forma contínua no território macaense?

4.1. Territorialidades e continuidades

Ao contrário do apontado pelos estudos até aqui descritos, na cidade, existem manifestações culturais que aparentemente foram pouco afetadas em sua continuidade pela chegada da Petrobras, demonstrando que apesar do momento de crise identitária para determinados grupos, alguns elementos resistem ao tempo e se perpetuam por meio de outros mecanismos de transmissão de práticas, saberes e conhecimento. Não quero dizer que essas manifestações não sofreram modificações, mas que elas continuam existindo apesar da ruptura, integrando elementos novos, se adaptando ao espaço disponível, apesar da nova configuração da cidade. Além disso, há o surgimento de outras práticas culturais que expressam as territorialidades possíveis na cidade de Macaé.

Marcelo José Lopes de Souza (1995) aponta que alguns autores definem a territorialidade como algo parecido com “comportamento espaço- territorial de um grupo social” (p.98), porém, diz que a territorialidade é mais bem explicada como um “certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos ‘mediatizada’ pelo espaço”. (p.99) e ainda que:

A territorialidade, no singular remete a algo totalmente abstrato, aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, [...] relações de poder espacialmente delimitadas e operando sob um substrato referencial. As territorialidades, no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmica etc. (SOUZA, 1995, p.99)

Desta maneira, ao encontrar formas de interação intermediadas e possíveis através do espaço, é razoável presumir as formas desenvolvidas pela população para territorializar a cidade de Macaé. Essas territorialidades podem se sobrepor ao que Haesbaert chama de “territorialidades dominantes” que

[...] no mundo moderno de matriz europeia impuseram inicialmente uma padronização territorial, de caráter pretensamente universal e exclusivista, cuja matriz foi o Estado e seus domínios em área, construindo “territórios-zona” que não admitiam sobreposição e cuja multiterritorialidade tinha um caráter meramente funcional. [...] (HAESBAERT, 2004, p.4)

Como o objetivo deste trabalho não é realizar uma pesquisa ou mapeamento exaustivo de práticas, saberes e manifestações culturais da população macaense, proponho, uma breve exposição, a partir de pesquisas já realizadas que identificaram e analisaram quatro reconhecidas manifestações culturais que ocorrem em Macaé, atualmente. O objetivo dessa exposição é demonstrar a possível existência, resistência e novas relações com território.

A primeira delas, a do Boi Pintadinho, demonstra a continuidade de uma manifestação tradicional em Macaé, que possui mais de cem anos de existência. As duas seguintes são manifestações que se ligam ao território macaense por meio de características recorrentes, como a pesca e o estilo musical chorinho, tradicional na cidade, são elas: o artesanato com escamas e pele de peixe e a roda de choro Bico da Coruja. O último exemplo que trarei são as Rodas de Rima que ocorrem na cidade e demonstram novas formas de ocupar o espaço urbano da cidade de Macaé.

O Boi Pintadinho é uma manifestação cultural das regiões periféricas de Macaé. Na dissertação *Parem o trânsito que o Boi vai passar: Etnografia sobre os Bois Pintadinhos em Macaé – RJ (2020)*, onde ao contrário deste trabalho, a palavra petróleo é citada apenas uma vez ao longo de suas mais de cem páginas, Souza (2020) pesquisa a centenária expressão cultural de bairros que figuram entre os que possuem os mais altos índices de vulnerabilidade da cidade, como Aroeira, Nova Holanda, Barra, Morro de São Jorge (Buraca), Botafogo, Morro de Santana e Miramar.

Figura 20: Boi Suave Veneno

Fonte: Prefeitura Municipal de Macaé

Boi pintadinho, segundo o autor, é cultura de origem diaspórica, híbrida e pouco privilegiada nos relatos e bibliografias produzidas sobre Macaé. Neste trabalho, além de acompanhar cortejos e desfiles dos bois, o autor utiliza de conceitos musicais e de análise da estrutura do ritmo empregado pelas baterias para determinar a origem da música de matriz africana e música negra diaspórica brasileira. (p.63) além de registros, segundo o autor, de matriarcalidade, nos Bois analisados. (p.64)

O autor ressalta que além da identificação de cultura periférica também há o recorte racial na expressão cultural que cada vez menos podem desfilar pela região central, acontecendo nos limites dos bairros de origem em regiões periféricas, Existem hoje mais de sessenta Bois e, segundo relatos registrados pelo autor, já teriam existido mais de cem Bois na cidade, além dos chamados Bois Mirins e Bois de Mão. Em movimento, na cultura do Boi, agora existem também as Vacas na categoria mirim com objetivo "de incluir o elemento feminino no contexto da cultura dos bois pintadinhos". (SOUZA, 2020, p.66)

Desta forma, podemos dizer que os territórios de Bois são diásporas africanas em Macaé. O Boi é o som da periferia em meados de janeiro até o Carnaval e, pelo menos, nos dois meses subsequentes a ele. Os tambores da alegria evocam a ancestralidade do sujeito negro, e ao mesmo tempo, alteram

decisivamente a paisagem sonora da periferia. Em tempos passados, era comum os Bois circularem por mais bairros, inclusive os de elite, como Centro e Imbetiba, no entanto hoje eles estão mais circunscritos a seus territórios. Seja em sua área, seja nas vias públicas de maior circulação, os sujeitos impõem ser ouvidos, mostram-se visíveis, e sua prática cultural ganha uma dimensão política, na medida em que, de forma simbólica, reivindica a apropriação do espaço urbano, mostrando-se pulsante de vida, criatividade e irreverência. (SOUZA, 2020, p.81)

Figura 21: Menino segurando seu Boi Mirim



Fonte: Mapa da Cultura do Estado do Rio de Janeiro

Por outro lado, os grupos de migrantes que ao mesmo tempo que são agentes de transformação para quem já vivia na cidade, estão também em um novo espaço em busca de um lugar próprio. No artigo Bico da Coruja: Samba, resistência cultural e subjetividades em Macaé (CORRÊA; MOREIRA JUNIOR, 2018) os autores descrevem um pequeno bar, localizado na Rua Benedito Lacerda, na região central de Macaé. Neste bar, chamado Bico da Coruja, acontece há 40 anos, atualmente às quartas-feiras, uma roda de choro aberta:

Desde a sua inauguração, sempre foi espaço do “papo”, do “bom papo”, “de um barzinho muito singelo, simples”, conforme é repetido pelos músicos, artistas e frequentadores que contribuem para a construção da identidade

singular do lugar. Como se pode constatar com facilidade, logo de imediato, nas primeiras visitas ao local, o bar tem uma aura *outsider*, diferenciado e que foge dos padrões *standartizados* de consumo e entretenimento dominantes. Com o desenvolvimento da pesquisa descobre-se que a história da lanchonete se confunde com a própria história do samba e do choro em Macaé e região. (CORRÊA; MOREIRA JUNIOR, 2018, p.6)

Descrita como um lugar que tem a capacidade de manter uma tradição construída e um “lugar onde as subjetividades e as identidades dos sambistas e boêmios atravessam o tempo através da música e dos vínculos interpessoais ali produzidos e simbolizados”. A localização do bar está em rua que leva o nome do compositor e músico flautista, Benedito Lacerda, conhecido nacionalmente e nascido em Macaé em 1904. Apesar de ter saído de Macaé ainda criança, o músico é bastante referenciado por sua importância para o Chorinho e é lembrado por uma mensagem deixada em livro de visitas da Sociedade Musical Nova Aurora quando estava, já adulto, de passagem por Macaé: “A Nova Aurora - Deixo aqui o meu coração para o resto da minha vida” (PARADA, 1995)

Figura 22: Roda de Choro no Bico da Coruja



Fonte: Rede Social (Instagram) do Bico da Coruja

O que os autores do artigo parecem ignorar é que, dos músicos fundadores do Bico da Coruja, apenas o proprietário do Bar, Wallace, é nascido em Macaé. A Roda de Choro, criada em Macaé, surgiu a partir do desejo, dos músicos, de reproduzirem as rodas que participavam no Rio de Janeiro. Em Macaé, encontraram lugar e endereço, fazendo uma junção entre a prática já vivenciada em outra cidade que também existia em Macaé. Assim, observamos continuidades sem um conflito, o Bico da Coruja foi certamente um lugar que contribuiu para a reativação de uma memória já existente na cidade.

Figura 23: Roda de Choro no Bico da Coruja II



Fonte: Rede Social (Instagram) do Bico da Coruja

Exemplo de ocupação do espaço urbano e resistência ao espaço segregado em Macaé, são as Rodas de Rima, Bernardes e Souza (2018) em estudo sobre as territorialidades das batalhas de MC's no norte fluminense, analisam a Roda Cultural Macaé e a Roda CultuRap. As Rodas de Rima ou Rodas Culturais são eventos públicos, gratuitos e “um espaço de sociabilidade dos MC's, *b. boys* e *b.girls* e grafiteiros” que acontecem de forma itinerante na região central e em alguns bairros da periferia.

Figura 24: Roda Cultural Macaé na Praça Washington Luiz



Fonte: Rede Social (facebook) da Roda Cultural Macaé (2022)

Os autores descrevem que, os organizadores das Rodas, atribuem à “corrida pelo ouro negro” na década de noventa, a não aderência da cidade ao movimento naquela década, que só se desenvolveu a partir do ano de 2009, quando a cidade já tinha sido consolidada e estabilizada como capital nacional do petróleo. Importante destacar que o movimento e as Rodas enfrentam resistência do poder público para sua realização, sendo em certo momento, proibido de acontecer.

[...] a territorialidade Hip-hop nas cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes são produzidas quando ela emerge em festas, batalhas de MC’s, eventos voltados para a conscientização dos jovens, numa música que toca em alhures ou numa camiseta que aponta para suas ideologias e, diferentemente do período de sua origem, ele se consolida também pelas relações sociais mediadas pela Internet. (BERNARDO; SOUZA, 2018, p. 151)

Segundo os autores, a transformação da cidade e o conseqüente surgimento de periferias, fez com que se abrissem caminhos para a ideologia proposta pelo movimento *Hip-Hop*, no qual a juventude expressa seus desejos de ocupação do espaço urbano da cidade “porque se tratava de um movimento de resistência territorial juvenil, em que os jovens periféricos reivindicam o direito à cidade e denunciam os casos de exclusão social existentes.” (BERNARDO; SOUZA, 2018, p. 157)

Reivindicando os espaços da cidade, inclusive, os tradicionalmente citados no capítulo anterior, como Rua Direita (chamada atualmente de Calçadão da Avenida Rui Barbosa), Praça Washington Luiz e o mais recentemente criado, Parque da Cidade, os integrantes desse movimento demonstram a necessidade de reapropriação pela população dos espaços da região central de Macaé já não mais utilizados pelo grupo

que o ocupava anteriormente. Dessa forma, podemos pensar, como dizem os autores do artigo, em criação de novas territorialidades no solo macaense.

Figura 25: Roda Cultural Macaé (Festival #YouVive) (2013)



Fonte: Rede Social (facebook) da Roda Cultural Macaé (2013)

Por último, trago o exemplo, das artesãs que trabalham na produção de objetos com escamas e pele de peixe. A Associação Macaense de Artesanato e Culinária com o Peixe Peroá (AMACAPE), criada nos anos 2000, por mulheres casadas com pescadores, utiliza resíduos da pesca que geralmente são descartados. A atividade foi iniciada pela artesã Ângela Coutinho e era realizada, no princípio, em quintais das casas das artesãs no bairro da Nova Holanda, às margens do Rio Macaé em um prolongamento da Barra de Macaé, bairro de moradia tradicional de pescadores.

As artesãs produzem biojóias e objetos a partir das escamas de peixes como Corvina, Tainha, Camarupim e pele do peixe Peroá. Neste trabalho, a origem do material determina qual o tratamento será aplicado para que seja possível moldá-lo de acordo com a necessidade do produto que será fabricado. Apesar de serem trabalhadoras da pesca, atuando na limpeza de peixes, fabrico e manutenção de redes de pesca, as artesãs não são consideradas pertencentes à categoria de pescadores

e por isso, não recebem nenhum tipo de auxílio no período do defeso, por exemplo. Assim, artesanato é visto como fonte de renda e autonomia.

Figura 26: Colar de escamas de peixe



Fonte: da própria autora (2018)

Figura 27: Moldura de espelho com pele de peixe e palha de Taboa



Fonte: da própria autora (2018)

O que vincula essa prática aos objetivos deste trabalho é a forma como essas artesãs vêem sua própria atividade em relação à cultura macaense. Além da atividade

ter sido desenvolvida a partir da observação da prática de pesca, “Foi uma época que tava dando muito Peroá em Macaé. Aí eu lembro que tinha muito lá na casa da minha sogra, na Barra. Os pescadores davam aquelas gavetas cheia de Peroá, né.” (COUTINHO, 2018), as artesãs a consideram como integrante da cultura local:

Arte, ela, dependendo da arte, ela é pra mim é uma coisa que representa o lugar onde a gente mora, a arte é você fazer a história do teu lugar, trazer a cultura do teu lugar, seja em artes manuais como artesanato, como arte culinária, agrega o turismo [...] Quando você desenvolve a cultura do lugar. Arte é você ter amor e fazer as coisas manuais... você está agregando todo seu amor [...] (COUTINHO, 2018, p.20)

Assim, é demonstrado, que é nas expressões das chamadas culturas populares, que reside a continuidade da cultura macaense e a resistência cultural às imposições para que o território atenda a uma única função. Entendo aqui a cultura popular em dois sentidos discutidos por Stuart Hall (2013), que apresenta tanto o significado que se aproxima do conceito antropológico de cultura: “mais descritiva. A cultura popular é todas as coisas que ‘o povo’ faz ou fez. [...] aquilo que define seu ‘modo característico de vida’.” (HALL, 2013, p.283), quanto o sentido de que “as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas; que estiveram incorporadas ou não nas tradições e práticas populares.” (HALL, 2013, p.284) Ponderando que o essencial na discussão da cultura popular são as tensões existentes em relação à cultura dominante.

Se de um ponto de vista temos um grupo social afetado sobremaneira pelas modificações decorrentes da instalação da Petrobras, de outro, temos práticas culturais e grupos que mantiveram seu caminho de produção e manifestação contínuo ao longo do período e apesar das transformações do território. Entendo que, o que está em jogo, é o direito de significar os espaços e por consequência o território macaense, além da sua função como cidade de produção.

Retornando às palavras de Chimamanda (2019, p.15) sobre a história única, a autora afirma que “Todas essas histórias me fazem quem eu sou, mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas histórias que me formaram” e continua “A história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que a história se torne a única história”. A ideia recorrente de que a cidade de Macaé foi destruída, substituída por uma outra, pode ser uma simplificação dos processos culturais, de territorialidades e identidades existentes. Se a cultura é um conceito

complexo que abarca tanto as práticas ordinárias quanto as artes, os saberes e as técnicas, temos duas possibilidades de análise para a cidade de Macaé. E essas duas possibilidades se desdobram em outras leituras para as possíveis formas de identificação, tanto as que se fundam no passado longínquo ou recente, quanto as que se constituem a cada novo instante.

A cultura macaense elaborada pelo grupo morador da região central, com seus os significados e direções comuns, expressados na forma de viver na cidade foi transformada radicalmente: as ruas que se encheram de carros, o volume maior de pessoas transitando, o aumento da pobreza, o ato de ir à praia mais dificultado por uma necessidade maior de deslocamento, a pesca dificultada pela poluição. Tais fatos demonstram que o modo de viver foi afetado e como consequência a forma como esses sujeitos se posicionam nesse território, ou seja, a forma como os sujeitos se veem no território, se modificou.

Assim, houve uma necessidade de alicerçamento de suas identidades em um passado próximo, onde era possível viver daquele modo anterior. Essa identidade ligada a esse modo de vida e valores é reforçado e reafirmado nas memórias e nas publicações que examinamos aqui neste trabalho. Por outro lado, há os saberes e práticas que as memórias/arquivos disponíveis não abarcam e que se demonstram nas ocupações do espaço e nos significados que são atribuídos ao território vivido.

Figura 28 - Homem de macacão laranja observando a Praia de Imbetiba



Fonte: da própria autora (2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginar territórios diversos é um exercício desafiador. As várias formas de conceber o território macaense, considerando as relações pessoais e afetivas que permeiam os espaços e as figuras idealizadas que compõem as paisagens, mostram que, a partir de cada lugar de onde se fala, existe uma concepção imaginativa de território. Ao deslocar o olhar para a construção desse território é possível vislumbrar silenciamentos, resistências, continuidades e persistências nas elaborações cotidianas da cidade, afinal, impossível conceber um território sem as experiências simbólicas que a relação das pessoas com o mundo que o habitam produzem.

As mudanças na configuração dos limites físicos do território fazem questionar a própria construção do território simbólico, afinal, os municípios emancipados e as territorialidades existentes não foram em algum momento também território macaense? Isso indica que as divisões administrativas instauradas pelo Estado pouco podem dizer sobre as relações de moradores com seus territórios, a criação de laços afetivos e subjetividades envolvidas. Dessa forma, tudo é Macaé e ao mesmo tempo não é. A construção da cidade imaginada se adequa às transformações impostas pela modernidade e pelo tempo. As experiências dos indivíduos se diferenciam nas percepções geracionais e referenciais que cada morador tem em relação a cidade.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos com o intuito de refletir o caminho construído durante a pesquisa. Partindo da minha percepção e relação pessoal com a cidade que provocou as questões que motivaram, inicialmente, a minha busca por respostas sobre o lugar que vivo. Como observadora da cidade de Macaé, busquei mostrar como foi, para mim, reconhecer e afirmar a partir de qual lugar desenvolveria o trabalho. Ao longo da minha trajetória, o acesso a informações e pesquisas sobre a cidade foram alimentando a necessidade de compreender quais eram os limites do território simbólico macaense e quem faz parte dele.

No segundo capítulo deste trabalho busquei mostrar como o território macaense foi construído a partir do mundo colonial e como o genocídio das populações indígenas e as visões estereotipadas foram o primeiro apagamento e ao mesmo tempo o primeiro acontecimento criou o que chamamos de território macaense. A seletividade em relação a quais tradições e memórias serão preservadas

e referenciadas, aliada ao conceito de cultura hegemônica, expressa por meio das instituições, pode ser visualizada pelas publicações sobre a cidade de Macaé nos últimos anos. Neste trabalho, utilizei em grande parte entrevistas, relatos e pesquisas que ou foram produzidas pela Prefeitura Municipal ou foram apoiados por ela. Em um recorte temporal, se tomarmos como referência os últimos vinte e dois anos, a Prefeitura publicou obras que servem de fonte e referencial teórico para estudos sobre a cidade. Mas, nesta análise, sinto segurança em concluir que a multiplicidade cultural e territorial, não tem sido contemplada.

Em uma cidade em que os moradores evocam seu passado e memória para a afirmação de uma realidade saudosa que não existe mais, se constitui um paradoxo em relação ao desejo de crescimento e diversificação de oportunidades de trabalho. Na relação entre estabelecidos e *outsiders*, os indivíduos que migram para cidade em busca das mesmas oportunidades de crescimento são colocados, por essa construção memorialista, no papel de outro, sujeito indesejado representante das mazelas da cidade.

Muitos significados são atribuídos e reivindicados para o território macaense. As disputas existentes apontam não para desterritorialização ou anulação das relações no território e nos espaços da cidade, mas para múltiplas formas e possibilidades de estar na cidade e principalmente, para o desejo de ocupar esses espaços. Se por meio da memória são reivindicados os usos de uma forma tradicional, através das manifestações e práticas culturais existentes atualmente, são expressas novas territorialidades.

No terceiro capítulo, utilizando, principalmente, relatos memorialísticos, considerando a cultura como todo um modo de vida, inicialmente, procurei mostrar como a população macaense que vivenciou o período de instalação da Petrobras em Macaé e como os estudos que abordam esse período e essas percepções expressaram as transformações da cidade. Considero que nesse momento de transformação, abordado neste capítulo, foi consolidada a dicotomia temporal, expressa na ideia de comunidade existente antes da Petrobras e depois da Petrobras e na dicotomia entre os habitantes macaenses/não macaenses. Neste mesmo capítulo, considerando que essa visão dualista não se justifica, ao pensarmos a partir

de uma abordagem que considera que não há homogeneidade na cultura e nos territórios a não ser que haja exclusão de algum outro grupo.

No quarto capítulo, tentei questionar a posição consolidada dos moradores mais antigos da cidade da região central como detentores de Macaé vista como “a verdadeira”. Assim, neste capítulo optei por uma análise crítica dos relatos existentes sobre a cidade em relação às visões produzidas dos habitantes que são migrantes e depois de mais de cinquenta anos da instalação da Petrobras tem descendentes na cidade que juntos compõem a maior parte da população. Além disso, ressalto a necessidade de buscar outras histórias, memórias e registro de lugares na cidade e grupos que habitam Macaé.

Através de uma breve apontamento de quatro práticas culturais existentes atualmente em Macaé, procurei demonstrar que existem continuidades na cultura macaense, apesar das rupturas e descontinuidades; que é possível se apropriar de lugares e modos de vida considerados tradicionais e criar relações com o território, contribuindo, inclusive, para a manutenção daquele modo de vida e de determinada memória; e que é possível habitar a cidade e conceber novas relações com o território mostrando que as transformações são inerentes ao processo cultural e identitário. Não são essas pequenas adaptações, mudanças, trocas culturais e novas territorialidades as responsáveis pelo declínio da cidade anterior à Petrobras.

Por fim, tentei demonstrar que é necessário imaginar outras possibilidades de territórios e identidades na cidade de Macaé: ao caminhar pelas ruas, no encontro de pessoas, ao olhar as paisagens, ao ocupar os espaços, ao analisar as transformações culturais, sociais, econômicas, ambientais e compreender o que é o território macaense. É preciso olhar a cidade e seus habitantes com afeto, como um lugar, não de passagem, temporário, onde é possível ressignificar e significar passados e presentes, a partir da compreensão das várias formas de habitar, experienciar e viver a cidade.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AFROPRESS. Entrevista com Kabengele Munanga. **Afropress: Redação**, [s. l.], 27 ago. 2005. Disponível em: <https://www.afropress.com/entrevista-com-kabengele-munanga/>. Acesso em: 19 set. 2022.

ALVARENGA, Darlan. IBGE desconsidera o fator pandemia no cálculo da população e estima que Brasil tem 213,3 milhões de habitantes. **G1: Economia**, [s. l.], 27 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/27/brasil-atinge-2133-milhoes-de-habitantes-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2022.

ALVES, Priscila Viana; SILVA, Joilson Bessa da. Representações dos índios Goitacá na paisagem contemporânea de Campos dos Goytacazes. **Anais de XI - ENANPEGE**, [s. l.], p. 1-12, 2015. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/494.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

ALVES, Henrique Barreiros *et al.* Reflexões sobre a migração para a princesinha do Atlântico. **Temporalidades –Revista de História**: Edição 34, v. 12, [s. l.], v. 12, n. 3, ed. 34, Set./Dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/19441/23110>. Acesso em: 6 dez. 2021.

AMANTINO, Márcia; RODRIGUES, Cláudia; ENGEMANN, Carlos; FREIRE, Jonis (org.). **Povoamento, catolicismo e escravidão na antiga Macaé (séculos XVII ao XIX)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

AMANTINO, Márcia. Macaé nos séculos XVII e XVIII: Catolicismo e povoamento. *In*: AMANTINO, Márcia; RODRIGUES, Cláudia; ENGEMANN, Carlos; FREIRE, Jonis (org.). **Povoamento, catolicismo e escravidão na antiga Macaé (séculos XVII ao XIX)**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. cap. Catolicismo e povoamento, p. 39-60.

APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade. Notas para uma geografia pós-nacional. **Novos Estudos** 49 (novembro): 33-46, 1997.

Associação Macaense de Culinária e Artesanato com o Peixe Peruá [AMACAPE]. Estatuto da Associação Macaense de Culinária e Artesanato com o Peixe Peruá. AMACAPE, 2008.

AZEVEDO, Fábio Palácio de. O conceito de cultura em Raymond Williams. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís/ Maranhão, v. 3, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233161818.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

BENZÊ, Jorge. **Peço licença**. [Compositor e intérprete]: Jorge Benzê. Macaé: Independente, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YtmHF2Jphi4>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BHABHA, Hommi. **O local da Cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BONIN, Nelson José Zampier. **Transformações territoriais em Macaé decorrentes das atividades petrolíferas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/13362>. Acesso em: 14 set. 2022.

BORDALO, Alexandre. Exposição arqueológica em cartaz no Solar dos Mellos. **Portal da Prefeitura Municipal de Macaé**, Macaé, p. 1-1, 29 out. 2010. Disponível em: <https://macae.rj.gov.br/noticias/leitura/noticia/exposicao-arqueologica-em-cartaz-no-solar-dos-mellos>. Acesso em: 7 set. 2022.

BRAGA, Janira. Prefeito projeta Macaé como capital Nacional de Energia. **Portal da Prefeitura de Macaé**. **Portal da Prefeitura Municipal de Macaé**, Macaé, p. 1-1, 31 ago. 2021. Disponível em: <http://www.macaee.rj.gov.br/noticias/leitura/noticia/prefeito-projeta-macaee-como-capital-nacional-de-energia>. Acesso em: 6 dez. 2021.

BRITO, Cristóvão de Cássio da Trindade. **A PETROBRAS e a gestão do território no Recôncavo Baiano**. Salvador, BA: EDUFBA, 2008. 236 p. ISBN 978-85-232-0542-3. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/jpst2/pdf/brito-9788523209216.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

CALAZANS, Nínivy. **Cidades do Petróleo no Brasil: expansão urbana e não planejar em Paulínea (SP) e Macaé (RJ)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília - UNB, [S. l.], 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31478/1/2017_N%C3%ADnivyCarolinyM%C3%A9lodeOliveira.pdf. Acesso em: 14 set. 2022.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2013.

CARVALHO, Lígia Jesus de; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Território, Desigualdade E Expansão Do Capital: A Centralidade Da Indústria Do Petróleo Em Macaé/RJ. **Revista Geografar**, [s. l.], julho 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v11i1.48976>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/48976/29436>. Acesso em: 19 set. 2022.

CARVALHO, Meynardo Rocha de. Macaé: histórias, identidades, crises. In: SILVA, Scheila Ribeiro de Abreu *et al.* **Macaé do caos ao conhecimento**. Macaé: Prefeitura de Macaé, 2019.

CARVALHO, Meynardo Rocha de; PAULA, Lídia Aguiar da Silva; TAVARES, Ivana Mattos Pinheiro (coord.). **Comércio & Prosperidade: Memórias, Textos e Documentos: Centenário da Associação Comercial e Industrial de Macaé**. 1ª. ed. Macaé: ACIM - Associação Comercial e Industrial de Macaé, 2016.

CAUTIERO, Gisele Muniz M. S.; FRANCO, Maria da Conceição V.; TAVARES, Alice F. **Relatos e Personagens na História de Macaé**. Macaé: Prefeitura de Macaé, 2013.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORRÊA, Alexandre Fernandes; MOREIRA JÚNIOR, Diógenes Antônio. No bico da coruja: samba, resistência cultural e subjetividades em Macaé/RJ. **Revista Fênix**, ano XV, v. 15, n. 02, p. 1-16, julho a dezembro 2018. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/387/363>. Acesso em: 19 set. 2022.

COSTA, Alex; SANTUCHI, Sandro; LIMA, Alexandre; BARBOSA, Leonardo; CASTRO, Evandro. **MACAÉ 200 anos**. Intérprete: Protesto Suburbano. Rio de Janeiro, RJ: LEP MUSIC, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WGbX4g173F0>. Acesso em: 6 dez. 2021.

COUTINHO, Ângela. Ângela Coutinho: depoimento. [mar. 2018]. Entrevistadora: Alice Ferreira Tavares. Macaé, 2018.

CRUZ, Larissa F.; GAVINHO, V. (orgs). **Tonito**: Antonio Alvarez Parada: o fio de uma história. Macaé: Prefeitura de Macaé, 2007.

CRUZ, Larissa F. **Convites à Leitura**: uma análise dos elementos intermediários que compõem as obras de Antonio Alvarez Parada. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Niterói. 2009. Disponível em: http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Larissa_Frossard.pdf. Acesso em: 11 mar. 2021.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ESTUDOS Arqueológicos em Macaé: [ATIVIDADE DE ESCLARECIMENTO]. In: Alasca Arqueologia. [S. l.], 15 jan. 2022. Disponível em: <https://alascaconsultoria.blog/2022/01/15/estudos-arqueologicos-em-macae/>. Acesso em: 7 set. 2022.

FERREIRA, Maria Inês Paes; MAFORT, Antonio Vinicius Lambret; SILVA, Evelyn Raposo da; SILVA, Natalia Raposo da; AZEVEDO, Alexandre de. A Pesca como potencial de desenvolvimento econômico no município de Macaé. In: MACAÉ, do caos ao conhecimento: Olhares acadêmicos sobre o cenário de crise econômica. Macaé: Observatório da Cidade de Macaé, 2019.

FRANCO, Maria da Conceição Vilela. A antiga Macaé. In: **Prefeitura Municipal de Macaé**. Macaé-RJ: Prefeitura Municipal de Macaé, s/ ano. Disponível em: <https://macae.rj.gov.br/midia/uploads/A%20ANTIGA%20MACA%C3%89.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

GARCIA, Marilena Pereira. "Para mim foi muito fácil gostar de Macaé": [Entrevista]. *In*: GARCIA, Marilena Pereira; CARVALHO, Meynardo Rocha de. **Macaé Memórias Recentes**. 1ª. ed. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019. p. 210-223.

GARCIA, Marilena Pereira; CARVALHO, Meynardo Rocha de. **Macaé Memórias Recentes**. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019.

GAVINHO, Vilcson. Macaé: a memória da história – dos primórdios até 1960. *In*: GARCIA, Marilena Pereira; CARVALHO, Meynardo Rocha de. **Macaé Memórias Recentes**. 1ª. ed. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019.

GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves; PESSANHA, Leandro Gomes. Arranjos Populacionais no Norte Fluminense: possível formação ou processo embrionário de uma região metropolitana? **XIII ENANPEGE: A Geografia Brasileira na ciência-mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento**. 2 a 7 de setembro de 2019. São Paulo. Disponível em: http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562612104_ARQUIVO_TRABA_LHOCOMPLETOENANPEGE2019.pdf. Acesso em: 01 mai. 2022.

GOMES, Marcelo Abreu. **Conceição de Macabu: História das origens até a segunda emancipação**. AsM: Macaé, 2019. 339p.

HAESBAERT, Rogério. Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da desterritorialização contemporânea. **Universidade Federal Fluminense**, Niterói, p. 1-15, 2011. Disponível em: https://posgeo.uff.br/wp-content/uploads/sites/256/2020/06/da_multiterritorialidade_aos_novos_muros.pdf Acesso em: 06 ago. 2022

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: Um debate. **GEOgraphia: Universidade Federal Fluminense**, Niterói, ano IX, n. 17, p. 1-28, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13531/8731>. Acesso em: 06 dez.2021.

HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. *In*: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A., (orgs). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-03.pdf> Acesso em: 17set 2022.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, p. 11-24, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>. Acesso em: 22 jul 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf Acesso: 17 set 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24, p.68-75, 1996. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat24.pdf>. Acesso em: 07 dez 2021.

KNAUSS, Paulo. **Macaé: História e Memória**. Prefeitura Municipal de Macaé/Fundação Macaé de Cultura, 2001.

KNAUSS, Paulo. Macaé: Usos do passado e sentidos da história local. *In*: AMANTINO, Márcia; RODRIGUES, Cláudia; ENGEMANN, Carlos; FREIRE, Jonis (org.). **Povoamento, catolicismo e escravidão na antiga Macaé (séculos XVII ao XIX)**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. cap. História local, patrimônio e memória, p. 15-27.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **Setores da evolução fluminense: O homem e a restinga**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 1946. 227 p. v. II.

Léry, Jean. **Viagem à Terra do Brasil**. Belo Horizonte:Itatitaia, 1980.

MARTÍN, M. Macaé, do Eldorado do petróleo à terra do desemprego. **El País**. Macaé. 10 nov. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/04/economia/1446645908_814221.html. Acesso em: 17 mar. 2021.

MASSEY, Doreen B. Espacializando a história da modernidade. *In*: MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 99-117.

MASSEY, Doreen B. Sentido global do lugar. *In* ARANTES, Antonio Augusto - org. **O espaço da diferença**. Campinas-SP: Papyrus, 2000. p. 176-185.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS**, [s. l.], v. 32, n. 94, jun. 2017. DOI 10.17666/329402/2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPpx5Zr3yrMjh7tCZVvk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

MILBS, José. A Cigarra que encantou gerações e foi a criadora dos Bairros Miramar e Visconde. **O Rebate**, Macaé, RJ, 28 out. 2010. Obituário, p. 1-1. Disponível em: <https://jornalorebate.com.br/obituario/6143-dona-laurita-a-cigarra-que-encantou-geracoes-e-foi-a-criadora-dos-bairros-miramar-e-visconde>. Acesso em: 6 dez. 2021.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA (Brasil). IBGE. História: Casimiro de Abreu, Rio de Janeiro - RJ. *In*: IBGE: História & Fotos. Site IBGE, s.data. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/casimiro-de-abreu/historico>. Acesso em: 19 set. 2022.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA (Brasil). IBGE. História: Rio das Ostras, Rio de Janeiro - RJ. *In*: IBGE: História & Fotos. Site IBGE, s.data. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-das-ostras/historico>. Acesso em: 19 set. 2022.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA (Brasil). IBGE. História: Rio de Janeiro, RJ - RJ. *In*: IBGE: Pesquisa. Site IBGE, s.data. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/pesquisa/33/29167?tipo=ranking&indicador=29167>. Acesso em: 19 set. 2022.

MOADYR, Victorino. "Eu gosto de Macaé, amo meu torrão natal.": [Entrevista]. *In*: GARCIA, Marilena Pereira; CARVALHO, Meynardo Rocha de. **Macaé Memórias Recentes**. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019. p. 242-249.

MOREIRA, Laurita de Souza Santos. O sino e a cidadezinha. *In*: PACHECO, Aurora Ribeiro. **O Debateon**. Macaé, RJ, 22 jun. 2018. Coluna Cigarras de Macaé, p. 1-1. Disponível em: <https://odebateon.com.br/o-sino-e-a-cidadezinha/>. Acesso em: 4 dez. 2021.

NETO, José Alves de Freitas. Pensar a História e seus lugares. **Jornal da UNICAMP**, Campinas, SP, p. 218-218, 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/pensar-historia-e-seus-lugares>. Acesso em: 19 set. 2022.

OLIVEIRA, Francisco de. **O elo perdido**: Classe e identidade na Bahia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Exclusão Étnico-racial**: Um mapeamento das desigualdades étnico-raciais no município de Macaé. Macaé, RJ: Prefeitura Municipal de Macaé / Programa Macaé Cidadão, 2005.

PAGANOTO, Faber. Eles não Param de Chegar? A Emergência de Novos Padrões de Mobilidade Espacial da População em Macaé/RJ. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 2, N.1, p. 71-84, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/download/2076/1843>. Acesso em 17 mai. 2022.

PARADA, Antonio Alvarez. **Cartas da província**: Crônicas publicadas, semanalmente, em O Fluminense, jornal de Niterói-RJ, de 1º de julho de 1977 a 17 de novembro de 1978. Macaé, RJ: Prefeitura Municipal de Macaé, 2006. 160 p

PARADA, Antonio Alvarez; VIEIRA, Lucas. **Hino de Macaé**. Compositor: Letra A.A.Parada; Música: Lucas Vieira. Macaé, RJ: [s. n.], 1963. Disponível em: <https://macae.rj.gov.br/conteudo/leitura/titulo/hino-de-macae>. Acesso em: 19 set. 2022.

PARADA, Antonio Alvarez. Sessão Colosso. **O Debate**. Macaé, 14 ago. 1985.

PARADA, Antonio Alvarez. Violência. **O Debate**. Macaé, 28 set. 1985.

PARADA, Antonio Alvarez. Velhas árvores ausentes. **O Debate**. Macaé, 26 out. 1985.

PARADA, Antonio Alvarez Rodas, Votos e Sonhos. **O Debate**. Macaé, 23 nov. 1985.

PARADA, Antonio Alvarez. Macaé, a ferroviária. **O Debate**. Macaé, 30 nov. 1985.

PARADA, Antonio Alvarez. O bolo dos royalties. **O Debate**. Macaé, 14 dez. 1985.

PENHA, Ana Lúcia Nunes. **O município de Macaé: Fortunas agrárias na transição da escravidão para o trabalho livre**. Orientadora: Sheila Siqueira de Castro Faria. 2001. 116 f. Dissertação (Pós-graduação) - História, Niterói, RJ, 2001.

PENHA, Ana Lúcia Nunes. A pesquisa histórica e sua contribuição para a construção da memória macaense. *In*: AMANTINO, Márcia; RODRIGUES, Cláudia; ENGEMANN, Carlos; FREIRE, Jonis (org.). **Povoamento, catolicismo e escravidão na antiga Macaé (séculos XVII ao XIX)**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. cap. Catolicismo e povoamento, p. 3173-196.

PEREIRA, Walter Luiz Carneiro de Mattos; PESSOA, Thiago Campos. Silêncios atlânticos: sujeitos e lugares praieros no tráfico ilegal de africanos para o Sudeste brasileiro (c.1830 – c.1860). **Estudos Históricos**: Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, ano 2019, v. 32, n. 66, p. 79-100, 19 fev. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S2178-14942019000100005>. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/77489>. Acesso em: 19 set. 2022.

PESSALI, Huáscar Fialho; COSTA, Armando Dalla. A trajetória de internacionalização da Petrobras na indústria de petróleo e derivados. **Petrobras**, UFPR, p. 1-26, s. data. Disponível em: <http://www.empresas.ufpr.br/petrobras.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAÉ (Macaé). Coordenadoria Geral do Programa Macaé Cidadão (org.). **Anuário de Macaé 2012**. 1ª. ed. Macaé, RJ: [s. n.], 2012. 538 p. E-book. Disponível em: http://www.macaee.rj.gov.br/midia/uploads/anuario/anuario_v1.pdf. Acesso em: 02 out 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina: *In*: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.117-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 19 set. 2022.

RANGEL, Tauâ Lima Verdan. O Parque Nacional de Restinga de Jurubatiba: Os conflitos socioambientais no bairro Lagomar (Macaé- RJ) e a materialização do movimento de injustiça ambiental. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v.

3, n. 2, mai./ago. 2016. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7014383.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

REIS, José Carlos. O tempo histórico como “representação intelectual”. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo horizonte, MG, ano VIII, v. 8, n. 2, p. 1-21, Maio/ Junho/ Julho/ Agosto 2011.

RESSIGUIER, J. H. B. **Atividade petrolífera e impactos no espaço urbano do município de Macaé/RJ – 1970/2010**. 2011. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades) - Universidade Cândido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2011.

REYS, Manoel Martinz do Couto. **Manuscritos de Manoel Martinz do Couto Reys**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997, Coleção Fluminense.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RICOEUR, Paul. A neutralização do tempo histórico. *In*: **Tempo e narrativa** - Tomo III. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1997. v. 3, cap. A Ficção e as variações imaginativas sobre o tempo, p. 218-218. ISBN 85-308-0451-1. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/ricoeur-p-tempo-e-narrativa-tomo-iii.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

ROCHA, Diogo Ferreira da. **Impactos da exploração petrolífera sobre a pesca, os ecossistemas costeiros e a situação de saúde de comunidades de pescadores artesanais de Macaé**, RJ. 2013. 213 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Cláudia; FRANCO, Maria da Conceição Vilela. Notas sobre a presença e a atuação da Igreja Católica na antiga Macaé. *In*: AMANTINO, Márcia; RODRIGUES, Cláudia; ENGEMANN, Carlos; FREIRE, Jonis (org.). **Povoamento, catolicismo e escravidão na antiga Macaé (séculos XVII ao XIX)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. *In*: OSAL: Observatório Social de América Latina. Ano 6 no.16 (jun.2005-). Buenos Aires. CLACSO, 2005. ISSN 1515-3282. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf> Acesso em: 02 out. 2021.

SANTOS, Milton. O Tempo nas Cidades. **Tempo**. São Paulo, SP, v. 54, ed. nº 2, p. 21-22, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA JUSTIÇA. Lei nº, de 7 de novembro de 1831. Declara livres todos os escravos vindos de fôra do Império, e impõe penas aos importadores dos mesmos escravos. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**, [S. l.], 7 nov. 1831. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-7-11-1831.htm. Acesso em: 19 set. 2022.

SEEGER, Anthony. **Os índios e nós**. Estudos sobre as sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

SENADO (Federal). Gazeta Mercantil. População brasileira chega a 182 milhões de habitantes. **Gazeta Mercantil**, [s. l.], 31 ago. 2004. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/493580/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 set. 2022.

SILVA, Scheila Ribeiro de Abreu e; FARIA, Teresa de Jesus Peixoto. O mapa da migração em Macaé: impactos da industrialização no processo de urbanização. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES**, [s. l.], p. 1-30, s. data. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/snpgcs/article/view/1577>. Acesso em: 19 set. 2022.

SILVA, Scheila Ribeiro de Abreu e; FARIA, Teresa de Jesus Peixoto. Migração em Macaé: Impactos da Industrialização no Processo de Urbanização. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 14, ed. nº Especial 2, p. 111-132, 2012. DOI <https://doi.org/10.5935/1809-2667.20120047>. Disponível em: <https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20120047/1392>. Acesso em: 31 ago. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 63, p. 237-280. Outubro, 2002.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná et. al. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77-116.

SOUZA, Wilson dos Santos. **Parem o Trânsito que o Boi vai Passar**: Etnografia dos Bois Pintadinhos no Município de Macaé-RJ. Orientador: Prof. Dr. Giovane do Nascimento. 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Políticas Sociais, Campos dos Goytacazes, RJ, 2020. Disponível em: <https://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2021/08/Dissertacao-WILSON-DOS-SANTOS-SOUZA.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

TAVARES, Alice Ferreira. **Artesanato com escamas e pele de peixe: um estudo sobre a produção de mulheres artesãs em Macaé-RJ**. Orientador: Wallace de Deus Barbosa. 2019. Monografia (Especialização) - CULTURA, PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO, Santo Antônio de Pádua, 2019.

TAVARES, Alice Ferreira. “Esta terra em que nasci, já não é mais a mesma”: Breve análise de crônicas de Antonio Alvarez parada sobre a cidade de Macaé. **XVII**

ENECULT Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, [s. l.], p. 1-10, 27 a 30 de julho de 2021. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132430.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

TAYLOR, Diana. Encenando a memória social: Yuyachkami. In: **Performances, Exílios, Fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. ARBOX, Márcia; RAVETI, Graciela (organizadoras). Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira. Cultura, identidade e memória: considerações teóricas sobre a cultura popular de Telêmaco Borba-PR. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios. 27 a 31 de jul. de 2015, Florianópolis, SC. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433274874_ARQUIVO_JulianaTeixeira_Anpuh2015.pdf. Acesso em: 28 abr 2022.

TRANSCRIÇÃO da Audiência Pública Ampliação Terminal de Cabiúnas: Projeto PLANSAL – Rota Cabiúnas. In: GUSMÃO, ANTÔNIO CARLOS. Transcrição da Audiência Pública Ampliação Terminal de Cabiúnas: Projeto PLANSAL – Rota Cabiúnas. [S. l.], [20--?]. Disponível em: http://arquivos.proderj.rj.gov.br/inea_imagens/downloads/audiencias_publicas/Transcricao_-_CABIUNAS_MACAE.pdf. Acesso em: 7 set. 2022.

TUAN, Yui - Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. [S. l.]: Difel, 1980.

VALENÇA, Alfeu de Melo. "Sou de Macaé e ela nunca deixará de ser minha...": [Entrevista]. In: GARCIA, Marilena Pereira; CARVALHO, Meynardo Rocha de. **Macaé Memórias Recentes**. 1ª. ed. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019. p.30-37.

VARGAS, Silvana Cristina B. **A cidade plataforma: memória e identidade em Macaé**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 191. 1997.

WAGNER, Gabriel Peretti. A vocação portuária de Macaé. In: SILVA, Scheila Ribeiro de Abreu *et al.* **Macaé do caos ao conhecimento**. Macaé: Prefeitura de Macaé, 2019.

WILLIAMS, Raymond. **A Cultura é de todos**. -, [s. l.], p. 1-12, 1958.

WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, São Paulo, SP, n. 65, p. 210-224, março/maio de 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13448/15266>. Acesso em: 28 abr. 2022.

WILLIAMS, Raymond. **The Long Revolution**. London: Pellican Books, 1965.

WYATT, Sandra O. **Imbetiba**. Macaé: 1978 (mimeo). In: CAUTIERO, G; FRANCO, C. V.; TAVARES, A. *Relatos e Personagens na História de Macaé*. Macaé: Prefeitura de Macaé, 2014.